

A Homoparentalidade na Perspetiva dos Jovens Universitários Portugueses: O Caso dos Estudantes da Universidade da Beira Interior

Versão Final Após Defesa

Inês Júlio Almeida Reis

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais
(2^o ciclo de estudos)

Orientador: Prof.^a Doutora Filomena Matias dos Santos
Co-orientador: Prof.^a Doutora Sandra Maria Bargão Saraiva Ferreira

janeiro de 2022

Agradecimentos

É inevitável realçar as pessoas que, de diversas formas, me ajudaram a finalizar esta etapa tão importante.

Não poderia deixar de agradecer à minha família por todo o apoio, pela força e pelo carinho que sempre me prestaram ao longo de todo o meu percurso académico, bem como, à elaboração da presente tese. Um agradecimento muito especial à minha mãe que esteve sempre presente e me auxiliou nos momentos mais difíceis. Ao meu pai que apesar de tudo me motivou a continuar. Agradecer também à minha avó por todo o encorajamento. Eles são os meus pilares principais, que me apoiaram e incentivaram ao longo de todo o percurso.

Ao meu namorado e a todos os amigos e colegas que de uma forma direta ou indireta, contribuíram, ou auxiliaram na elaboração da presente investigação, pela paciência, atenção e força que prestaram em momentos menos fáceis.

Quero agradecer também às minhas colegas de trabalho, pois sem a compreensão, a boa disposição e o à vontade delas não teria sido possível a conclusão da dissertação.

Agradeço também a todos os estudantes que se dispuseram em responder ao inquérito. Agradeço a vossa atenção e paciência, sem vós a recolha desses dados teria sido impossível. Por isso muito obrigada.

Não posso deixar de agradecer a todos os professores e professoras que me acompanharam no meu percurso académico na Universidade da Beira Interior.

E, por último, um especial agradecimento às minhas orientadoras, Professora Filomena e Professora Sandra que estiveram sempre presentes e sem elas nada disto teria sido possível, foram pedra angular para a realização desta investigação e estou-lhes muito grata.

Obrigada a todas as pessoas que contribuíram para o meu sucesso e para o meu crescimento como pessoa.

Resumo

A homoparentalidade em Portugal, assim como no resto do mundo, é um tema cada vez mais presente. Assim, a presente investigação tem como principal objetivo compreender como é que os/as estudantes da Universidade da Beira Interior encaram as pessoas homossexuais e as suas famílias, em particular, quais as atitudes dos/as jovens estudantes face à homoparentalidade. Para tal recorreremos a uma metodologia de base quantitativa e usámos como técnica de recolha de dados um inquérito por questionário *online*, no qual participaram 163 estudantes com idades compreendidas entre os 18 e 23 anos.

Algumas questões que guiaram esta pesquisa: Quais as atitudes dos jovens universitários em relação às famílias homoparentais? Será que têm uma posição favorável ou manifestam algumas atitudes negativas quanto ao facto de casais homossexuais criarem e educarem crianças?

Os nossos resultados mostram que os jovens estudantes da UBI não aderem a preconceitos flagrantes e manifestam atitudes positivas face à diversidade familiar, quer quando avaliam as competências parentais de pais gays e mães lésbicas, quer quando avaliam o bem-estar dos filhos. São as raparigas, os estudantes sem religião, os que se posicionam politicamente ao centro e à esquerda, assim como os que têm contacto interpessoal com homossexuais os que têm atitudes mais positivas.

Palavras-chave

Homoparentalidade; jovens; estudantes universitários; atitudes; género

Abstract

Homoparental families in Portugal, as well as in the rest of the world, is an increasingly theme. Thus, the main objective of this research is to understand how students at the University of Beira Interior face homosexual people and their families, in particular, what are the attitudes of young students towards homoparenthood. For this purpose, we used a quantitatively-based methodology and used an online questionnaire survey as a data collection technique, in wich 163 students aged between 18 and 23 participated.

Some questions that guided this research: What are the attitudes of university students towards homoparental families? Do they have a favorable position or do they have any negative attitudes towards homosexual couples raising and educating children?

Our results show that young students at UBI do not adhere to flagrant prejudices and manifest positive attitudes towards family diversity, whether when assessing the parenting skills of gay fathers and lesbian mothers, or when assessing the well being of their children.. Those who have more positive attitudes are girls, students with more educated mother, those who have no religion, as well as those who are politically positioned to the center and left and those who have interpersonal contact with homosexuals.

Keywords

Homoparenthood; young; college students; attitudes; gender

Índice

Introdução	17
Capítulo 1 – Corpo Teórico	19
1. Relações Familiares: Mudança e Diversidade	19
1.1. Conceito de família e pluralidade de formas familiares	19
1.2. Os significados de família: breve perspetiva histórica	21
1.3. (De) Igualdade de género, trabalho e família	26
2. As pessoas não-heterossexuais e as suas famílias: sexualidade e género no centro do debate	28
2.1. Movimentos sociais e coming out	31
2.2. Uniões de facto e casamento de pessoas do mesmo sexo	32
2.3. A Homoparentalidade	33
2.4. Parentalidade: quantos caminhos há no mundo?	34
2.5. São as famílias homoparentais diferentes das famílias heteroparentais?	37
3. Compreender os processos sociais simbólicos: Representações, valores e atitudes	39
3.1. As representações sociais	39
3.2. Os valores	42
3.3. As atitudes	44
4. Atitudes em relação à homossexualidade e homoparentalidade	45
4.1. Atitudes quanto à Homossexualidade e Homoparentalidade	45
4.1.1. Como os preconceitos afetam a parentalidade homossexual	54
4.2. Os receios com o bem-estar da criança	56
Capítulo 2 - Metodologia	60
1. Opções Teóricas e Metodológicas	60
2. Modelo de Análise e hipóteses de investigação	62
2.1. Hipóteses de investigação	62
3. Técnica de Recolha de Dados	63
3.1. Amostra	64
3.2. Instrumento de recolha de dados: o inquérito por questionário	65
3.2.1. Procedimentos de recolha de dados	67
3.3. Questões éticas	68
Capítulo 3 – Resultados	71
1. Caracterização sociodemográfica da população estudada	71

2. Análise e Discussão dos Resultados	76
Considerações Finais	102
Referências Bibliográficas	105
Anexos	119
Anexo 1: Parecer da Comissão de Ética da UBI	120
Anexo 2: Tabelas SPSS	121
Anexo 3: O Inquérito por Questionário	144

Lista de Figuras

Figura 1 – Modelo de análise

Figura 1.1. - Indicadores utilizados para analisar as atitudes dos jovens estudantes dos cursos de licenciatura da UBI

Figura 2 – Atitudes dos estudantes face às competências parentais

Figura 3 – Atitudes face às competências parentais de casais gays segundo o posicionamento político

Figura 4 – Atitudes dos estudantes face ao bem-estar e interesse da criança

Figura 5 – Atitudes face ao desenvolvimento psicossocial da criança segundo o posicionamento político

Figura 6 - Atitudes dos estudantes face à adoção por casais homossexuais

Figura 7.1. – Atitudes dos estudantes face à adoção segundo o posicionamento político

Figura 7.2. - Atitudes dos estudantes face à adoção segundo o posicionamento político

Figura 8 – Atitudes dos estudantes face à discriminação de crianças filhas de casais homossexuais

Figura 9.1. – Atitudes dos estudantes face à discriminação segundo o posicionamento político

Figura 9.2. - Atitudes dos estudantes face à discriminação segundo o posicionamento político

Figura 10 – Atitudes dos estudantes face à família e papéis de género

Figura 11.1. – Atitudes face à família e papéis de género segundo o posicionamento político

Figura 11.2. – Atitudes face à família e papéis de género segundo o posicionamento político

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Caracterização Sociodemográfica dos jovens estudantes da UBI

Tabela 2.1. – Atitudes face às competências parentais de casais gays segundo o sexo

Tabela 2.2. – Atitudes face às competências parentais de casais gays segundo a escolaridade da mãe

Tabela 2.3. – Atitudes face às competências parentais de casais gays segundo a religião

Tabela 2.4. – Atitudes face às competências parentais de casais gays segundo o contacto interpessoal com homossexuais

Tabela 3.1. – Atitudes face ao bem-estar e interesse da criança segundo o sexo

Tabela 3.2. – Atitudes face ao bem-estar e interesse da criança segundo a escolaridade da mãe

Tabela 3.3. - Atitudes face ao bem-estar e interesse da criança segundo a religião

Tabela 3.4. – Atitudes face ao bem-estar e interesse da criança segundo o contacto interpessoal

Tabela 3.5. - Atitudes face ao bem-estar e interesse da criança segundo a proximidade à temática

Tabela 4.1. – Atitudes face à adoção segundo o sexo

Tabela 4.2. – Atitudes face à adoção segundo a escolaridade da mãe

Tabela 4.3. – Atitudes face à adoção segundo a religião

Tabela 4.4. – Atitudes face à adoção segundo o contacto interpessoal

Tabela 5.1 – Atitudes dos jovens estudantes quanto à discriminação segundo o sexo

Tabela 5.2 – Atitudes dos jovens estudantes quanto à discriminação segundo a escolaridade da mãe

Tabela 5.3 – Atitudes dos jovens estudantes quanto à discriminação segundo a religião

Tabela 5.4 – Atitudes dos jovens estudantes quanto à discriminação segundo o contacto interpessoal

Tabela 6.1. – Atitudes face à família e papéis de género segundo o sexo

Tabela 6.2. - Atitudes face à família e papéis de género segundo a escolaridade da mãe

Tabela 6.3. – Atitudes face à família e papéis de género segundo a religião

Tabela 6.4. – Atitudes face à família e papéis de género segundo o contacto interpessoal

Lista de Acrónimos

UBI	Universidade da Beira Interior
<i>LGBT</i>	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgéneros
SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ILGA	Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo

Introdução

Devido aos processos de democratização e individualização das relações sociais emergem novas tipologias de famílias, alterando-se a sua composição e dimensão, surgindo, assim, as famílias homoparentais.

Estas famílias são compostas por uma pessoa ou casal, com filhos, que assume uma orientação não-heterossexual. Existem diferentes formas de acesso à parentalidade das pessoas não-heterossexuais, tais como a adoção, a coparentalidade e as técnicas de reprodução medicamente assistida, todas elas alvo de debate na arena pública.

As atitudes que se observam geralmente em relação a pessoas não-heterossexuais são influenciadas pelo preconceito, homofobia e heteronormatividade. Existe uma preocupação quanto ao desenvolvimento psicossocial da criança, por exemplo teme-se que a orientação sexual dos pais e mães homossexuais influencie a orientação sexual da criança e ainda que esta possa sofrer discriminação pelos pares na escola.

A escola, nomeadamente a universidade, constitui um importante espaço público para a promoção da cidadania, respeito pelas diferentes orientações sexuais e identidades de género, assumindo assim um papel importante contra a homofobia e comportamentos discriminatórios.

Definimos como objetivo geral compreender e analisar as atitudes dos/as estudantes da Universidade da Beira Interior em relação às pessoas homossexuais e as suas famílias. Alguns dos objetivos específicos passam por:

- Analisar se os estudantes universitários avaliam de maneira diferente as competências parentais, assim como o bem-estar e o desenvolvimento psicossocial das crianças nas famílias homoparentais e heteroparentais.
- Compreender a importância que os estudantes universitários atribuem à figura do pai/homem e da mãe/mulher, isto é, quais as suas atitudes face aos papéis parentais nas famílias em geral e, em particular, nas famílias de casais do mesmo sexo.
- Conhecer a perspetiva dos jovens estudantes em relação à formação de uma família homoparental, principalmente no que diz respeito à adoção como meio de acesso à parentalidade.

A presente dissertação está dividida em três capítulos. Inicia-se com o enquadramento teórico, onde se analisam as mudanças nas estruturas e modos de funcionamento familiar, referindo também os movimentos sociais que levaram à “saída do armário” e

aos direitos das minorias sexuais. Ainda dentro deste capítulo, abordam-se os diferentes métodos que as pessoas não heterossexuais adotam para se tornarem pais/mães. É também nesta secção que questionamos se existem diferenças entre a parentalidade homossexual e a parentalidade heterossexual. Antes de passar à revisão de literatura sobre a diversidade sexual e familiar, em particular, os estudos sobre atitudes face à homoparentalidade, apresentamos uma pequena secção na qual definimos conceptualmente representações sociais, valores e atitudes.

No segundo capítulo especificamos as nossas opções metodológicas. Definimos uma metodologia de base quantitativa, com recurso ao inquérito por questionário como técnica de recolha de dados. É também nesta parte que definimos as hipóteses, o modelo de análise e a amostra.

Por último, no capítulo 3 “Resultados” fazemos uma caracterização sociodemográfica da amostra e procedemos à análise e discussão dos dados.

Capítulo 1 – Corpo Teórico

1. Relações Familiares: Mudança e Diversidade

1.1. Conceito de família e pluralidade de formas familiares

“A família conjugal, tal como a vemos evoluir, encontra-se, pois, marcada por uma maior individualização das diferentes personagens, por um lugar mais importante dado à criança e ao adolescente, por uma maior complexidade das relações internas, por uma forma mais democrática de educação. Mas é sobretudo a posição privilegiada do casal que é notória.” (Lauwe e Lauwe, 1950, p.488)

De acordo com Wall, Cunha e Ramos (2014) o conceito de família diz respeito ao agregado doméstico - um grupo de pessoas que partilham o mesmo espaço físico e que podem estar ligadas por laços de parentesco ou por partilha de recursos, ou seja, com uma economia comum. Aboim (2003), por sua vez, distingue família de agregado doméstico, a família remete à existência de laços de sangue ou de aliança, enquanto o agregado doméstico tem por base o critério de co-residência entre indivíduos, que implica a partilha do mesmo teto e a partilha de recursos e de atividades. A família pode-se estruturar em função de laços de parentesco ou pode ser relativamente a pessoas que vivem sós ou pessoas unidas por outros critérios, como por exemplo estudantes ou amigos que partilham alojamento. Tendo por base o critério de co-residência, o conceito agregado doméstico é uma ferramenta necessária para identificar a pluralidade das formas de organização da vida privada (Wall, Cunha e Ramos, 2014).

Dias (2000, p.91) afirma que *“a família tem a sua origem no matrimónio”*, só a partir deste é que a mulher, o marido e filhos se encontram relacionados. No entanto, Giddens (2008) refuta esta afirmação, assegurando que o carácter de instituições como o casamento e a família mudou radicalmente. Alteraram-se as expectativas criadas pelas pessoas nas suas relações, estas últimas baseiam-se na confiança dependendo cada vez mais da colaboração e comunicação. Surge o companheirismo como uma união mais livre entre homem e mulher, não há uma supressão da família, mas uma evolução baseada no amor recíproco. Aboim (2005, p.302) acrescenta que se prevê um progressivo aumento de tipos de conjugalidade orientados pelo companheirismo modernista, o que diminui *“o peso da instituição matrimonial com as suas codificações normativas de papéis de género ou de valores institucionais assentes no respeito pelo casamento”*.

Há muito que os sociólogos e outros cientistas sociais procuraram identificar diferentes tipologias de família desde a nuclear, alargada, complexa e as famílias sem núcleo (por

exemplo as que são só irmãos). Atualmente observa-se uma grande diversidade de famílias e de formas de agregados familiares como a família nuclear, a recomposta, monoparental, homoparental, entre outras (Dias, 2000; Leandro, 2006; Baranoski, 2016). De acordo com Scavone (2001) a escolha reflexiva da parentalidade varia consoante a classe social e o país.

Apesar de estar associada à heteronormatividade, a família, diversificou-se a nível da conjugalidade e parentalidade (Santos e Dias, 2019). As mudanças que ocorreram revelam uma forte dinâmica de mudança social vivida pelas famílias portuguesas. A família contemporânea é mais exigente, no entanto, é frágil, com uma enorme capacidade de mudança e resiliência (Dias, 2007). Segundo Rodriguez e Paiva (2009) a família passa a ser um conjunto de indivíduos ligados entre si por uma aliança baseada em afetos que pode ou não possuir um vínculo consanguíneo.

O aumento da longevidade, desemprego, pobreza, exclusão social, leva a um aumento das famílias complexas/extensas, embora hoje minoritárias, estas são famílias formadas por dois ou mais núcleos familiares, isto é, um grupo de três ou mais gerações que vivem na mesma habitação ou muito próximas umas das outras, pode incluir avós, tios, etc. (Leandro, 2006; Giddens, 2008).

A família nuclear é a que sobressai, tanto no meio urbano como rural. É composta por pai, mãe e filhos biológicos ou adotados (Wall, 1993; Dias, 2000; Leandro, 2006; Giddens, 2008).

As famílias monoparentais são uma realidade presente nas sociedades contemporâneas (Giddens, 2008). Marinho (2014) afirma que a monoparentalidade é resultado dos processos de informalização e individualização na conjugalidade e na parentalidade, uma vez que as suas causas são o divórcio ou separação, e, já não tanto, a viuvez.

O movimento da recomposição familiar é uma consequência dos processos de dissolução (de casamentos anteriores). Assim, Giddens (2008, p.185) define a família recomposta como “uma família em que pelo menos um dos adultos tem filhos de um dos matrimónios anteriores”. Com o aumento da coabitação, do divórcio e dos nascimentos fora do casamento ocorre, também, um aumento das famílias recompostas. A recomposição familiar é mais comum quando não existem filhos comuns, sendo, também, mais frequente os homens recasarem (Ferreira, 2004; Giddens, 2008).

No que diz respeito à família homoparental pode ser entendida como uma forma de parentalidade exercida por uma pessoa ou por um casal que se designa como homossexual e que pretende ser pai/mãe. O termo surgiu em 1997, em França, pela Associação De Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas (Santos, Scorsolini-Fabio e Santos, 2012; Silva, Sousa e Fernandes-Eloi, 2017).

1.2. Os significados de família: breve perspectiva histórica

A Família, na Roma antiga, designava um conjunto de escravos e de servidores vivendo debaixo do mesmo teto sob as ordens do mesmo chefe, os filhos e a mulher; era um conjunto de elementos pessoais e patrimoniais sujeitos à autoridade do chefe. A heterossexualidade estava na base da constituição do casamento (Leandro, 2006).

Foi a igreja católica que foi moldando o Cristianismo a uma sociedade familiar europeia de tipo nuclear conjugal. A igreja proíbe práticas como a adoção, divórcio, coabitação, recasamento de viúvas, casamento no seio do parentesco, ruturas frequentes, etc. De modo a reforçar o peso da instituição casamento eleva-o à dignidade de sacramento indissolúvel. É importante realçar que a humanização de cristo levou a que a religião estabelecesse as normas do comportamento individual e familiar, apresentando a Sagrada Família como modelo (Leandro, 2006). A religião “era interpretada como elemento conciliador da vida estável da família” (Dias, 2000, p.94). A estabilidade era uma norma associada à conciliação da vida familiar, atualmente a religião é secundária, até o nascimento de um filho e o casamento são laicizados.

A nova forma de família proposta pela igreja baseia-se no livre consentimento dos cônjuges – acima de interesses materiais das famílias - e no casamento monogâmico, dando origem à família nuclear conjugal (Giddens, 2008; Leandro, 2006).

A família tradicional, típica das sociedades pré-modernas, era duplamente desigual, os homens dominavam as mulheres e os pais dominavam os filhos, havendo uma forte hierarquia, que espelhava a sociedade rígida e estratificada. Esta família deveria ser numerosa, pois isso era uma questão de prestígio e de orgulho, nomeadamente para a mulher (Lauwe e Lauwe, 1950; Dias, 2000).

A passagem de uma família tradicional – grupos domésticos extensos e complexos para uma família restrita/nuclear acentua-se a partir do século XVI. Isto ocorre devido aos efeitos das transformações económicas, da ação modernizadora dos Estados e devido à introdução de valores de autonomia doméstica, disciplina, privacidade e afeição. É importante salientar que a família nuclear não é uma invenção da

modernidade ou da industrialização, ela já surgia no Antigo Testamento (Dias, 2000; Leandro, 2006).

Com o renascimento aumenta o interesse pela criança (Leandro, 2006). A partir do século XV vai-se observar uma maior valorização da escola (E. Fonseca, 2008). Contudo, é no século XVII que a criança passa a ser vista como indivíduo social, e a sua saúde e educação é alvo das preocupações da família (Rodriguez e Gomes, 2012).

Do ponto de vista político as revoluções liberais introduziram o casamento civil, sendo o casamento religioso uma escolha privada, assim como o divórcio. Na burguesia os pais e os filhos têm aposentos separados dos criados, o que não acontecia antes, doravante excluem-se os criados das refeições de família. Em termos familiares há uma centralização nas pessoas e menos nas coisas (Leandro, 2006).

A partir do século XVIII é introduzido na família os valores de privacidade e afeição, assim nesse e no século seguinte, a intimidade, a laicização e a privatização da vida familiar são progressivamente preservadas, sendo a família moderna cada vez mais sentimental e educativa (Leandro, 2006). A pouca valorização da função produtiva é um sinal de mudança do lugar da criança na família (Cunha, 2005).

Se a família nuclear ou conjugal, quanto à sua estrutura não nasce com a Revolução Industrial, é sem dúvida a partir daqui que se desenvolve um conjunto de representações familiares que vão no sentido da sua privatização e sentimentalização (Santos, 2008).

A ideologia do amor romântico no século XIX, a par das transformações económicas, modifica o lugar das crianças e das mulheres na família. Da criança, enfoca-se, fundamentalmente, um retorno afetivo, e da mulher, uma total dedicação ao lar e à maternidade. Este é o modelo de família burguesa que emerge como norma ideal. A maternidade intensiva e o ideal da mulher-mãe tem como contrapartida a exclusão dos homens no universo privado da família e dos sentimentos (Santos e Dias, 2018).

Nos anos 50 a formação da família estava associada ao casamento, sendo poucas as ruturas familiares. Predominava a forma de família nuclear conjugal preconizada pela Igreja Católica e pela burguesia do século XIX: um casamento estável, a mãe ocupa-se da educação dos filhos, cuidados dos doentes e vida doméstica, sob autoridade do pai/marido (Almeida, 2013). Por volta dos anos 60, ocorrem profundas transformações na família (Leandro, 2006). A nível demográfico o casamento religioso e o número de filhos diminuíam, por outro lado, o divórcio e atividade profissional feminina

umentavam (Wall e Guerreiro, 2005). Aboim (2013) acrescenta que nestas décadas a sociedade era conservadora e rígida relativamente à temática da sexualidade, esta estava sob domínio da Igreja Católica e do Estado Novo e era vivida dentro do casamento heterossexual tendo como principal objetivo a reprodução.

As grandes alterações na vida familiar, nomeadamente às relações de género no casal, ocorreram em Portugal, mais tardiamente, com a Revolução de 25 abril de 1974 (Wall, 1993; Santos, 2011; Aboim, 2013). Durante a ditadura de Salazar haviam políticas pró-tradicionais de família que promoviam o homem enquanto modelo ganha-pão, provedor e chefe de família e o papel da mulher enquanto subordinada, a importância do trabalho doméstico da mulher e do cuidado dos outros era promovido pelo estado, igreja e organizações. As políticas de família após a transição para a democracia rejeitavam o modelo cultural de género anterior e introduziram o foco nas responsabilidades do estado para suportar homens e mulheres que trabalhavam a tempo inteiro (Wall, Cunha e Marinho, 2013).

Santos (2008) sublinha que antes, de ocorrerem todas estas alterações no seio da família, à ideia de família estava-lhe associada o casamento, este era a norma/instituição. Contudo, na segunda metade do século XX observa-se um declínio normativo e uma desinstitucionalização do casamento, verificando-se um crescimento e aceitação das uniões informais, assim como, uma forte valorização das relações amorosas e da igualdade de género (Wall, 1993; Moz, 2006; Santos, 2011; Ramos, Atalaia e Cunha, 2016; Gouveia e Moser, 2019; Santos e Dias, 2019). Ao mesmo tempo que o casamento religioso deixou de ser maioritário, a tradição e a religião católica deixaram também de ser, para a maioria dos portugueses, um suporte de legitimação. Contudo, a nossa sociedade é caracterizada por apresentar fronteiras mais nítidas e menos flexíveis quanto às uniões formais e não formais (Ferreira, 2004; Leandro, 2006; Giddens, 2008; Santos, 2008; M. Almeida, 2009). Substituem-se, assim, os valores da família associados às instituições como a religião e autoridade, sendo associados a valores de autonomia e realização pessoal, baseados na individualização (E. Fonseca, 2008). Santos e Dias (2018) garantem que estas alterações se refletem na modernização da família com os movimentos de privatização, sentimentalização, individualização e desinstitucionalização a que Portugal não é alheio.

A sociedade portuguesa assistiu na década de 90 a uma rápida modernização da vida familiar. Isto pode ser comprovado através da crescente informalização da conjugalidade - aumento da coabitação, como experiência duradoura ou prévia ao casamento, da separação entre casamento e parentalidade, no aumento do divórcio, das

famílias recompostas, do nascimento de filhos fora do casamento, das uniões de facto, do casamento civil e da taxa de atividade feminina, no entanto observa-se uma diminuição da natalidade, do número de filhos e o aumento da idade média do nascimento do primeiro filho (Aboim, 2003; Leandro, 2006; Baranoski, 2016). A procriação adquire um novo significado, sendo vista como fonte de gratificação e integração, que procura preencher uma necessidade emocional (Dias, 2000; Wall e Guerreiro, 2005; Santos, 2008).

A desinstitucionalização está associada ao processo de individualização¹. Uma vez que coloca ênfase nas escolhas do indivíduo, na realização dos seus projetos individuais, na emancipação e autonomia pessoal e numa maior liberdade para inventar a vida privada. No entanto, conforme salientam Santos e Dias (2019) o movimento de individualização não atinge a todos da mesma maneira, variando segundo os contextos sociais e o género.

A procura da igualdade resulta da interiorização de novos estilos de vida, que promovem novas formas de organização familiar. Se por um lado ainda se observa a persistência da figura do homem ganha-pão, por outro as atitudes liberais enquanto ideais de feminilidade parecem depender do processo de modernização da sociedade portuguesa com as suas especificidades (Aboim, 2010, b).

De acordo com Wall e Guerreiro (2005) o movimento de privatização da conjugalidade surge associado à emigração nos anos 60 e 70, à melhoria das condições de vida, à crescente feminização da população ativa e às alterações de valores, sobretudo a seguir ao 25 de abril.

O trabalho remunerado deixa de ser uma característica dos homens, aumentando a escolarização feminina e a mudança do estatuto social e familiar da mulher (Dias, 2007; Leandro, 2006; E. Fonseca, 2008; Rodriguez e Gomes, 2012).

Vários autores partilham a ideia de que o aumento acentuado da participação feminina no mercado de trabalho é uma das mudanças que teve mais impacto na organização da vida familiar (Amâncio e Wall, 2004; Dias, 2007; Aboim, 2010, b; Santos, 2011; Neves, 2016). O advento da modernidade e das novas tecnologias, nomeadamente na **contraceção**, deu às mulheres a possibilidade de escolha e levou ao adiamento no primeiro filho. A difusão dos métodos contraceptivos contribuiu para a separação entre a esfera da sexualidade e a esfera da reprodução (Dias, 2000; Scavone, 2001). Quanto

¹ O processo histórico de individualização que acompanha as grandes tendências da modernização da vida familiar significa que o indivíduo passa a ser unidade central das relações sociais.

mais independentes se tornam as mulheres, mais elas contrariam o sistema de género masculino dominante, e, conseqüentemente, mais as suas atitudes diferem dos homens (Aboim, 2010, b).

A “revolução” no domínio privado e da intimidade protagonizada pelas mulheres nomeadamente com a dissociação entre sexualidade e reprodução não beneficiou apenas as mulheres, mas também os homossexuais no sentido da sua progressiva aceitação social e particularmente da parentalidade homossexual. Colocando o foco nos jovens, Machado (2014) e Pais (2012) sublinham que a individualização modelou a intimidade no mundo contemporâneo. São os jovens que decidem a sua intimidade e as suas relações, como com quem andam, são eles que decidem quanto ao aborto e às inclinações sexuais.

Do ponto de vista da sociologia da família ocorre um processo de transição de um modelo de família baseado na divisão estrita de papéis sociais de género para um modelo mais igualitário em que ambos os cônjuges contribuem para o rendimento da família (Dias, 2007). Relativamente às novas perspetivas na sociologia da família, estas preocupam-se com as grandes transformações que têm vindo a ocorrer nas formas e modos de funcionamento familiares, como o crescimento do divórcio e dos agregados monoparentais e recompostos, o aumento da coabitação e o declínio da taxa de natalidade, a emergência das famílias homossexuais e a sua maior visibilidade. A sociologia da família tem também prestado atenção à relação entre o Estado e as famílias, analisando, em particular, as políticas familiares (Wall, 2005; Moz, 2006; Giddens, 2008).

Pode-se entender que as famílias, em Portugal, asseguram grande parte da providência (sociedade-providência), substituindo o estado quanto às funções de assistência, uma vez que o Estado-Providência português é caracterizado por um modelo residual, conservador, com subsídios baixos e equipamentos e legislação insuficientes. Este conceito – sociedade-providência - sugere a existência de um familiarismo forte e de laços familiares extensos que compensam a ausência do estado (Wall, 2005).

Em suma, se historicamente a família perdeu algumas das suas funções (económicas, de socialização, etc.) ela ganhou outras, contrariando a ideia de “crise familiar” atual.

“A família não é do passado, a família foi do passado, é do presente e será do futuro, mesmo que paralelamente tenha de suportar as crises sociais” (Dias, 2000, p.98), que a desgastam. Leandro (2006) afirma que não há uma debilitação na família mas uma afirmação de novos valores familiares. Esta condição é resultado do próprio processo e

dinâmica social que reflete as mudanças que ocorreram tanto nas estruturas como nas relações que definem a família.

1.3. (De) Igualdade de género, trabalho e família

A mudança dos contextos políticos e normativos levou à combinação de velhas e novas tendências nas formas familiares e nos papéis de género (Wall, Cunha e Marinho, 2013). No que diz respeito à igualdade dos sexos, esta ainda não é verificável, porém, a mulher vai alcançando uma igualdade de direitos, podendo ingressar na vida económica e participar ativamente na vida social, havendo um declínio do modelo do homem enquanto ganha-pão (Lauwe e Lauwe, 1950; Wall, Cunha e Marinho, 2013). Isto está associado às mudanças nos modelos culturais de género que sustentam a divisão do trabalho na família, mas também ao comportamento das famílias em relação ao mercado de trabalho (Wall, Aboim e Marinho, 2010; Aboim, 2010, b).

Observa-se uma tendência da modernização, particularmente, em favor da participação dos homens nas tarefas domésticas e no cuidado das crianças. Os ideais e valores de feminilidade ainda colocam a maternidade nos valores de família e de género (Aboim, 2010, b). O principal obstáculo à mudança do homem nas famílias portuguesas é a ideia enraizada de que a mulher é diferente, porque é mãe e as mães são insubstituíveis (Santos e Dias, 2018). “A mulher tem um papel a desempenhar em todos os campos: familiar, profissional, político e outros, papel que é tão importante como o do homem; mas imprime-lhe uma nota pessoal diferente” (Lauwe e Lauwe, 1950, p.487).

O homem encontra-se muitas vezes separado da família devido ao seu trabalho profissional e aos seus horários (o pai praticamente não vê os filhos), no entanto, deixa de ser o único que suporta a família a nível financeiro, passando a participar mais nos trabalhos domésticos (Lauwe e Lauwe, 1950; Amâncio e Wall, 2004).

Os homens valorizam a conexão entre casamento e filhos, enquanto as mulheres têm uma visão mais relacional e menos institucional da conjugalidade. (Santos, 2011) Giddens (2008) sublinha que atualmente devido ao divórcio, os pais têm pouco contacto com os filhos. De facto, as políticas de família, em Portugal, em relação aos direitos paternais e ao envolvimento dos homens na vida privada representa um projeto mais sofisticado da visão da igualdade de género, no qual igualdade não é apenas um assunto que diz respeito às mulheres (Wall, Cunha e Marinho, 2013).

De acordo com Santos, Scorsolini-Fabio e Santos (2012) o papel do pai deveria ir para além de provedor, incluindo o convívio com os filhos, observando e contribuindo para o

seu processo de desenvolvimento - o convívio entre pais e filhos é benéfico para as crianças e para o homem.

É através da mulher-a-dias que as mulheres com capitais escolares mais elevados conseguem conciliar a vida profissional com a vida familiar (Amâncio e Wall, 2004). Esta figura propicia mais igualdade, no entanto, esta igualdade só é possível porque há uma transferência do trabalho doméstico para outra mulher com menores capitais escolares e profissionais, o que reproduz uma ordem social marcada pela desigualdade (Amâncio e Wall, 2004; Aboim, 2005, b).

As mulheres mais escolarizadas e ativas (empregadas) vivem negativamente o aumento das tarefas domésticas porque valorizam outros espaços de realização pessoal. Apostam na vida profissional e procuram a conciliação deixando os filhos ao cuidado de amas ou creches (Lalanda, 2005). Os problemas de conciliação entre a vida profissional e familiar dificultam muitas vezes a transição para o segundo filho (Cunha, 2005). Giddens (2008) constata que cada vez mais se observam mulheres que decidem não ter filhos, isto porque enquadram esta decisão no contexto de outras motivações da sua vida, como os objetivos profissionais e a autonomia pessoal.

Há uma conflitualidade nos discursos, pois apesar da crescente procura por uma igualdade de género, a sociedade portuguesa continua a associar as mulheres à maternidade. O facto de estas trabalharem é visto, ainda, como um problema para o desenvolvimento da criança, como mostram os grandes inquéritos realizados a nível europeu (Amâncio e Wall, 2004).

Quanto à divisão das tarefas domésticas, segue-se um padrão tradicional, ou seja, são os homens que passam menos tempo a desempenhar tarefas domésticas (Amâncio e Wall, 2004; Wall e Guerreiro, 2005). Verifica-se assim, segundo Santos (2011), que a igualdade de género varia consoante os percursos e biografias individuais, os capitais das mulheres, e principalmente quando está em jogo uma posição social superior ou ligeiramente mais favorecida que a do cônjuge.

Em suma, no que diz respeito à individualização e à igualdade nas dinâmicas de conjugalidade, em contextos pouco qualificados as formas de organização familiar aproximam-se do modelo tradicional, menor profissionalização das mulheres e menor participação doméstica do cônjuge. No entanto também se observa nestes meios a modernização, pois são estes que acabam por excluir o casamento das suas trajetórias sociais permanecendo em união de facto. Nos grupos mais escolarizados e com maiores

níveis de rendimento é que mais vezes se acaba por casar a seguir a um período de coabitação informal (Aboim, 2005, a).

Os jovens, atualmente, são uma geração caracterizada por importantes transformações socioculturais como o aumento da presença da mulher no mercado de trabalho. A família perdeu alguma da relevância que tinha. Há uma democratização na relação entre pais e filhos, com maiores liberdades, companheirismo e uma autoridade mais subtil. Os valores da esfera da vida íntima e privada individualizaram-se, libertando-se dos quadros tradicionais – levando a atitudes mais tolerantes e liberais, nomeadamente em matéria de sexualidade (Pais, 2012).

2. As pessoas não-heterossexuais e as suas famílias: sexualidade e género no centro do debate

Nas sociedades contemporâneas existem contrariedades. Apesar de estas se afirmarem defensoras da igualdade as relações sociais mantêm ainda uma posição discriminatória quanto à homossexualidade (Baranoski, 2016). Sendo a afetividade parte integrante das relações humanas tem que ser garantida como um direito humano, independentemente da orientação sexual. Existe atualmente um menor controlo da vida e as formas de organização da vida familiar são cada vez mais diversificadas – a família nuclear heterossexual e biparental já não é a única possibilidade (Almeida, 2004; Baranoski, 2016).

Também na vida íntima e sexual ocorreram mudanças, procurando-se, cada vez mais, um discurso igualitário, contrastante com a ordem tradicional de género das gerações mais velhas, apesar de se abordar mais o prazer sexual feminino e a aproximação dos comportamentos das mulheres aos padrões de diversidade masculinos – mais parceiros e maior atividade sexual. Assim, tanto homens como mulheres procuram autonomia e realização. Contudo, ainda existe uma dominação masculina, sendo o género ainda um forte princípio de organização da realidade e de persistência do duplo padrão no qual a mulher surge como dependente da orientação e da iniciativa masculina (Neves, 2016).

Na antiguidade, nas civilizações politeístas, aprovava-se a relação entre dois homens, desde que respeitadas as diferenças de status social. Contudo com o fortalecimento do Cristianismo condenou-se todo o ato sexual que não se destine exclusivamente à procriação e dentro do casamento. Com a ciência a apoderar-se da vida humana, a homossexualidade passa a ser vista como patológica (Leandro, 2006).

De acordo com Farias (2010) o reconhecimento da homossexualidade como orientação sexual apenas ocorreu na década de 70, com o Movimento de Liberação Gay. Porém, Miguel Almeida (2009), Aboim (2013) e Baranoski (2016) constataam que a discussão em relação à homossexualidade dá-se nos anos 80, decorrente da preocupação com a saúde pública. A associação da SIDA à homossexualidade reforçou a discriminação pois os homossexuais eram vistos como promíscuos e perversos. Foi na década de 80 que os homossexuais começaram a “sair do armário”, ao mesmo tempo que surge um discurso normalizador da homossexualidade e mobilizador das suas especificidades identitárias (M. Almeida, 2009; Farias, 2010).

Segundo M. Almeida (2009) é a partir daqui que se dá o *boom* nos estudos LGBT com o surgimento da teoria queer que procura romper com a heterossexualidade hegemónica.

A verdade é que a passagem do século XX para o XXI foi marcada por várias mudanças. A visão de uma sexualidade exclusivamente para a procriação é condenada e desajustada, baseando-se hoje na ética do prazer como ideal desejável, fundamentada num individualismo livre de constrangimentos (Aboim, 2013).

A heterossexualidade é a atração sexual e/ou o envolvimento emocional e amoroso com pessoas de sexo diferente e está, geralmente, associada à ideia de normalidade (Farias 2010; Oliveira, 2010).

A bissexualidade diz respeito à atração sexual e/ou envolvimento emocional e amoroso com pessoas de ambos os sexos (Oliveira, 2010). Para Almeida (2004) os seres humanos nascem bissexuais, mas são domesticados para a desigualdade social entre homens e mulheres, para controlar a reprodução feminina, para a repressão dos instintos homossexuais e o ensino e promoção da heterossexualidade. Segundo Costa et al (2010) associa-se a bissexualidade à promiscuidade e a um grau de confusão identitária. No estudo de Santos e Dias (2018) verifica-se que alguns dos entrevistados afirmaram ser bissexuais para não sofrerem tanto preconceito, uma vez que a bissexualidade é melhor aceite que a homossexualidade. Também os membros das suas famílias alimentam a esperança que a bissexualidade fosse apenas uma fase reversível. Assim a bissexualidade revelou ser para alguns entrevistados uma estratégia que se aproxima da heteronormatividade ideal (Santos e Dias, 2018). A heteronormatividade é a manutenção da heterossexualidade como norma, como uma categoria de poder dominante (Costa et al, 2010; Oliveira, 2010).

Oliveira (2010) afirma que a transsexualidade enquanto conceito refere-se aos indivíduos que se identificam com um género diferentes daquele que é o seu género

biológico. Remete para mudanças provocadas a nível hormonal, que nem sempre, mas necessariamente são acompanhadas de intervenção cirúrgica. O transgenderismo, por sua vez, surge no final do século XX, e pretende abarcar todas as identidades ou expressões de género fora das normas de género convencionalmente aceites.

A homossexualidade é quando existe atração sexual e ou envolvimento emocional ou amoroso por pessoas do mesmo sexo (Oliveira, 2010). Muitas pessoas ainda observam a homossexualidade como opção. No entanto, segundo Farias (2010), a opção apenas reside na escolha de contar ou não para a sociedade sobre os seus desejos homossexuais, ou seja, de se assumir ou não perante o social, e não uma opção de sentir ou não atração por pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto.

Segundo França (2009) o processo da descoberta da homossexualidade é difícil, havendo um sentimento de stresse por parte de quem se revela perante a família, amigos e comunidade. Este processo revela-se mais ou menos difícil consoante o grau de proximidade do jovem com a sua família, bem como os valores e contextos sociais de pertença. Muitas vezes, devido à falta de compreensão dos membros da família os jovens procuram apoio nas redes sociais e junto dos amigos. De acordo com C. Fonseca (2008) os amigos são a rede de apoio mais segura e duradoura dos homossexuais.

M. Almeida (2009) observa que o processo de revelação da orientação sexual, conhecido como a “saída do armário” (*coming out*), é um ato primordial de libertação. O armário designa o ocultamento e o silenciamento da identidade gay ou lésbica (Costa et al, 2010). Segundo Farias (2010) esta repressão sexual indica quais os comportamentos sexuais que são considerados certos ou errados numa dada cultura e numa determinada época. As regras e as suas consequências são exteriores ao indivíduo, porém através de processos sociais como a educação elas são internalizadas e se forem transgredidas transformam-se em culpa e vergonha, ou seja, passam a ser elementos internos ao indivíduo. Por isso os homossexuais vêem-se a si próprios como desajustados e escondem as suas emoções e desejos para se sentirem aceites e se adequarem à heteronormatividade – homofobia internalizada (Almeida, 2004). Segundo França (2009) é devido a esta pressão pela aceitação social que os homossexuais internalizam a homofobia. Exemplo deste tipo de homofobia foi presenciado no estudo de Eccel, Saraiva e Carrieri (2015) no qual os próprios homossexuais associavam a sua orientação a um distúrbio.

Almeida (2010) assinala dois principais acontecimentos considerados fundamentais para os avanços legislativos quanto aos direitos das pessoas não heterossexuais. O primeiro, a nível médico, foi a despatologização da homossexualidade, em 1991 pela

Organização Mundial de Saúde, Farias (2010) acrescenta a alteração da palavra homossexualismo (associada à doença) para homossexualidade (relacionamento sexual e afetivo entre pessoas do mesmo sexo). A palavra homossexualidade foi criada para descrever o relacionamento sexual e afetivo entre pessoas do mesmo sexo (Caldas et al, 2013). M. Almeida (2009) refere que a nível jurídico ocorreu uma descriminalização, assim, em 1981 condena-se a discriminação contra a população homossexual e em 1982 é descriminalizada em Portugal. Estas modificações alteraram a forma de ver a homossexualidade, contudo ainda é observável o preconceito (Oliveira et al, 2010; Caldas et al, 2013). Foi com a legalização do aborto em 2007 que ocorreram mudanças sociais que abriram debate para as questões da orientação sexual LGBT (M. Almeida, 2009).

2.1. Movimentos sociais e coming out

As liberdades foram conquistadas através de diversos movimentos sociais e activismos políticos. A emancipação sexual só foi possível devido ao facto de se ter tornado uma questão pública e não meramente individual. Em Portugal, apesar da sua emergência tardia, as lutas por direitos e cidadania sexual foram protagonizadas pelos movimentos LGBT e apoiadas por organizações feministas, sobretudo a partir da década de 90 (Aboim, 2013).

A luta pela legitimação da família homoparental começou em meados do século XX em alguns países da Europa e nos EUA através de movimentos ativistas a favor da igualdade de direitos de pessoas homoafetivas. Estes movimentos sofreram a influência do feminismo que abriu fissuras na estrutura do patriarcado, permitindo que existissem condições para que os homossexuais exprimissem a sua sexualidade e as suas relações homoafetivas de forma menos oprimida. Servindo, assim, de porta de entrada para o estabelecimento da família homoparental (Tannuri e Silva, 2019).

A esfera política passa a ser sensibilizada para a necessidade de algumas alterações para o fim da homofobia, a igualdade no acesso ao casamento civil, o fim da discriminação na lei de procriação medicamente assistida e a criação de uma lei da identidade de género. Na década de 90 há um incremento em torno dos direitos civis, nomeadamente, relacionados com as formas conjugais, familiares, parentais e reprodutivas (Almeida, 2010).

Mas no final do século XX é que se dá importância à questão da orientação sexual do indivíduo, isto devido aos movimentos sociais que surgiram em defesa dos direitos homossexuais (Baranoski, 2016). Tal como refere Costa (2012) só em 1990 é que os

estudos se começaram a preocupar com a orientação sexual, sendo que muitas vezes a homossexualidade era vista como uma razão para não atribuir a custódia das crianças como é o caso apresentado por Santos et al (2009) que foi atribuída a custódia da criança à mãe porque o pai era homossexual e isso poderia pôr em causa o desenvolvimento psicossocial da filha.

Em Portugal nos anos 90, dois grupos ganharam visibilidade, o Grupo de Trabalho Homossexual (GTH) e a associação ILGA-Portugal. O primeiro é uma crítica radical ao patriarcado e à heteronormatividade, demonstrando empatia com as perspetivas queer. A associação ILGA é a principal organização LGBT, foi criada em 1995/6 que surge na sequência pós-traumática da SIDA. Esta associação procura a integração social das pessoas não-heterossexuais e das suas famílias através da obtenção de igualdade de direitos, do reconhecimento da conjugalidade e parentalidade, pretendendo eliminar toda e qualquer discriminação LGBT no nosso país (M. Almeida 2009; Almeida, 2010).

Os principais problemas do movimento LGBT enumerados por M. Almeida (2009) são a própria estrutura familiar e sexual da sociedade portuguesa cúmplice de uma enorme dificuldade nos processos de saída do armário; as causas LGBT correm o risco de serem veiculadas apenas por partidos políticos devido à escassa adesão militante e ativista ao movimento, problema que atinge os movimentos sociais mas que é mais preocupante quando se trata de um movimento minoritário.

2.2. Uniões de facto e casamento de pessoas do mesmo sexo

Segundo Giddens (2008) as relações entre homossexuais são construídas e negociadas fora das normas e linhas de orientação que governam muitas uniões heterossexuais não apenas porque foram excluídos da instituição do casamento, como também porque os papéis tradicionais do género não são aplicáveis aos casais do mesmo sexo. No entanto isto altera-se quando a união de facto entre pessoas do mesmo sexo, em 2001, foi reconhecida em Portugal (Aboim, 2013).

A lei das uniões de facto foi um marco fundamental no que diz respeito aos direitos LGBT porque estabeleceu a possibilidade da igualdade, tornando o assunto dos casais do mesmo sexo e das suas famílias num assunto político visível (Almeida, 2010). Para o movimento LGBT o momento mais marcante após a aprovação das uniões de facto foi a alteração do 13º artigo da constituição, no qual foi incluída a orientação sexual no princípio da igualdade – este artigo explicita as razões pelas quais ninguém pode ser discriminado ou privilegiado (M. Almeida, 2009; Almeida, 2010).

A aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, em 2010, é a transformação da lógica do casamento em termos da abrangência de novas categorias de indivíduos, neste caso definidos pelo sexo e pelo gênero (M. Almeida, 2009). Assim, as pessoas homossexuais puderam casar, com os mesmos direitos dos heterossexuais, ocorrendo uma ligeira diminuição da discriminação em relação aos indivíduos LGBT (Costa et al, 2010; Aboim, 2013).

É curioso que apesar das mudanças recentes, do casamento civil (2010) e da adoção por parte de casais homossexuais (2016) em Portugal, todos os entrevistados de Santos e Dias (2018) começaram pela coabitação conjugal sem casamento, sendo que apenas um pretende casar, isto é interessante uma vez que o casamento entre pessoas do mesmo sexo foi uma das conquistas mais importantes relativamente aos direitos LGBT.

2.3. A Homoparentalidade

Com o aparecimento de novos modelos familiares, novas formas de conjugalidade e parentalidade, as famílias homoparentais surgem num contexto de dúvidas e incertezas, uma vez que desafiam a heteronormatividade - sobretudo no domínio do gênero, sexualidade, família e parentesco (Moz, 2006; M. Almeida, 2009) - e a primazia do modelo heterossexual de família (Rodriguez e Gomes, 2012; Almeida, 2013; Santos e Dias, 2018). A homoparentalidade não é diferente de outras formas de organização familiar, no entanto obriga a repensar as categorias básicas do parentesco e indicia a superação da homofobia (C. Fonseca, 2008).

A emergência das famílias homoparentais enquanto categoria social está relacionada com a importância social e política adquirida pela APGL (Association des Parents et futurs parents Gays et Lesbiens) criada no início dos anos 80. Esta associação reunia, inicialmente, homens e mulheres divorciados e com filhos que passaram a assumir-se como homossexuais (Tarnovski, 2013). O termo homoparentalidade é um neologismo criado para designar um agregado familiar constituído por um subsistema parental formado por uma pessoa ou um casal que assumiu uma orientação homossexual, e um ou vários filhos de pelo menos um desses adultos, ou então que tem a intenção de ser pai ou mãe de uma criança (Costa, 2012; Rodriguez e Gomes, 2012; Xavier, Alberto e Mendes, 2015; Rezende et al, 2019). Assim, a homoparentalidade diz respeito à parentalidade em casais homossexuais, ou quando, pelo menos, a um adulto homossexual assume a parentalidade de uma criança ou adolescente (Rodriguez e Paiva, 2009; Araldi e Serralta, 2016).

Santos e Dias (2018) concluem que a homoparentalidade teve um papel importante na desinstitucionalização e individualização das relações familiares e de género em Portugal. Este tipo de família aparece no contexto do surgimento de outras parentalidades como a adoção e famílias reconstituídas, nas quais o parentesco passa a ser associado à intensidade e qualidade dos laços humanos e menos à biologia (M. Almeida, 2009).

2.4. Parentalidade: quantos caminhos há no mundo?

C. Fonseca (2008) afirma que as práticas de parentalidade vão para lá dos valores do casal uma vez que são resultado das possibilidades institucionais que circundam a reprodução. A homoparentalidade ilustra este desafio ao ser reivindicada como um direito de família e como um direito sexual e humano. Baranoski (2016) afirma que é através dos diferentes métodos utilizados pelas pessoas não-heterossexuais para aceder à parentalidade que se está a efetivar o pleno exercício da cidadania garantida através dos princípios de igualdade, liberdade e dignidade da pessoa humana.

A diversidade de formas e arranjos familiares ocorre, em grande parte, devido às dificuldades que as pessoas LGBT têm em atingir a parentalidade biológica e adotiva, sendo estas em certos países, quase exclusivas das famílias heteroparentais (Costa, Pereira e Leal, 2012).

Os sociólogos e outros estudiosos do assunto são unânimes em considerar a parentalidade como um fenómeno complexo (Araldi e Serralta, 2016). Inicialmente grande parte das famílias homoparentais eram famílias reconstituídas, que surgiam na sequência de um divórcio ou separação acompanhado de *coming out* (“saída do armário”) de um pai ou de uma mãe como homossexuais. Através das mudanças legais e sociais são possíveis diferentes formas de parentalidade (Costa, Pereira e Leal, 2012).

Como referido, anteriormente, a recomposição familiar foi a forma inicial e mais comum de parentalidade adotada pelos homossexuais. Esta ocorre quando um membro do casal homossexual traz para a sua relação um filho de uma relação heterossexual anterior (Passos, 2005; Zambrano, 2008; Rodriguez e Paiva, 2009; Gato, Fontaine e Carneiro, 2010; Costa, Pereira e Leal, 2012; Tarnovski, 2013; Xavier, Alberto e Mendes, 2015; Araldi e Serralta, 2016). Segundo Costa, Pereira e Leal (2012) nos países onde não é legal recorrer a diferentes formas de parentalidade a grande maioria das famílias homoparentais são ainda constituídas por filhos provenientes de relações heterossexuais anteriores. O caso de Silva Mouta (Santos et al, 2009), já invocado, é a história de um homem que se divorcia após a revelação da sua orientação homossexual,

passando a viver em conjugalidade com outro homem. O conflito que se seguiu em torno da guarda da filha foi um caso bastante divulgado na comunicação social e que deu visibilidade aos direitos dos pais gays.

A barriga de aluguer é outra forma de ter acesso à parentalidade (Gato, Fontaine e Carneiro, 2010; Araldi e Serralta, 2016). Costa, Pereira e Leal (2012) afirmam que os homens por estarem impossibilitados decorrer à inseminação artificial procuram, desde que a legislação permita, recorrer à barriga de aluguer.

A adoção homoparental, um dos métodos mais recorrentes, pode ser conjunta ou individual. É quando o casal adotante é constituído por homossexuais ou por apenas um indivíduo que se declara homossexual (Passos, 2005; C. Fonseca, 2008; Zambrano, 2008; Rodriguez e Paiva, 2009; Gato, Fontaine e Carneiro, 2010; Costa, 2012; Tarnovski, 2013; Xavier, Alberto e Mendes, 2015; Rezende et al, 2019). Segundo Baranoski (2016, p.95) através da adoção estamos a garantir o direito de cidadania às crianças e jovens institucionalizados, pois mantê-los institucionalizados “é diminuir a perspetiva da efetividade de cidadania”. No entanto Costa, Pereira e Leal (2012) relembram que nem sempre é possível a adoção pelo casal, sendo que muitos casais homossexuais optam por adotar de forma singular.

Também as técnicas de reprodução medicamente assistida são adotadas, como é o caso da inseminação artificial realizada com o sémen de um doador (Zambrano, 2008; Rodriguez e Paiva, 2009; Xavier, Alberto e Mendes, 2015). Pode ser o caso de um casal de mulheres ou de uma mãe substituta que gera um filho com o sémen de um dos parceiros do casal homossexual masculino (Passos, 2005; C. Fonseca, 2008; Gato, Fontaine e Carneiro, 2010; Costa, 2012; Tarnovski, 2013).

Costa, Pereira e Leal (2012) afirmam que a inseminação artificial tornou possível para as mulheres lésbicas conceberem uma criança e educarem-na sozinhas ou numa relação conjugal. Contudo, em países onde isso não é permitido faz-se de forma privada com recurso a doação de esperma (inseminação caseira) ou recorrendo a clínicas no estrangeiro, para as mulheres com maior poder económico. Machado (2014) acrescenta que as técnicas de reprodução medicamente assistida surgiram, em Portugal, em 2006, e aparentava, expandir as possibilidades reprodutivas para os que não podiam ter filhos de forma natural, contudo, acabaram por ser um mecanismo gerador de desigualdades no acesso aos cuidados de saúde.

A coparentalidade surge como outra modalidade na diversidade de caminhos possíveis de aceder e construir a parentalidade homossexual. Diz respeito aos acordos

coparentais que são feitos entre o casal homossexual e outra pessoa/casal do sexo oposto com a finalidade de procriação (Zambrano, 2008; Xavier, Alberto e Mendes, 2015). Mais especificamente, estes acordos podem ser entre um dos membros do casal homossexual que gera um filho com um homem ou mulher (não necessariamente homossexual) e este filho passa a fazer parte do núcleo parental de um dos pais biológicos (Passos, 2005). Tarnovski (2013) considera, por sua vez, que a coparentalidade corresponde a arranjos familiares criados por gays e lésbicas que se associam com um parceiro do outro sexo para procriar, com ou sem relações sexuais, e criar a criança gerada em situações variadas de residência alternada.

C. Fonseca (2008) exemplifica com o caso da França na qual a coparentalidade é o acesso mais comum à parentalidade por parte dos homens gays, uma vez que a adoção por indivíduos solteiros é, por um lado, de difícil concretização devido aos obstáculos levantados pelas administrações e, por outro, a barriga de aluguer é ilegal. As mulheres, por sua vez, têm os seus filhos preferencialmente através de inseminações artificiais realizadas com espermatozoides de doadores anónimos (Tarnovski, 2013).

C. Fonseca (2008) observa, entre as lésbicas, um desejo crescente de implicar ambas as mães na procriação, por exemplo, uma doa o óvulo enquanto a outra faz a gestação. Estes dados parecem indicar a vontade de preservar e privilegiar o laço biológico da maternidade. Hoje a tecnologia possibilita que as duas mães sejam biológicas, no entanto, ainda é comum concentrar as tecnologias numa só mulher – que será mãe genética e gestante. Neste caso só os técnicos que parecem demonstrar dificuldade em conceber a existência de duas mães. Quanto às mães observa-se que quando a uma delas não possui um laço biogenético com o filho, o casal procura estratégias informais para naturalizar a relação, escolhendo, por exemplo, o espermatozóide de um mexicano porque a mãe que não a gestante é mexicana. Estas práticas demonstram como as pessoas vão atribuindo novos significados ao laço biogenético através da sua (re)atualização e (re)configuração.

É de notar o papel da pessoa que não foi responsável pela conceção biológica do filho, uma vez que a atribuição de sentidos a este agente permitirá aos pais construírem os seus lugares e funções perante os filhos (Passos, 2005). Moz (2006) assume que é importante definir os nomes das relações dentro da família, por exemplo pai/mãe social. O reconhecimento do filho decorre, principalmente, do modo como ele foi imaginariamente concebido pelos pais.

Através do estudo elaborado por Costa (2012) foi possível constatar que uma das preocupações das mães é se a mãe biológica tem algum acidente a criança é

institucionalizada, uma vez que a mãe social é vista, quase sempre, como uma estranha, inclusive aos olhos dos poderes judiciais. Costa, Pereira e Leal (2012) definem as mães sociais como mães não biológicas que asseguram as funções parentais, estas costumam envolver-se mais nas tarefas domésticas e cuidados infantis, tendo também menos comportamentos de imposição de limites e demonstrações de poder do que os pais heterossexuais.

Podemos assim perceber que a construção da parentalidade homossexual, através de vários caminhos possíveis desconstrói o conceito de família baseada na lógica binária dos sexos e centrada na heteronormatividade (Silva, Sousa e Fernandes-Eloi, 2017).

2.5. São as famílias homoparentais diferentes das famílias heteroparentais?

As atitudes mais negativas face à homoparentalidade passam pela ausência de um sexo (masculino ou feminino) na educação das crianças, que deveria garantir o modelo de diferenciação sexual. Duvida-se ainda das capacidades e competências parentais dos pais e mães homossexuais devido à sua orientação sexual. Há ainda uma preocupação com o desenvolvimento das crianças, receando que possam vir a ter problemas no foro psicológico, sofrer discriminação ou tornarem-se homossexuais. No entanto, a evidência empírica mostra que a ausência de um dos sexos não influencia o desenvolvimento da identidade sexual nem o desenvolvimento psicológico geral das crianças (Rodriguez e Paiva, 2009; Costa, Pereira e Leal, 2012).

O desenvolvimento bem-sucedido das crianças e adolescentes é influenciado pela qualidade das relações familiares e não pelo género ou orientação sexual dos pais e mães, uma vez que as crianças e adolescentes filhos de homossexuais apresentam um desenvolvimento dentro dos padrões regulares (Silva, Sousa e Fernandes-Eloi, 2017).

Segundo alguns estudos, estas crianças têm uma menor adesão aos papéis de género estereotipados o que é visto pela maioria dos investigadores como algo positivo. Algumas pesquisas apontam também para uma maior abertura a relacionamentos afetivos e sexuais com pessoas do mesmo sexo (Santos, Scorsolini-Fabio e Santos, 2012; Xavier, Alberto e Mendes, 2015; Silva, Sousa e Fernandes-Eloi, 2017).

Santos, Scorsolini-Fabio e Santos (2012) acrescentam que as crianças filhas de casais homossexuais podem saber lidar melhor com a homofobia e o heterossexismo. Há a probabilidade de as crianças sofrerem discriminação por parte dos pares e bullying homofóbico, porém isto não parece afetar a sua autoestima e outras competências

sociais, o que pode ser justificado pelo facto dos pais os poderem ter preparado, antecipando as dificuldades e estimulando os comportamentos resilientes nas crianças (Costa, Pereira e Leal, 2012).

Costa (2012) tende a achar que as famílias homoparentais são diferentes das famílias heteroparentais por terem experiências únicas devido à opressão social e discriminação de que são vítimas, experiências estas vão ter repercussões tanto na dinâmica interna familiar como na forma como o sistema familiar interage com outros agentes e contextos.

Se as famílias homoparentais são distintas das demais famílias, a comparação entre uma e outra revela, de acordo com os estudos, a valorização das primeiras. Assim, relativamente ao comportamento parental as diferenças que existem favorecem os pais gays e mães lésbicas por existir uma divisão mais igualitária do trabalho doméstico e profissional, das tarefas de cuidado às crianças, uma melhor qualidade nas relações entre pais/mães e filhos (Passos, 2005; Zambrano, 2008; Gato e Fontaine, 2014; Santos e Dias, 2018).

Vários trabalhos apontam para a existência de hierarquias menos vincadas, maior democracia familiar e uma flexibilização de papéis e lugares (Passos, 2005; Rodriguez e Paiva, 2009; Rodriguez e Gomes, 2012; Araldi e Serralta, 2016).

Com base numa extensa revisão da literatura Gato e Fontaine (2011) salientam que os casais homossexuais têm uma partilha mais equitativa da responsabilidade parental do que os heterossexuais e, relativamente às taxas de separação e divórcio, estas são mais elevadas nos casais de lésbicas do que nos heterossexuais. No que diz respeito à parentalidade e qualidade das relações entre pais e filhos, acrescentam que, as famílias homoparentais desejam mais intensamente um filho e passam mais tempo a refletir nas razões para se tornarem pais, dedicam mais tempo aos filhos, procuram auxiliá-los na resolução de problemas e discutem menos com eles. As famílias homoparentais femininas recorrem também menos ao uso de castigos físicos do que as famílias heteroparentais.

Costa, Pereira e Leal (2012) concluem, através das comparações entre a homoparentalidade e heteroparentalidade, que um casal de lésbicas exerce a parentalidade de forma mais satisfatória do que um casal heterossexual. “Isto poderá ser atribuído (...) ao facto de as mulheres investirem mais do que os homens no papel parental, independentemente da sua orientação sexual” (Gato e Fontaine, 2011, p.93). A proporção de filhos tende a ser mais elevada nas famílias homoparentais femininas

do que nas masculinas o que indica maior dificuldade dos homens gays em aceder à parentalidade. As lésbicas exercem a parentalidade de uma forma que não contraria o papel de género feminino muito dependente da maternidade. Assim, as mães – independentemente da orientação sexual, e se são biológicas ou não – dedicam mais tempo aos filhos e à família, passando menos tempo a trabalhar, procurando uma partilha igualitária das responsabilidades familiares e profissionais (Gato e Fontaine, 2011).

Assume-se que a homoparentalidade masculina se aproxime mais da homoparentalidade feminina do que da heteroparentalidade. Os casais gays exercem a parentalidade de forma mais igualitária do que os heterossexuais mas menos do que as lésbicas. Estes adotam práticas “mais femininas” do que os pais heterossexuais, assim, os gays, que se tornam pais quebram barreiras, desviando-se da heterossexualidade masculina convencional e dos estereótipos quanto aos estilos de vida gay. Os pais gays desviam-se mais da paternidade heterossexual normativa do que as mães lésbicas da maternidade heterossexual normativa, uma vez que pais gays são um grupo particular que se desvia devido à barreira para procriar (Gato e Fontaine, 2011).

Tantos os homens gays como mulheres lésbicas demonstram ter tantas capacidades parentais como casais heterossexuais, no entanto verifica-se uma maior atribuição de autonomia às mulheres no que diz respeito aos projetos parentais (Santos e Dias, 2018).

Independentemente da sua orientação sexual, todas as pessoas sofrem pressões sociais para se conformarem às normas de género, porém, os homossexuais conseguem contornar mais as normas de género tradicionais do que as pessoas heterossexuais (Gato e Fontaine, 2011).

3. Compreender os processos sociais simbólicos: Representações, valores e atitudes

3.1. As representações sociais

O projeto das representações sociais é examinar como se modifica o senso comum ao ser alimentado, não só pela ciência, mas também por todos os outros sistemas sociais; e analisar como tudo isto ocorre por meio da comunicação, que põe as novas ideias ou propostas em circulação na sociedade e, ao mesmo tempo, as vai alterando (Vala e Castro, 2013, p.582).

Em 1961 Serge Moscovici desenvolveu o conceito “representação social” através da Teoria das Representações Sociais – que permitiu a aproximação entre a psicologia social e a sociologia. É uma teoria que aborda como os indivíduos, em interação social, constroem explicações sobre os objetos sociais. O conceito de representação social é considerado um conceito transversal às ciências humanas (Jodelet, 2001; Arruda, 2002; Wachelke e Camargo, 2007; A. Almeida, 2009; Vala e Castro, 2013).

As representações sociais são formas de pensamento do senso comum que nas sociedades contemporâneas surgem ampliadas e difundidas devido ao desenvolvimento dos métodos e tecnologias de comunicação (Lacerda, Pereira e Camino, 2002; Wachelke e Camargo, 2007; Gomes, 2015). Por serem um saber do senso comum, são uma forma de conhecimento que se distingue do conhecimento científico, contudo é um conhecimento legítimo devido à sua importância na vida social.

Jodelet (2001) exemplifica com a representação social da SIDA e como antes de existir pesquisa científica as pessoas já elaboravam “teorias” baseadas nos seus portadores, referindo-se aos mesmos como drogados, homossexuais, etc. A falta de informação e a incerteza da ciência favorecem a emergência de representações que circulam entre indivíduos e grupos.

Devido à pluralidade de contextos elaboram-se diferentes crenças e visões do mundo dentro dos grupos e entre os grupos, sendo que cada grupo possui uma representação social própria. Assim, as pessoas constroem visões do mundo através da interação social e da comunicação, acabando por categorizar os objetos de modo a justificar as desigualdades sociais e a discriminação contra grupos minoritários (Wachelke e Camargo, 2007; Vala e Castro, 2013).

As representações sociais são produzidas no quotidiano na interação entre indivíduos possibilitando que os mesmos atribuam significados aos seus comportamentos e entendam a realidade consoante o seu sistema de crenças, regras e valores. Assim, as representações sociais dizem respeito ao comportamento social, contudo, nem sempre os indivíduos se comportam de acordo com o que é socialmente esperado (Jodelet, 2001; Martins-Silva et al, 2002; Eccel, Saraiva e Carrieri, 2015).

É através da comunicação que as representações sociais surgem, elas são veiculadas pela linguagem e as palavras são chaves que permitem o acesso ao mundo das representações sociais (Jodelet, 2001; Arruda, 2002; Pais, 2012; Eccel, Saraiva e Carrieri, 2015). É através do discurso que é possível compreender o modo como os indivíduos interpretam a sua vida e a vida que os rodeia, acabando, assim, por

modificar o senso comum (Wachelke e Camargo, 2007; Pais, 2012; Vala e Castro, 2013).

As representações sociais são dinâmicas daí sofrerem alterações (Wachelke e Camargo, 2007), estas podem ocorrer devido a inovações científicas/ tecnológicas ou legislativas, pode ser pela pressão de transformações estruturais ou devido a novidades na esfera pública protagonizadas por movimentos minoritários como, por exemplo, o movimento LGBT. E, como referido anteriormente, podem ocorrer mudanças graças ao debate, contacto e convivência entre diferentes grupos nas diferentes sociedades multiculturais (Vala e Castro, 2013).

A Teoria da Identidade Social foi proposta por Tayfel com o objetivo de explicar a dinâmica das relações interpessoais e intergrupais. Nesta teoria o conceito de representações sociais confunde-se ou é equivalente ao conceito de identidade social. Segundo esta, os indivíduos têm a necessidade de um autoconceito positivo em que a nossa pertença a grupos nos ajuda a conseguir definir e manter positivo esse autoconceito (Wachelke e Camargo, 2007; Martins-Silva et al, 2012; Reis et al, 2016). Parte do pressuposto de que os grupos procuram uma diferenciação positiva entre si, levando os seus membros a diferenciarem-se e investirem mais nas suas crenças em relação a exogrupos (Vala e Castro, 2013). Neste sentido, o estereótipo é um tipo de representação social, faz parte de um processo de categorização que pode produzir solidariedade ou exclusão. Diz respeito às crenças que são partilhadas entre pessoas do mesmo grupo em relação a outros grupos, isto é, são traços ou atributos da personalidade que definem os membros de um grupo (Vala, 1997; A. Almeida, 2009; Martins-Silva et al, 2012; Vala e Castro, 2013).

As identidades sociais influenciam o comportamento através das normas do grupo, assim, as pessoas são mais favoráveis a um determinado comportamento se este estiver de acordo com as normas relevantes para o grupo no qual o sujeito se insere. Por exemplo se no nosso grupo estiver um homossexual somos mais favoráveis à homoparentalidade, agora se o indivíduo pertence a um grupo conservador vai ser contra a adoção por parte de homossexuais (Reis et al, 2016). Como o processo de construção da identidade social ocorre a partir da comparação entre o grupo a que pertencemos e o exogrupo para que o primeiro seja caracterizado como positivo é necessário que o segundo seja caracterizado de forma negativa, criando-se estereótipos (Vala, 1997; Martins-Silva et al, 2012).

Segundo Eccel, Saraiva e Carrieri (2015) as representações sociais do género referem-se à autoimagem, pois os indivíduos representam-se a si próprios em relação a um ideal

de masculinidade ou feminilidade em vigência na sociedade. Há uma persistência de uma autoimagem e identidade construídas sob o olhar discriminatório da heteronormatividade dominante (Aboim, Vasconcelos e Costa, 2013; Baranoski, 2016). A não conformidade à norma heterossexual é responsável pela construção de estereótipos hostis - anormal, doente mental, etc. A heteronormatividade contribui para a reprodução da ordem de gênero que mantém os estereótipos de gênero sobre homens e mulheres e visões do que deve ser uma família levando à institucionalização da heterossexualidade como uma norma social vigente (Aboim, Vasconcelos e Costa, 2013; Baranoski, 2016; Rezende et al, 2019).

3.2. Os valores

Nas ciências sociais, em particular na sociologia e na psicologia social, a análise dos valores ocupa um lugar central.

De acordo com Tamayo e Schwartz (1993) e Almeida, Brites e Torres (2010) os valores orientam as ações, os julgamentos, as explicações sociais e as atitudes acabando por orientar a vida da pessoa, determinando a sua forma de pensar, agir e sentir.

Para João Ferreira de Almeida os valores podem ser definidos como “sistemas organizados e relativamente duradouros de preferências”. O mesmo autor sublinha que “tanto os valores como as representações são analisáveis em dois planos distintos. No plano social, atravessam e dão forma às dimensões culturais da sociedade. No plano grupal e individual, constituem sistemas de disposições interiorizadas pelos atores, sintetizam as suas experiências passadas ao mesmo tempo que lhes guiam e justificam comportamentos e estratégias” (Almeida, 1994: 177 cit. in Almeida, Brites e Torres, 2010, p. 1-2).

Na mesma linha de ideias, Jorge Vala (1997) considera que os valores são um bom indicador das representações sociais dos grupos sobre outros grupos, sendo fundamentais na construção de atitudes face ao exogrupo. Este autor distingue três tipos de representações sociais. As primeiras são as hegemónicas que se baseiam em crenças e valores largamente difundidos, indiscutíveis, coercivos e que colocam a ênfase na natureza do homem e na natureza da ordem social. As representações sociais emancipadas refletem as experiências de cooperação e comunicação entre diferentes grupos sociais, ancorando numa memória e numa experiência partilhadas, não são coercivas. Por último, as representações polémicas são geradas pelos conflitos sociais, elas baseiam-se nas identidades sociais e nas relações conflituais entre grupos. Vala

(1997) verificou na sua pesquisa que os estereótipos não são o único nem o melhor indicador das representações sociais polémicas sobre os grupos, são os valores.

O trabalho de Vala (1997) ilustra bem como as representações sociais, os valores e as atitudes, sendo elementos distintos, a nível concetual, estão interligados na vida social. Correspondem de facto a elementos chave no âmbito deste trabalho para a compreensão dos processos sociais simbólicos que estão na origem da discriminação e das atitudes (negativas e positivas) face a pessoas e grupos, em especial, as pessoas não heterossexuais e as suas famílias.

Situado numa perspetiva macrosocial, o trabalho de Inglehart procura analisar a evolução dos valores nas sociedades ocidentais. De acordo com a proposta teórica de Inglehart (1977 e 1997 cit in Almeida, 2003), as sociedades contemporâneas caracterizam-se, por um lado, pelo declínio dos valores institucionais fundados na religião, na autoridade e na indissolubilidade dos vínculos familiares (eixo de secularização) e, por outro, pela importância crescente de valores de autonomia, de realização pessoal e de expressividade (eixo de individualização). Almeida (2003, p. 52) considera que o processo de modernização da sociedade portuguesa “terá sido mais veloz no campo da secularização do que propriamente no da individualização.” Contudo, como mostram várias pesquisas (Wall, 2005; Wall, Aboim e Cunha, 2010), os valores que orientam a vida familiar e a organização dos papéis de género na família sofreram profundas transformações de sentido modernista, com a erosão de valores «institucionalistas» e a afirmação crescente de valores «companheiristas».

Na investigação sobre as famílias em Portugal, com base num inquérito a casais com filhos, Karin Wall (2005) e equipa estudam os valores e as normas que orientam a conjugalidade e as interações familiares dividindo-os em valores familiarista e institucionalistas, de carácter mais tradicionalista, por um lado, e em valores companheiristas, de carácter mais modernista. Deste trabalho resultou um conjunto de indicadores que procurou medir a adesão dos inquiridos a diferentes tipos de valores, tal como descrevemos a seguir:

Valores familiaristas e institucionalistas

- Papéis de género rigidamente codificados *a priori* (regulação externa);
- Aceitação difícil do divórcio/visão do casal a longo termo independentemente da dinâmica dos sentimentos e do *life course*;

- Os deveres do casamento sobrepõem-se às finalidades expressivas e comunicacionais.

Valores companheiristas/modernistas

- Acento na negociação em vez de normas rígidas codificadas do “exterior” (maior privatização);
- Acento na relação e desvalorização dos aspetos normativos e institucionais, nomeadamente, do vínculo formal da união conjugal;
- Defesa da igualdade em casa e na profissão;
- Importância da comunicação a dois;
- Aceitação fácil do divórcio; a duração da união depende dos sentimentos e da dinâmica conjugal.

Os resultados dos grandes inquéritos, nomeadamente do *ISSP – Family and Changing Gender Roles (2014)*, mostram que os jovens portugueses aderem a valores modernistas e afastam-se de valores institucionalistas. Sobressai a ideia de igualdade de género e uma visão desinstitucionalizada sobre o casamento e a vida familiar com reflexos nas atitudes mais favoráveis, sobretudo dos mais jovens, perante as famílias de casais do mesmo sexo e a parentalidade homossexual (Ramos, Atalaia e Cunha, 2016).

3.3. As atitudes

A atitude representa, na perspetiva de Cardeira, Mónico e Castro (2015), uma orientação de aproximação ou afastamento em relação a um objeto, conceito ou situação, assim como uma prontidão para responder de maneira predeterminada a esse objeto. As atitudes são responsáveis por produzir respostas negativas ou positivas, criando crenças de preconceito e intolerância ou aceitação (Pereira et al, 2011; Santos et al, 2018). A nível conceptual as atitudes estão, assim, mais próximas dos comportamentos na medida em que são predisposições para o comportamento (Wachelke e Camargo, 2007). Não devemos, no entanto, ter uma visão demasiado determinista da vida social. Partilhamos uma perspetiva teórica que concebe os atores sociais, incluindo os jovens, como sujeitos ativos capazes de gerar agência, sem descuidar, contudo, as estruturas sociais e os contextos de pertença (pertencer a uma família de classe social, pertencer a um género...) que condicionam as atitudes e os comportamentos.

Basicamente os valores fundamentam as atitudes e, quer uns, quer outros, são socialmente construídos. Jorge Vala refere que as atividades de construção de um sentido, partilhado ou não, e a experiência de associação do eu a um grupo são acompanhadas de emoções; os conhecimentos e emoções são construídos no seio dos grupos e são objeto de julgamentos avaliativos, isto é, mobilizam atitudes (Vala, 1997).

Segundo Gato et al (2015) na categorização das atitudes, os estereótipos dizem respeito a uma componente cognitiva das atitudes, enquanto o preconceito é uma componente afetiva e a discriminação é uma componente comportamental das atitudes.

Os autores tendem a sublinhar o carácter duradouro das atitudes, porém consideram que estas podem ser modificáveis pela experiência e persuasão (Pereira, Lima e Camino, 2001).

Wachelke e Camargo (2007) acrescentam que o estudo das relações entre representações sociais e atitudes permite considerações quanto à ligação entre representações e comportamento, sendo as atitudes, nesta aceção, uma espécie de conceito mediador entre as estruturas simbólicas e as práticas dos indivíduos. Estes autores veem as atitudes como predisposições comportamentais situadas a um nível individual e mais micro e as representações como guias sociais que fornecem aos atores indicações sobre o que é e como agir em relação a um objeto social.

Geralmente considera-se que as atitudes dependem das representações sociais mas as mudanças verificadas ao nível das atitudes não produzem necessariamente, nem de forma automática, mudanças nas representações sociais.

4. Atitudes em relação à homossexualidade e homoparentalidade

4.1. Atitudes quanto à Homossexualidade e Homoparentalidade

A sociedade portuguesa é marcada pelo catolicismo que contribuiu para uma visão conservadora da sexualidade em Portugal. Com a ditadura de 1926 a 1974 as liberdades civis, incluindo das pessoas LGBTQ, eram reprimidas pela ditadura fascista. Só com a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia em 1986 é que ocorreram mudanças significativas no que diz respeito aos direitos civis das minorias sexuais (Gato e Fontaine, 2015).

Portugal é um país com nível médio baixo de aceitação da homossexualidade. É nos países do norte da Europa que se encontram níveis mais elevados de aceitação como na Dinamarca, Suécia, Finlândia, etc. Desde o início dos anos 90 até à década de 2000 verifica-se uma tendência positiva de crescente acolhimento público da homossexualidade que se intensificou em anos mais recentes. Isto pode ser explicado pelas medidas legislativas introduzidas a partir de 2010 na sociedade portuguesa, com a legalização do casamento civil homossexual e a adoção por casais do mesmo sexo (Aboim, 2010, a; Gato e Fontaine, 2012; Gato, 2013; Costa e Salinas-Quiroz, 2018; Gouveia e Moser, 2019).

Relativamente à perceção da distância social a homossexuais, Gato e Fontaine (2012), Gouveia e Moser (2019) através do ISSP (International Social Survey Programme) verificaram que os portugueses não se sentem confortáveis com o facto de ter um vizinho homossexual, ou com a presença de um homossexual no cargo político mais elevado do país e têm a probabilidade mais baixa de ter uma pessoa amiga ou conhecida homossexual. Contudo, os portugueses, nomeadamente os estudantes universitários parecem ter consciência desta situação ao reconhecer que a orientação não heterossexual é um fator de discriminação comum no seu país (Gato, Leme e Leme, 2010; Gato, Fontaine e Leme, 2014).

Observa-se um predomínio de atitudes negativas tanto em Portugal como no Brasil. Em Portugal, apesar das alterações legislativas ocorridas na última década, ainda se encontram atitudes bastante preconceituosas face a pessoas não heterossexuais (Gato, Fontaine e Leme, 2014). Segundo Pereira et al (2013) a homofobia é uma realidade muito presente no Brasil, sendo que no ano de 2010, 250 casos de assassinatos ocorreram devido a esta. De acordo com Gonzaga, Praça e Lannes (2014) o Brasil encontra-se em primeiro lugar no que diz respeito aos assassinatos por homofobia. Consegue-se perceber que existem, no Brasil, representações sociais normativas sobre a homossexualidade que permitem a expressão de atitudes e comportamentos homofóbicos. Contudo, Gouveia e Moser (2019) observam alterações na sociedade portuguesa e brasileira relativamente ao crescente reconhecimento público, político e legal dos direitos sociais de homens e mulheres homossexuais.

Costa e Salinas-Quiroz (2018) referem o caso do México, a lei federal que previne e elimina diferentes tipos de discriminação foi promulgada em 2003, em 2015 foi permitido o casamento homossexual, no entanto só 12 dos 32 estados o fez, uma vez que a frente de direita se opõe aos casamentos homossexuais e ao reconhecimento da identidade de género. De uma forma geral, os homens, incluindo os mais jovens,

altamente sexistas e religiosos têm níveis mais elevados de preconceito sexual em relação às relações e casamento homossexual. Tanto a sociedade portuguesa como a mexicana partilham algumas características, como a cultura centrada no homem, níveis elevados de diferenciação de género e de religiosidade.

McCutcheon e Morison (2015) afirmam que as leis no Canadá têm-se tornado cada vez mais inclusivas de indivíduos homossexuais e as atitudes em relação aos mesmos têm melhorado. Contudo, uma das áreas em que os casais homossexuais ainda vivenciam preconceito e discriminação é no campo da adoção, experienciando períodos mais longos de espera, sendo feitas questões inapropriadas e invasivas e desencorajando a adotar crianças de categorias específicas.

Apesar das atitudes desejáveis socialmente ou politicamente corretas, ainda persiste o preconceito sexual, homofobia e homonegatividade que afetam as sociabilidades, práticas familiares, o bem-estar e o exercício pleno da cidadania de indivíduos homossexuais (Santos et al, 2018). Este tipo de comportamento hostil existe porque os homossexuais se afastam da heteronormatividade (Alves, 2018).

O género é um fator explicativo quanto ao preconceito homossexual, uma vez que são os homens, principalmente os heterossexuais, que evidenciam atitudes mais desfavoráveis do que as mulheres e com maior intensidade em relação a homens gays do que a mulheres lésbicas. Também Ramos, Atalaia e Cunha (2016, p.7), relativamente à capacidade parental de casais do mesmo sexo constataram que os indivíduos em “termos globais são mais desfavoráveis relativamente aos casais do sexo masculino”. Há diferentes razões que explicam este fenómeno como o facto de a masculinidade ser um conceito socialmente construído de forma mais inflexível que a feminilidade, assim, espera-se que os homens, desde a sua infância, correspondam às expetativas associadas à norma heterossexual e se não o fizerem são mais sancionados que as mulheres (Herek, 2002; Gato, Leme e Leme, 2010; Costa et al, 2012; Gato e Fontaine, 2012; Alves e Vilaça, 2013; Gonzaga, Praça e Lannes, 2014; Costa e Salinas-Quiroz, 2018). “As mulheres têm maior perceção de discriminação quando comparadas aos homens, resultado que nos faz crer estar relacionado com o facto de estas, por estarem socialmente incluídas numa categoria de género construída como inferior, acabam por estar mais sensíveis e atentas a outras formas de discriminação” (Costa et al, 2010, p.142).

Através de alguns estudos direcionados aos estudantes universitários percebemos que o facto de existirem atitudes negativas em relação a homens gays pode-se justificar pelo facto de que sempre se associou a homossexualidade a uma inversão de género, assim

os gays aproximam-se mais das mulheres heterossexuais e as lésbicas dos homens heterossexuais. As atitudes negativas em relação aos homens gays não é só em relação à homossexualidade mas por causa da masculinidade hegemónica ser definida como exclusivamente heterossexual. A homossexualidade gay é vista então como uma contradição e uma expressão de feminilidade tanto quanto à atração sexual como em termos de traços de personalidades, interesses, aptidões e comportamentos (Gato, Fontaine e Leme, 2014; Gato e Fontaine, 2015; Gato et al, 2015).

Herek (2002) também chegou à conclusão que são os homens que têm atitudes mais negativas em relação aos gays. Eles atacam os gays porque não querem que pensem que eles o são; eles não atacam da mesma forma as lésbicas porque elas não estão diretamente implicadas na identidade masculina heterossexual. Também no estudo de Gato, Fontaine e Carneiro (2010) observaram que os estudantes universitários portugueses atribuem uma maior probabilidade de transmissão aos filhos da orientação sexual no caso de casais gays, o que demonstra a subsistência de preconceitos e o desconhecimento de investigações que se debruçam sobre esta temática.

A homofobia é, essencialmente, a rejeição da feminilidade e a afirmação da masculinidade heterossexual (Gato e Fontaine, 2013). O estudo de Moreira (2013, p.75) mostrou como a masculinidade hegemónica ainda tem importância na construção das identidades masculinas. “Para os entrevistados ser homem era sinónimo de uma pessoa forte, com poder, com uma postura dominante, não emotivo, que não chora”.

As atitudes mais desfavoráveis em relação aos casais homossexuais lésbicas por comparação com os casais de gays, pode ser explicado segundo Gato et al (2015) e Gouveia e Moser (2019) pela diferença nas visões mais tradicionais em relação aos papéis de género e à parentalidade, assente na ideia que as mulheres têm a função inata de cuidadoras privilegiadas enquanto os homens têm um papel secundário no cuidado das crianças.

Através de algumas investigações direcionadas a estudantes universitários percebemos que para além do género, a idade torna-se um fator importante, uma vez que são as gerações mais jovens que apresentam atitudes mais favoráveis face à homossexualidade e menos discriminatórias relativamente à homoparentalidade (Averett e Hedge, 2012; Gato, Freitas e Fontaine, 2012; e Costa e Salinas-Quiroz, 2018). Também Cardeira (2012) observou no seu trabalho de investigação, que a idade tinha influência, sendo os estudantes mais novos os que viam a homossexualidade não como distúrbio mas como parte da identidade pessoal, enquanto os mais velhos associavam a homossexualidade a questões ético-morais (falta de respeito e de carácter).

Os mesmos resultados se verificam nos estudos efetuados face às atitudes da sociedade em geral. São os indivíduos mais velhos os que têm uma forte rejeição às famílias homoparentais, nomeadamente às famílias que são compostas por casais de gays (Ramos, Atalia e Cunha, 2016; Reis et al, 2016). Isto pode ser explicado devido à “conceção tradicional dos papéis de género na família, em que cabe à mãe o papel de principal educadora e cuidadora dos filhos” (Ramos, Atalia e Cunha, 2016, p.7).

Assim, torna-se importante considerar as explicações quanto à homossexualidade, tanto no estudo de Lacerda, Pereira e Camino (2002) como no estudo de Pereira et al (2011) percebeu-se que a religião e a crença sobre a natureza da homossexualidade são fatores importantes quanto às atitudes em relação aos homossexuais. Lacerda, Pereira e Camino (2002) referem cinco tipos de explicações, as biológicas (homossexualidade associada a problemas hereditários), ético-morais (homossexualidade associada à falta de respeito), religiosas (homossexualidade relacionada à falta de fé), psicológicas (homossexualidade relacionada aos abusos na infância) e psicossociais (homossexualidade não é doença, distúrbio nem perversão). A cada tipo está associado uma explicação da homossexualidade de forma diferente, os preconceituosos flagrantes explicam a homossexualidade a partir de princípios éticos, morais e religiosos, os preconceituosos subtis explicam-na através de aspetos biológicos e psicológicos e os não preconceituosos explicam-na por aspetos psicossociais (Lacerda, Pereira e Camino, 2002; Gouveia et al, 2012).

Também Cardeira (2012) e Costa et al (2014) verificaram que a religião e as crenças quanto à origem da homossexualidade estão diretamente ligadas às atitudes. Os resultados do estudo de Costa et al (2014) mostram que os estudantes universitários ainda têm elevados níveis de homonegatividade e preconceito. A educação, particularmente nos mais jovens, sobre os assuntos LGBT e sobre as origens da homossexualidade pode ajudar a promover mudança de atitudes em relação aos homossexuais e às suas famílias.

Cardeira, Mónico e Castro (2015) chegaram às mesmas conclusões que Costa et al (2014). Os primeiros tinham como objetivo estudar as atitudes e preconceitos dos estudantes universitários portugueses face à adoção de crianças por casais homossexuais. Concluíram que a religião tinha uma grande responsabilidade na construção do preconceito contra os homossexuais, na medida em que a tradição judaico-cristã teve, e continua a ter, um papel importante na construção dos padrões de género, família e sociedade.

Pereira et al (2011) verificou que a religião é um fator a considerar, uma vez que tanto evangélicos como católicos apresentam atitudes preconceituosas. A diferença é que os primeiros são preconceituosos flagrantes enquanto os católicos são mais subtis (Pereira et al, 2013). O preconceito é, no entanto, mais uma consequência do que um preditor das crenças sobre a natureza da homossexualidade.

Costa e Salinas-Quiroz (2018) através de uma amostra com estudantes universitários portugueses e mexicanos observaram que a visão da homossexualidade como algo controlável pelos sujeitos está relacionada com as atitudes negativas quanto a lésbicas e gays, uma vez que subsiste a crença que a homossexualidade é uma escolha. Da mesma maneira, a explicação biológica da orientação sexual está associada a atitudes positivas em relação aos casais e famílias homossexuais. No primeiro caso, os homossexuais podem escolher e são vistos como responsáveis (e/ou até culpados) pela sua orientação e comportamentos, enquanto no segundo caso são mais tolerados uma vez que a homossexualidade é percebida como uma condição biológica à qual as pessoas não podem fugir.

Também na investigação elaborada por Costa et al (2012) sobre as atitudes da sociedade portuguesa quanto à homossexualidade, se verificou que o impacto da religião. As pessoas católicas avaliaram mais negativamente as competências parentais do casal do mesmo sexo e anteciparam maiores dificuldades emocionais e sociais da criança adotada por casais gays e lésbicas, do que as pessoas ateias. Estas últimas também veem menos dificuldades emocionais da criança no cenário do casal de gay formado por dois homens do que as pessoas católicas.

Martins-Silva et al (2012) procuraram compreender as concepções de adolescentes brasileiros sobre a homossexualidade, contrastando discursos entre os alunos das escolas públicas e privadas. Verificaram que tanto os alunos da escola pública como privada veem a homossexualidade como inata e biológica, caracterizando os homossexuais negativamente.

Na perspectiva de Rios (2015) a procura das causas psíquicas da homossexualidade, tanto da parte dos atores sociais como dos cientistas sociais, é, já em si mesma, uma manifestação preconceituosa e discriminatória, já que pressupõe a existência de uma sexualidade “normal” e outra considerada “anormal” e patológica.

O posicionamento político-ideológico também tem um papel preponderante, uma vez que são as pessoas que se posicionam mais à direita e os que são politicamente mais conservadores, aqueles que possuem atitudes mais negativas em relação à

homossexualidade. Isto foi visível no estudo de Pereira et al (2013), dirigido a estudantes universitários brasileiros de psicologia, serviço social e direito, que tinha como objetivo analisar as relações entre preconceito, apoio a políticas discriminatórias e representações sociais sobre a natureza da homossexualidade.

Uma forma de desmistificar estes pressupostos e preconceitos é através do contacto interpessoal com pessoas homossexuais, suscetível de produzir aceitação social, comportamentos e atitudes mais favoráveis à homoparentalidade (Webb e Chonody, 2014; Cerqueira-Santos et al, 2017; Rezende et al, 2019). No estudo elaborado por Cerqueira-Santos e Santana (2015) e Cerqueira-Santos et al (2017) procurou-se compreender a relação entre crenças e o contacto interpessoal com homossexuais. Verificou-se que o contacto com homossexuais quebra preconceitos e que há uma maior informação sobre o tema da sexualidade, em geral, confirmando-se uma correlação entre as atitudes e o contacto/amizade com homossexuais. Gato e Fontaine (2012) sublinham que a relação entre o contacto interpessoal e as atitudes é provavelmente de tipo recíproco, pois ter amigos homossexuais pode facilitar a desconstrução de estereótipos e diminuir o preconceito. Parreira (2014) chegou à mesma conclusão ao contrastar que os estudantes universitários que tiveram mais contacto interpessoal demonstravam atitudes menos preconceituosas em relação à homoparentalidade. Os próprios gays e lésbicas podem ter um papel ativo neste processo, revelando a sua orientação a pessoas que percecionam como menos preconceituosas.

Segundo Webb e Chonody (2014) para além do contacto com pessoas também a informação sobre pessoas LGBT parece levar a atitudes positivas. Caldas et al (2013) chegaram à mesma conclusão percebendo que há um desconhecimento quanto aos temas de orientação sexual e identidade ou expressão de género. Esta falta de informação deve-se à ausência no sistema de ensino de reforço positivo materializado sobre estes temas, chegaram a esta conclusão quando verificaram o baixo índice de denúncias de alunos quanto a episódios homofóbicos, alguns devido ao receio de que as autoridades não tratem da queixa ou que elas próprias discriminem, a vergonha, não quererem que saibam a sua orientação sexual. Estes episódios levam a uma homofobia internalizada, esta é uma homofobia que afeta os próprios homossexuais que reprimem e oprimem os seus desejos e experiências afetivas (Cascais, 2004; Oliveira et al, 2010; Santos e Dias, 2019).

Também Gato e Fontaine (2012) observaram que mais de metade dos participantes não tiveram contacto com informação científica sobre a diversidade sexual, o que pode

explicar parcialmente estas atitudes negativas em relação à homoparentalidade. Verifica-se, assim, que a presença destas temáticas no currículo não constitui ainda uma preocupação na maior parte das licenciaturas analisadas. Parreira (2014) confirmou que a informação académica sobre a temática da homoparentalidade está relacionada com atitudes mais positivas em relação à mesma.

O curso revelou também ter alguma importância papel nas atitudes face à homossexualidade e homoparentalidade, uma vez que, de acordo com Gato e Fontaine (2012), os jovens estudantes que evidenciaram menos preconceito pertencem a cursos psicossociais, como educação social, serviço social, sociologia e psicologia. A maior abertura e interesse pela diversidade do comportamento humano e sexual que se verifica por parte das pessoas que escolhem estas licenciaturas pode contribuir para explicar as atitudes mais favoráveis. Os alunos dos cursos de educação, medicina e direito foram os que evidenciaram atitudes mais negativas. Os alunos de direito são os que menos têm, ou desconhecem ter, amigos homossexuais, isto ajuda a compreender o facto de parecerem menos abertos à diversidade sexual do que os seus colegas de outros cursos. Parreira (2014) verificou que os alunos de educação e saúde são os que têm menos contacto com a informação sobre homoparentalidade detendo atitudes mais negativas, enquanto são os alunos das áreas sociais têm mais contacto com o tema e têm também atitudes mais positivas.

Cerqueira-Santos e Santana (2015) realizaram uma investigação com o objetivo de compreender as crenças de estudantes de Direito e Serviço Social quanto à orientação sexual e adoção homoparental no Brasil. Os estudantes de direito eram os que demonstravam atitudes mais negativas, não aceitando a adoção homoparental, percebendo que a adoção homoparental. Os autores chamam a atenção para o facto da adoção homoparental ainda estar distante da realidade de futuros profissionais em formação em áreas tão próximas da temática. Também Averett e Hedge (2012) verificaram a influência do curso quando aplicaram questionários a estudantes de Serviço Social e Educação, sendo os primeiros os que tinham atitudes mais tolerantes, mostrando-se mais preparados para trabalhar com esta temática do que os estudantes de educação, o que podia ser explicado pelo facto dos estudantes de Serviço Social terem mais conhecimentos em relação à comunidade LGBT. Alves e Vilaça (2013) verificaram, por sua vez, que foi nos cursos de matemática e informática que os jovens estudantes universitários revelavam atitudes mais homonegativas.

Dentro das atitudes negativas adere-se mais às de carácter contemporâneo - preconceito subtil (como a rejeição da legitimidade da expressão da identidade lésbica e

gay, quer da conjugalidade/parentalidade exercida por pessoas do mesmo sexo) - do que às tradicionais (por exemplo a patologização da homossexualidade e o medo/repulsa por pessoas homossexuais). Verifica-se uma tendência para a “aceitação” das pessoas não heterossexuais, continuando a ser encaradas de forma menos positiva em relação à norma heterossexual – homonegatividade moderna (Gato, Leme e Leme, 2010; Costa et al, 2012; Gato e Fontaine, 2012; Gato, Fontaine e Leme, 2014). Esta mudança nas modalidades do preconceito foi visível na investigação de Costa et al (2010), na qual os participantes não reconhecem a necessidade de realização do movimento LGBT, negando a existência de discriminação contra gays e lésbicas, ao mesmo tempo que se apresentam como não preconceituosos. Os participantes da pesquisa tendem a contrariar o heterossexismo tradicional, apesar de gays e lésbicas continuarem a ser discriminados no contexto português. Observam-se ideais de pró-diversidade, de aceitação e valorização da cidadania e direitos de pessoas LGBT, apoiando-se o casamento e a homoparentalidade.

Também Alves e Vilaça (2013) constataram essa mudança no conteúdo e significado das atitudes ao constatar, à semelhança do estudo de Gato, Leme e Leme (2010), que as atitudes mais homonegativas revelam-se através de preconceitos de heterossexismo e não tanto de homopatologização. Quer isto dizer, que os preconceitos persistem mas mudaram de significado apresentando-se de modo mais subtil. Os autores consideram que o facto dos níveis de preconceito terem diminuído pode dever-se às características da amostra que tende a evidenciar atitudes sociais mais liberais. Assim, os estudantes universitários podem esconder os seus preconceitos, respondendo com o que é socialmente desejável ou politicamente correto. No entanto, as suas respostas não eliminam a existência de preconceitos subtis ou internalizados, trata-se assim da chamada “homonegatividade moderna” que se baseia em pensamentos como: já não existem comportamentos e atitudes discriminatórios em relação aos homossexuais; os homossexuais exigem direitos e mudanças sociais desnecessárias; os homossexuais colocam demasiada ênfase na sua orientação sexual, acabando por se autoexcluírem da sociedade e da cultura dominante.

Gato e Fontaine (2012) chegaram à mesma conclusão percebendo que apesar dos estudantes já não aderirem a atitudes preconceituosas tradicionais, demonstram algum ceticismo em relação à conjugalidade entre pessoas do mesmo sexo, homoparentalidade ou expressão pública da identidade lésbica e gay. Contudo, Gato, Leme e Leme (2010) observaram que tanto estudantes portugueses como brasileiros revelaram níveis elevados de heterossexismo, ou seja, apesar de discordarem da homossexualidade como patologia, veem-na como diferente da heterossexualidade,

com consequências nos papéis familiares, nomeadamente, no que diz respeito ao casamento e à parentalidade.

Em suma, as pessoas que revelam atitudes homonegativas em relação aos homossexuais e os seus direitos, tais como o casamento e parentalidade, são, geralmente, pessoas que mantêm atitudes mais sexistas, com uma visão tradicional de família nuclear e dos papéis de género; acreditam que a homossexualidade é uma escolha do indivíduo, têm maior religiosidade e uma identificação política mais conservadora. São geralmente homens, gerações mais velhas, com menos habilitações escolares, com baixo status socioeconómico e que vivem em zonas rurais. São também pessoas que não estão a par da temática nem mantêm contacto interpessoal com homossexuais (Lambert et al, 2006; Gato, Carneiro e Fontaine, 2011; Costa et al, 2012; Gato e Fontaine, 2013; Costa et al, 2014; Gato e Fontaine, 2015; Cerqueira-Santos et al, 2017; Costa e Salinas-Quiroz, 2018; Gouveia e Moser, 2019). Inversamente são as mulheres e as pessoas que têm contacto interpessoal com lésbicas e gays, as gerações mais novas e os mais escolarizados, os que se posicionam mais à esquerda, e os que têm conceções mais modernistas quanto aos papéis género aqueles que apresentam atitudes mais favoráveis. (Aboim, 2010, a; Costa et al, 2012; Gato e Fontaine, 2012).

4.1.1. Como os preconceitos afetam a parentalidade homossexual

As atitudes negativas quanto à homoparentalidade estão associadas ao exercício da parentalidade e ao desenvolvimento saudável da criança, no entanto isto é contraditório uma vez que pessoas solteiras podem adotar independentemente da sua orientação sexual (Gato, Freitas e Fontaine, 2012).

Independentemente da orientação sexual tornar-se pai/mãe é um fator gerador de stresse, uma vez que exige ao indivíduo uma negociação com o cônjuge nas questões relacionadas com as tarefas domésticas e os cuidados às crianças; o ajuste no emprego e o recurso à eventual rede social de apoio, lidar com o aumento do cansaço e das preocupações com as finanças familiares, para além da restrição do investimento em *hobbies* e rotinas anteriores (Xavier, Alberto e Mendes, 2015). Exemplo disto é o caso estudado por Wall, Cunha e Marinho (2013) no qual o casal entrevistado diminuiu o número de horas de trabalho de modo a poder cuidar do bebé sem o colocar numa creche. As dificuldades de tornar-se pai e mãe parecem ampliar-se no caso das pessoas não heterossexuais.

Muitos homossexuais não revelam a sua orientação sexual devido ao preconceito social que prevalece, uma vez que ao assumirem-se como homossexuais desafiam a ordem

social existente baseada na heteronormatividade (Aboim, 2013; Xavier, Alberto e Mendes, 2015). Os projetos parentais tendem a ser adiados, devido ao processo de revelação da orientação sexual, geralmente, problemático e ao transitar para a parentalidade diminui-se a privatização do casal e da família. É também frequente os homossexuais silenciarem a existência do cônjuge. A clandestinidade em que se mantêm as famílias homoparentais gera sofrimento nos seus membros, principalmente nas crianças (Passos, 2005; Rodriguez e Paiva, 2009).

A homofobia internalizada também se revela um obstáculo na parentalidade homossexual. Podemos observar isto através de uma entrevistada no estudo de Santos e Dias (2018) que apesar de namorar já há quatro anos com uma rapariga diz que não se sente preparada para contar aos pais, adiando também por esse motivo os projetos de parentalidade. Xavier, Alberto e Mendes (2015), para além da homofobia internalizada, nomeiam alguns fatores que podem influenciar o processo de tomada de decisão de se tornar mãe ou pai: as oportunidades ou entraves legais; o nível socioeconómico; o desejo de ter ou não uma relação biológica com a criança e o apoio da rede social.

De acordo com Xavier, Alberto e Mendes (2015) as preocupações sociais e jurídicas quanto à homossexualidade giram em torno do bem-estar das crianças; existe, nomeadamente, o receio das mulheres lésbicas serem menos “maternais” que as heterossexuais.

Os principais argumentos contra a homoparentalidade são baseados em crenças religiosas, na impossibilidade biológica de reprodução, no egoísmo dos pais/mães, na falta de referências de género, no desenvolvimento da orientação sexual e na vitimização e discriminação das crianças (Costa et al, 2012; Cerqueira-Santos e Santana, 2015).

Em suma, o heterossexismo e a homofobia são uma ameaça significativa para o bem-estar psicológico das pessoas homossexuais, podendo dificultar o seu acesso a projetos e funções fundamentais da vida adulta, nomeadamente, a parentalidade (Xavier, Alberto e Mendes, 2015; Santos e Dias, 2019). Há vários preconceitos associados à parentalidade gay que passam por estes terem menos probabilidade de ter filhos no seu agregado do que as lésbicas, crendo-se, ainda, que os homens não estão tão motivados para ter filhos como as mulheres, não possuindo certas qualidades que são necessárias para assumirem a parentalidade (Gato e Fontaine, 2014).

Devido à homonegatividade pode existir uma menor vontade de ter filhos por parte dos gays e lésbicas quando confrontados com os problemas, preconceito e falta de suporte de pessoas próximas e instituições, conseqüentemente, há a desistência da ideia de adoção por medo de falhas no processo de parentalidade. A adoção por parte de casais homossexuais já é possível, no entanto isto tem gerado discussões e polêmicas, apesar de se encarar a homossexualidade como uma nova forma de organização familiar, este fenômeno vai para lá disso questionando as categorias básicas de parentesco (Cerqueira-Santos e Santana, 2015).

Há especificidades adicionais que homossexuais terão que gerir na transição para a parentalidade, para além de terem que tomar a decisão de como vão ser pais/mães, têm que criar condições relativamente à educação dos filhos de modo a estes saberem lidar com eventuais restrições ou dificuldades quanto a atitudes heterossexistas. Outra especificidade destas famílias está relacionada com o modo como os filhos lidam com a orientação sexual dos pais/mães – as crianças mais novas têm menos dificuldades em aceitar a orientação sexual dos pais/mães, provavelmente porque as mais velhas já integraram estereótipos relativos à homossexualidade e já possuem um conhecimento mais alargado do preconceito social, ou seja, internalizaram a homofobia. Alguns fatores importantes que à resiliência são, segundo Xavier, Alberto e Mendes (2015) as seguintes:

- a. Um ambiente familiar caracterizado por uma comunicação aberta sobre a orientação sexual dos pais/mães e sobre a estrutura familiar;
- a. A preocupação em ensinar/aprender a lidar com atitudes heterossexistas e homofóbicas vivenciadas a nível institucional, como na escola, no grupo de pares e família alargada;
- b. A perceção de suporte por parte da rede familiar e amigos.

O preconceito é, assim, um fator chave no exercício da parentalidade homossexual, que pode levar a uma rutura dos/as jovens mães e pais com a sua história e famílias de origem. No entanto, apesar de todos estes obstáculos, Gato, Freitas e Fontaine (2012) verificam que os gays e lésbicas, precisamente por estarem mais expostos à discriminação e enfrentarem dificuldades acrescidas, estão mais motivados/as para a parentalidade e investem mais na mesma.

4.2. Os receios com o bem-estar da criança

Verifica-se que o preconceito aumenta quando se trata pessoas não heterossexuais se tornam pais/mães. (Gato e Fontaine, 2015) Muitas pessoas associam que a ausência

de uma figura materna ou paterna pode levar a problemas no desenvolvimento psicológico das crianças (Almeida, 2013; Aboim, Vasconcelos e Costa, 2013; Cerqueira-Santos e Santana, 2015; McCutcheon e Morison, 2015; Xavier, Alberto e Mendes, 2015). Esta ausência é vista como um déficit na estrutura familiar (Reis et al, 2016). Os opositores da adoção homossexual acreditam que uma das funções da família é ensinar às crianças o comportamento associado com o seu sexo (McCutcheon e Morison, 2015). A orientação sexual dos pais é, por vezes, confundida com a identidade de género, associando-se a ideia que um dos parceiros teria de ser o “pai” e o outro a “mãe” (Zambrano, 2008).

Crê-se que o facto de ser educado por gays e lésbicas pode comprometer o desenvolvimento da identidade sexual e de género das crianças, propiciando a homossexualidade (Gato, Freitas e Fontaine, 2012; Xavier, Alberto e Mendes, 2015; Cerqueira-Santos e Santana, 2015; McCutcheon e Morison, 2015), ou seja, as pessoas querem perceber de que modo a sexualidade dos pais afeta a vida dos filhos (Cerqueira-Santos e Santana, 2015), Gato e Fontaine (2013) e Araldi e Serralta (2016) concluem que a homossexualidade dos pais/mães não é um fator determinante no bem-estar dos filhos. Também Parreira (2014) verificou que quanto à probabilidade de as crianças adotadas virem a manifestar uma orientação homossexual, por um lado os portugueses indicam maior probabilidade do rapaz adotado manifestar interesse sexual por outros rapazes quando educado por pessoas de sexo diferente do que por pessoas do mesmo sexo, o mesmo não aconteceu na amostra espanhola. Por outro lado, quando a criança era do sexo feminino não foram encontradas diferenças na probabilidade de esta vir a revelar do interesse sexual por outras raparigas.

Teme-se que as crianças sejam vítimas de discriminação, devido à homofobia presente na sociedade, havendo mais dificuldades de relacionamento e adaptação social devido à estigmatização social (Delgado, 2013; Xavier, Alberto e Mendes, 2015; Gato e Fontaine, 2015; Reis et al, 2016). A perceção de uma maior possibilidade de discriminação pelos pares não configura a presença de um preconceito, mas sim a consciência dos índices de homofobia presentes na sociedade portuguesa, ou seja, não existe necessariamente discriminação quanto às crianças adotadas por casais homossexuais, as pessoas é que assumem isso porque têm noção da homofobia presente na sociedade (Gato e Fontaine, 2010).

Outro receio que as pessoas têm em relação às famílias homoparentais é que as crianças correm o risco de serem vítimas de abuso sexual, principalmente por parte dos progenitores do sexo masculino, associando-se, muitas vezes os casais gays à pedofilia

(Gato, Freitas e Fontaine, 2012; Gato e Fontaine, 2014; Xavier, Alberto e Mendes, 2015; Reis et al, 2016). Segundo Cerqueira-Santos e Santana (2015) acredita-se que o abuso pode acontecer por parte dos pais, amigos ou conhecidos dos pais. O facto de homens gays fazerem parte de um grupo socialmente estigmatizado parece influenciar, necessariamente a crença nas suas capacidades e a sua condição de pais e homossexuais numa sociedade heterossexista (Santos, Scorsolini-Fabio e Santos, 2012). Estes mitos não se baseiam na literatura científica, mas na perpetuação de estereótipos e preconceitos sobre a população homossexual (Reis et al, 2016).

Verifica-se uma preocupação com as crianças adotadas por casais homossexuais, principalmente se for um casal homossexual gay. Delgado (2013) chegou a essa conclusão quando verificou que os participantes antecipavam menos problemas nas crianças adotadas por casais lésbicos do que por casais gays ou heterossexuais. Provavelmente porque se acha que duas mães equivalem a uma “dose dupla” de qualidades e competências socialmente associadas à maternidade e feminilidade. Associa-se a ausência da figura masculina a uma maior flexibilidade e indefinição quanto aos comportamentos de género. Também Fernandes (2016), na sua dissertação que tinha como objetivo analisar os estereótipos e papéis de género em crianças de idade pré-escolar, percebeu que as crianças davam preferência, em primeiro lugar, à família heteroparental e, em segundo à família de lésbicas, que foi mais selecionada do que a de gays.

Gato e Fontaine (2015) através do seu estudo direccionado a estudantes universitários observaram que, principalmente os rapazes, consideram que a criança adotada por homossexuais vai ter mais dificuldades psicológicas, enquanto as raparigas acham que a orientação sexual dos pais não afeta o desenvolvimento da criança. No entanto, tal como os jovens do sexo masculino, as raparigas afirmam que as crianças filhas de casais homossexuais têm maiores probabilidades de sofrerem discriminação social.

Costa et al (2012) e Gato e Fontaine (2013) verificaram que os estudantes universitários tinham preferência pelos casais heterossexuais quando se tratava da adoção de crianças, afirmando que os casais homossexuais eram instáveis e que os casais gays eram vistos como tendo menos competências parentais e maior probabilidade de criar um ambiente perigoso para a criança. Contudo, há os que avaliam os casais homossexuais como mais afetuosos e passando mais tempo de qualidade com o filho, verificando-se, uma tendência para associar os problemas da criança ao relacionamento entre os pais.

O género da criança adotada também surge como preocupação pelo facto de associarem que o rapaz criado pelo casal homossexual está mais sujeito a experienciar problemas no seu desenvolvimento psicosexual. Este receio acentuava-se ainda mais quando os gays eram percebidos como efeminados (Gato e Fontaine, 2010; Gato e Fontaine, 2015). Também Gato e Fontaine (2013) chegaram à conclusão que os participantes consideram que um rapaz adotado por um casal gay seria menos provável de ter uma sexualidade normativa do que uma rapariga nas mesmas circunstâncias. Os participantes deste estudo consideram que está mais em jogo o desenvolvimento de um rapaz adotado por um casal gay do que uma rapariga, devido à norma do desenvolvimento psicosexual, isto pode ser devido à socialização da masculinidade hegemónica, o preconceito que associa a masculinidade gay e pedofilia também contribui para esta visão.

Em suma Almeida (2013) observa uma preocupação no crescimento e socialização da criança e como os homossexuais estão fora da ordem reprodutiva deveriam ver essa limitação como um entrave à parentalidade.

Capítulo 2 - Metodologia

1. Opções Teóricas e Metodológicas

O presente capítulo pretende dar a conhecer as opções metodológicas e consequentes justificações para o estudo empírico propriamente dito. Neste ponto apresentamos as principais questões e objetivos da pesquisa para, a seguir, darmos conta da construção do modelo de análise e das hipóteses que orientaram o trabalho de pesquisa empírica. Nos pontos seguintes serão descritos as ferramentas e os procedimentos metodológicos, nomeadamente, os instrumentos e procedimentos de recolha de dados, os participantes considerados/amostra, e, por último, os procedimentos da análise de dados.

A metodologia baseia-se na interação entre teoria e método, e lida com questões que moldam o curso da pesquisa, organizando-o. O curso da pesquisa é determinado pelas perguntas de partida e pelos objetos e objetivos de estudo, a opção da metodologia tem que estar de acordo com os mesmos (Almeida e Pinto, 1975; Ramos, 2013; Augusto, 2014). Quivy e Campenhoudt (1998) asseguram que a escolha do instrumento de observação e a recolha de dados depende dos objetivos.

Assim, a presente investigação é de observação indireta e não participante, ou seja, o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada e não participa na realidade estudada (Mann, 1975; Ketele e Xavier, 1999).

Optámos por uma metodologia de tipo quantitativo à semelhança de outras pesquisas nesta área que procuraram estudar atitudes (Costa et al, 2012; Cardeira, Mónico e Castro, 2015; Rezende et al, 2019). Através desta conseguimos definir padrões e identificar relações entre variáveis a partir da sua representação em número. Na pesquisa quantitativa há sempre uma porção da variável que estamos a querer explicar (variável dependente) e que será explicada pelo conjunto das variáveis explicativas (independentes) (Minayo e Sanches, 1993; Dalfovo, Lana e Silveira, 2008; Cervi, 2009; Ramos, 2013). Cervi (2009) acrescenta que as conclusões das pesquisas empíricas quantitativas servem para validar, questionar ou fazer avançar as teorias, permitindo generalizações ao analisar um conjunto de variáveis num universo pesquisado grande.

Vários autores sublinham que são utilizados instrumentos estatísticos e matemáticos na pesquisa quantitativa, uma vez que estes permitem reduzir uma grande massa de informações a alguns indicadores que são capazes de representar as principais características do objeto analisado. Assim, a metodologia quantitativa deve ser aplicada a um número elevado de casos para que se garanta a representatividade (Cervi, 2009; Dalfovo, Lana e Silveira, 2008).

Para efeitos desta investigação, formulámos as seguintes questões de partida:

- Quais as atitudes dos jovens universitários em relação às famílias homoparentais?
- Será que têm uma posição favorável ou manifestam algumas atitudes negativas quanto ao facto de casais homossexuais criarem e educarem crianças?
- As raparigas, em comparação com os rapazes, têm atitudes mais favoráveis em relação às famílias de casais do mesmo sexo?
- Serão as atitudes dos jovens estudantes homogéneas ou existem clivagens tendo em conta os seus contextos de pertença e o seu posicionamento político-ideológico?
- Será que os/as estudantes que têm contacto interpessoal com indivíduos não heterossexuais têm atitudes mais favoráveis face às famílias homoparentais?

O objetivo geral deste trabalho passa por compreender e analisar as atitudes dos/as estudantes de licenciatura da Universidade da Beira Interior em relação às pessoas homossexuais e as suas famílias.

Os objetivos específicos são:

- Analisar se os estudantes universitários avaliam de maneira diferente as competências parentais, assim como o bem-estar e o desenvolvimento psicossocial das crianças nas famílias homoparentais e heteroparentais.
- Compreender a importância que os estudantes universitários atribuem à figura do pai/homem e da mãe/mulher, isto é, quais as suas atitudes face aos papéis parentais nas famílias em geral e, em particular, nas famílias de casais do mesmo sexo.
- Conhecer a perspetiva dos jovens estudantes em relação à formação de uma família homoparental, principalmente no que diz respeito à adoção como meio de acesso à parentalidade.
- Perceber de que modo o contacto interpessoal com homossexuais e o contacto com a temática da homoparentalidade pode afetar a opinião dos estudantes em relação à mesma.
- Explorar a importância de variáveis como a escolaridade dos pais dos jovens, a religiosidade e o posicionamento político dos jovens na sua relação com as atitudes.

2. Modelo de Análise e hipóteses de investigação

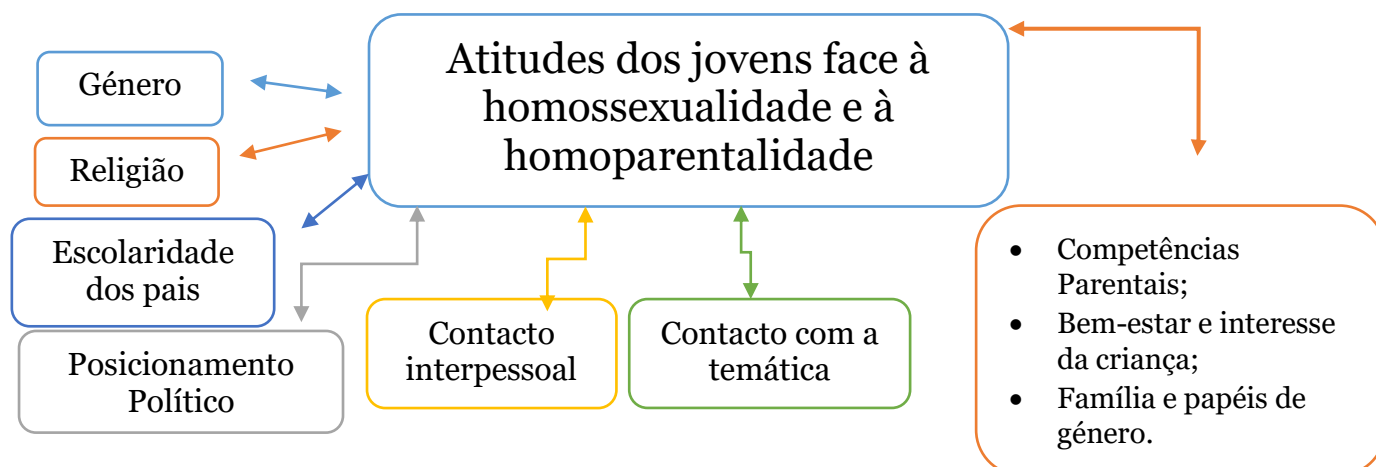


Figura 1. Modelo de Análise

A fim de analisar as atitudes dos jovens estudantes universitários que frequentam cursos de licenciatura na UBI construímos o modelo de análise que contém vários eixos explicativos de acordo com as nossas hipóteses de investigação: o género, o posicionamento político-ideológico, a escolaridade dos pais, a religião dos jovens, o contato com amigos ou familiares homossexuais e o contato com a temática da homoparentalidade.

O esquema destaca ainda, do lado direito, as principais dimensões de análise. Em primeiro lugar as competências parentais de pais gays e mães lésbicas perspetivadas em função das questões do género e da crença acerca das diferentes aptidões e talentos das mulheres e dos homens; no sentido de conhecer as atitudes dos jovens face às famílias de casais do mesmo sexo incluímos também na análise, para além das competências e qualidades parentais, aspetos relacionados com o bem-estar e interesse da criança. No fundo, estamos a convidar os jovens, rapazes e raparigas, a posicionarem-se face aos indivíduos homossexuais adultos, nomeadamente quanto aos seus direitos e qualidades parentais, enquanto na segunda dimensão o foco são as crianças. Na terceira dimensão, família e papéis de género, incluímos questões relacionadas com a divisão conjugal do trabalho profissional e doméstico, principalmente a questão dos efeitos na vida familiar do trabalho fora de casa das mulheres e, também, a participação masculina nos cuidados às crianças.

2.1. Hipóteses de investigação

Segundo Ghiglione e Matalon (1992) o principal objetivo dos questionários é a verificação de hipóteses, com o propósito de generalização. A hipótese é o elo crucial entre a teoria e os factos (Mann, 1975).

A hipótese é uma resposta provisória à pergunta de partida e recorre-se aos dados de observação para a refutar ou não. Esta só é observável através da construção dos conceitos e dos seus indicadores (Almeida e Pinto, 1975; Quivy e Campenhoudt, 1998; Cervi, 2009).

Espera-se com esta pesquisa testar algumas hipóteses de investigação que encontram fundamento na revisão da literatura. Assim, parte-se do pressuposto que são os estudantes do sexo feminino, os que têm amigos ou familiares homossexuais, os estudantes sem religião ou com menor nível de religiosidade, os que têm posicionamentos político-ideológicos mais à esquerda e os estudantes provenientes de famílias com melhores capitais escolares, aqueles que apresentam atitudes mais favoráveis/positivas em relação às pessoas não-heterossexuais e às suas famílias. Também prevemos que o contato e a abordagem da temática da homoparentalidade durante os cursos de licenciatura produza efeitos positivos nas atitudes dos jovens.

3. Técnica de Recolha de Dados

As técnicas “são conjuntos de procedimentos bem definidos e transmissíveis, destinados a produzir certos resultados na recolha e tratamento da informação requerida pela atividade de pesquisa” (Almeida e Pinto, 1975, p.380). As técnicas estão relacionadas com os objetivos de investigação e com as hipóteses (Ketele e Xavier, 1999; Cervi, 2009; Ramos, 2013).

As técnicas mais usadas na pesquisa quantitativa são a realização de pesquisas por aplicação de questionários e a partir de fontes de dados primários estatísticos (Dalfovo, Lana e Silveira, 2008; Cervi, 2009). J. Fonseca (2008) assegura que na Metodologia Quantitativa o instrumento preferencial de investigação é o questionário. Almeida e Pinto (1975) acrescentam que o inquérito é uma técnica, precisa e formal, de observação não participante, no qual as questões são dirigidas a um conjunto de indivíduos (inquiridos), geralmente, representativos de uma população.

Ghiglione e Matalon (1992) acreditam que as principais razões para se utilizar os inquéritos são, por um lado, quando queremos saber uma variedade de comportamentos de um mesmo indivíduo impossíveis de captar através de observação direta - uma vez que o inquérito substitui uma observação muito difícil - e, por outro, quando se quer saber comportamentos de uma intimidade frequente, como atitudes, opiniões, preferências, que só são acessíveis de forma prática pela linguagem.

No que diz respeito ao tratamento dos dados, Quivy e Campenhoudt (1998) garantem que as respostas do questionário só podem ser úteis se forem tratadas

quantitativamente, de modo a que permita comparar as respostas globais de diferentes categorias sociais e analisar as correlações entre variáveis.

O inquérito por questionário é composto por três principais momentos: o planeamento, a aplicação e a análise. Em primeiro lugar é fundamental limitar o que se pretende estudar - escolher o tipo de informação que nos interessa obter, formular as hipóteses que vão comandar os momentos fundamentais da sua preparação e execução, delimitar o universo e a construção da amostra representativa (Almeida e Pinto, 1975; Quivy e Campenhoudt, 1998).

3.1. Amostra

A observação pode ser dirigida à população ou obtida através de uma amostra. A população diz respeito à totalidade dos elementos dentro do objeto de estudo, ou seja, são todos os elementos que têm em comum alguma característica de interesse para o estudo em causa. Esta análise é utilizada quando o universo é pequeno e pode ser estudado na sua totalidade (Quivy e Campenhoudt, 1998).

Tendo-se optado por estudar o caso da Universidade da Beira Interior, o nosso estudo recai, pois, sobre o universo constituído por esta universidade, em particular sobre a sua população jovem de estudantes universitários.

A Universidade da Beira Interior é uma universidade pública localizada na cidade da Covilhã, distrito de Castelo Branco. Acolhe mais de 8000 alunos, distribuídos por cinco faculdades: Artes e Letras, Ciências, Ciências da Saúde, Ciências Sociais e Humanas e Engenharia. A Universidade da Beira Interior é, atualmente, uma das academias portuguesas que recebe alunos de todas as regiões do país e de diversas nacionalidades.

Para a seleção dos/as participantes desta pesquisa foram definidos como critérios de inclusão, em primeiro lugar, indivíduos jovens estudantes universitários da UBI. Os critérios de seleção da amostra foram, então, os seguintes: jovens estudantes universitários com idade até aos 23 anos, que se encontram a frequentar uma licenciatura nas diferentes áreas/cursos e que possuam nacionalidade portuguesa. Por outro lado, os critérios de exclusão são todos/as aqueles/as que não possuem nacionalidade portuguesa, que têm idade superior a 23 anos e que não estão a frequentar uma licenciatura na Universidade da Beira Interior.

A amostragem, como salientam vários autores, não é só uma questão meramente estatística, utilizam-se as técnicas de amostragem porque não se consegue estudar a população inteira (Minayo e Sanches, 1993; Quivy e Campenhoudt, 1998; Dalfovo, Lana

e Silveira, 2008). As amostras, segundo Mann (1975) poupam tempo e trabalho, permitem uma concentração de esforços para conseguir informações de qualidade sobre o menor número de casos. A amostragem significa uma troca de certeza por probabilidade (Almeida e Pinto, 1975).

A amostragem presente diz respeito a uma amostragem aleatória simples, uma vez que a amostragem aleatória inclui a possibilidade de matematicamente determinar a dimensão da amostra em função da precisão e do grau de confiança desejados para os resultados (Almeida e Pinto, 1975).

O cálculo da amostra foi feito tendo em conta que a Universidade da Beira Interior possui cerca de 4393 alunos de nacionalidade portuguesa com idade máxima de 23 anos a frequentar uma licenciatura. Este número total de alunos foi solicitado ao Gabinete da Qualidade da UBI que transmitiu o número de alunos por escalões etários de acordo com os respetivos cursos. Assim, idealmente pretendíamos obter cerca de 354 inquéritos por questionário (para ter uma margem de erro de 5%). Contudo, a amostra final foi composta por 163 estudantes universitários, com idades entre os 18 e os 23 anos, correspondendo ao número de estudantes que responderam ao questionário colocado *online*, com este número de estudantes a nossa margem de erro foi de 8%.

3.2. Instrumento de recolha de dados: o inquérito por questionário

Segundo Almeida e Pinto (1975) o segundo momento, na elaboração do inquérito por questionário, refere-se à preparação do instrumento de recolha de dados, ou seja, redigir o questionário tentando compatibilizar os objetivos com uma linguagem acessível e formulando o tipo, forma e ordem das perguntas.

Começámos o nosso inquérito com questões de caracterização sociodemográfica. Optámos por questões fechadas nas quais existe uma lista preestabelecida de respostas possíveis. As questões fechadas foram do tipo dicotómico e de escolha múltipla. Na primeira o inquirido escolhe a resposta entre duas opções. Este tipo de pergunta, embora restrinja a liberdade das respostas, facilita a sua codificação. As questões de escolha múltipla facilitam também a codificação mas proporcionam ao mesmo tempo uma exploração em profundidade quase tão boa quanto a de perguntas abertas (Almeida e Pinto, 1975; Lakatos e Marconi, 2003).

As vantagens das questões fechadas são, segundo Foddy (1996), permitirem uma resposta mais fácil e com menor variabilidade, propondo uma tarefa de reconhecimento em vez de um apelo à memória.

Para além das questões sociodemográficas foram apresentadas aos participantes seis escalas de atitudes. Segundo Foddy (1996), as escalas permitem uma maior precisão e a testagem de hipóteses mais complexas. Isto é fundamental, principalmente quando o investigador não está presente e quando os inquiridos não justificam as suas respostas. As escalas são úteis uma vez que os inquiridos quando respondem a questões sobre atitudes, opiniões e preferências interpretam de acordo com a sua situação específica (Magalhães e Hill, 1998).

Quanto maior é o número de categorias utilizado nas escalas maior é a validade da informação recolhida (Foddy, 1996). De acordo com Quivy e Campenhoudt (1998), as escalas de atitudes são uma técnica rigorosa e sofisticada de medição das atitudes de um indivíduo a partir de uma série de opiniões. As escalas de atitudes e opiniões procuram ultrapassar o subjetivismo através da utilização de um sistema pré-construído de proposições sobre as quais o inquirido toma posição (Mann, 1975).

Existem diferentes tipos de escalas de atitudes, neste caso optámos pela escala de Likert, na qual os inquiridos são confrontados com afirmações e têm que escolher entre se concordam totalmente, concordam, não concordam nem discordam, discordam ou discordam totalmente (Mann, 1975). Há uma classificação dos vários tópicos, escolhem-se as frases que manifestem uma atitude favorável ou desfavorável em relação a um objeto. A medição é feita pelo posicionamento do indivíduo face a estas frases (Foddy, 1996).

As escalas de atitudes utilizadas no nosso inquérito por questionário estão organizadas em seis tópicos (“Família”; “Homossexualidade”; “Pais, Mães e Crianças”; Proximidade/Intimidade”; “Parentalidade” e “Relações Familiares”²). Foram então as seguintes:

1. Escala de Atitudes e valores face à família e aos papéis de género (“Família”) – baseado nos sucessivos Inquéritos do ISSP (2004 e 2014) - Family and Changing Gender Roles III;
2. Escala de explicações da homossexualidade (“Homossexualidade”) – pretende-se avaliar a adesão às explicações da homossexualidade, com uma escala de

² Procurámos dividir o questionário com títulos intencionalmente vagos e aparentemente neutros de modo a não revelar os objetivos do investigador em cada escala e procurando assim evitar induzir as respostas.

Likert. Foi uma escala adaptada do estudo de Lacerda, Pereira e Camino (2002) que recorrem a explicações biológicas (homossexualidade associada a problemas hereditários); explicações religiosas (homossexualidade relacionada à falta de fé); explicações psicológicas (homossexualidade relacionada aos abusos na infância); explicações psicossociais (homossexualidade não é doença, distúrbio nem perversão). Foram acrescentadas mais três possíveis explicações baseadas na investigação de Costa e Salinas-Quiroz (2018).

3. Escala de Atitudes quanto à parentalidade Gay e Lésbica (“Pais, Mães e Crianças”) – foi uma escala baseada no estudo de Costa et al (2014), consiste em 11 itens que pretendem medir as crenças dos inquiridos quanto a pessoas não-heterossexuais, nomeadamente, gays e lésbicas enquanto figuras parentais. Neste caso foram colocadas 12 afirmações, 6 dizem respeito às crenças negativas quanto à parentalidade gay e lésbica e as outras 6 são crenças positivas relativamente à homoparentalidade.
4. Escala de rejeição à proximidade/intimidade – foi uma escala apresentada por Lacerda, Pereira e Camino (2002), estes autores basearam-se em Pettigrew e Meertens (1995). Esta escala avalia os aspetos mais flagrantes do preconceito, são apresentadas sete afirmações e os estudantes indicam o quanto se sentem incomodados com cada uma das situações (1 [nada constrangido] a 5 [muitíssimo constrangido]).
5. Escala de Atitudes face à adoção de crianças por homossexuais (“Parentalidade”) - foi baseada na escala elaborada por Falcão (2004) (in Cardeira, 2012), é constituída por 37 itens (positivos e negativos), o nível de aceitação é avaliado pela escala de Likert. Contudo foi adaptada para 12 itens para que o inquérito não se tornasse demasiado longo e cansativo para os nossos respondentes.
6. Foi acrescentada uma última escala (“Relações Familiares”) que pretende perceber a perceção, do ponto de vista dos jovens, da aceitação da homoconjugalidade e da homoparentalidade por parte das famílias com filhos e filhas homossexuais. Esta escala, ao contrário das anteriores, não se baseia em pesquisas já efetuadas.

3.2.1. Procedimentos de recolha de dados

Os dados foram recolhidos através de um inquérito por questionário elaborado através da plataforma *online* de questionários – *Google Forms*, esta é uma aplicação através da qual se pode pesquisar e recolher informações podendo, também, ser usados questionários.

O inquérito por questionário foi enviado para os/as jovens estudantes da UBI através do e-mail que têm associado à universidade pelo Gabinete de Relações Públicas da mesma instituição. Como através deste e-mail só conseguimos inicialmente 56 respostas optámos por colocar o questionários nas redes sociais, obtendo, assim, um total de 163 inquéritos por questionário.

3.3. Questões éticas

No que diz respeito aos procedimentos éticos a presente dissertação foi aprovada pela Comissão de Ética da Universidade da Beira Interior (anexo 1). Também no início de cada questionário foi apresentada a declaração do consentimento livre, informado e esclarecido que expunha o objetivo da investigação, assim como os seus destinatários. Foi assegurado o anonimato, a confidencialidade e o facto de o inquérito ser voluntário. Também foi garantido que não existiam riscos, fontes de financiamento nem proveitos para além dos científicos (anexo 3).

Explicação da Figura 1.1

Dado a extensão do questionário e no sentido de tornar exequível a conclusão da pesquisa conducente à dissertação de mestrado, decidimos selecionar apenas alguns indicadores julgados mais pertinentes, tendo em conta os resultados das pesquisas realizadas nesta área.³

A figura 1 mostra o conjunto de variáveis e indicadores selecionados. Indo de acordo com as nossas hipóteses de investigação dividimos a análise segundo algumas dimensões.

A primeira diz respeito às competências parentais, nesta dimensão pretendemos avaliar se os jovens fazem distinção entre os casais homossexuais e os casais heterossexuais, e se dão preferência aos casais de sexo oposto.

A segunda dimensão de análise denominámos de “Bem-estar e interesse da criança”. Esta dimensão está dividida em seis modalidades. Surge em primeiro lugar o desenvolvimento psicossocial da criança. Como já referido, as atitudes negativas face às famílias homoparentais decorrem de alguns receios dos jovens e da sociedade em geral. Um desses receios é que devido à ausência de um dos sexos, nos casais homossexuais, a criança não se vai desenvolver normalmente.

Também analisámos a modalidade orientação sexual e abuso sexual de modo a avaliar as opiniões dos estudantes quanto a dois estereótipos associados aos homossexuais – a orientação sexual dos pais/mães influencia a dos filhos e em famílias homoparentais pode ocorrer abuso sexual.

³ Pensamos continuar a tratar, a explorar e a analisar os dados que resultaram do questionário aplicado em futuros trabalhos e eventuais publicações.

Ainda dentro da dimensão de análise “Bem-estar e interesse da criança” observámos duas modalidades, nomeadamente a adoção e a discriminação. Através da “adoção” pretendemos verificar se os jovens estudantes consideram que os casais homossexuais e heterossexuais devem ter os mesmos direitos, nomeadamente a adoção de crianças. Também confrontámos os jovens com a opção de escolher entre um casal de gays ou lésbicas e um casal heterossexual qual optariam para poder adotar uma criança. O último indicador quanto à adoção leva a que os estudantes ponderem se é preferível uma criança estar institucionalizada ou numa família homoparental.

Quanto à modalidade “discriminação” o objetivo é estudar se os estudantes universitários consideram que uma criança filha de um casal homossexual pode sofrer discriminação, quer em contexto escolar quer a nível da sociedade em geral. Estes dois indicadores pretendem determinar se os estudantes consideram que ainda existe discriminação na sociedade e na escola.

Por último, estudámos a dimensão de análise “Família e Papéis de Género”. Nesta pretendemos compreender se os jovens universitários fazem distinções entre casais de gays e casais de lésbicas. Também, de modo a compreender se os estudantes se aproximam mais de atitudes e valores de cariz modernista ou, pelo contrário, de atitudes e valores tradicionalistas. Mais especificamente, queremos também analisar as atitudes face às competências parentais dos casais homossexuais femininos e dos casais homossexuais masculinos e a crença que diz respeito aos talentos de género. Optámos, assim, por analisar alguns indicadores que constavam na primeira escala “Família” que, por sua vez, tinham sido retirados do ISSP- Family and Changing Gender Roles (2014) (Ramos, Atalia e Cunha, 2016).

Existem indicadores que tanto servem para avaliar as atitudes quanto às competências parentais como para avaliar as atitudes dos/as estudantes face ao bem-estar e interesse da criança, por exemplo “As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento”.

Deste modo, seleccionámos alguns indicadores de cada dimensão que cruzámos com as variáveis género, escolaridade da mãe, religião, posicionamento político, contacto interpessoal com homossexuais e a proximidade à temática da homossexualidade.

Conceitos	Dimensões de Análise	Variáveis	Modalidades	Indicadores de atitudes positivas (+) e atitudes negativas (-)	
Atitudes	Competências Parentais	Avaliação das Competências Parentais	Pais Gays	“Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e de uma mulher.” (S2_5)	(+)
			Mães Lésbicas	“Um casal de duas mulheres pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e de uma mulher.” (S2_21)	(+)
			Casais Homo	“Devido à ausência de um dos sexos, os casais homossexuais nunca vão ter tão boas competências parentais como os casais heterossexuais”. (S4_6)	(-)
	Bem-estar e interesse da Criança	Desenvolvimento Psicossocial das Crianças	Pais Gays	“Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigas do casal, avós ou outras figuras femininas.” (S6_7)	(-)
				Mães Lésbicas/ Pais Gays	“Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras masculinas.” (S6_12)
			Casais Homo	“Entre um casal lésbico e um casal gay, a criança vai ter uma melhor educação no casal lésbico, uma vez que as mulheres são mais propensas aos afetos e têm mais atenção às necessidades dos filhos.” (S6_11)	(+/-)
				“Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.” (S6_10)	(+/-)
				“Uma criança adotada por duas mulheres lésbicas receberá muito mais carinho e terá menos problemas emocionais do que uma criança adotada por dois homens gays.” (S6_9)	(+/-)
				“As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento.” (S4_8)	(-)
		Adoção	“Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver-se normalmente.” (S4_11)	(+)	
			“Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto.” (S2_12)	(-)	
			“Se fosse eu a decidir acerca da adoção entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.” (S6_3)	(-)	
			“É preferível uma criança ser adotada por um casal homossexual do que estar institucionalizada.” (S4_12)	(+)	
			Discriminação	“As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.” (S4_2)	(-)
				“A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays e lésbicas).” (S4_9)	(-)
	Promiscuidade	“É preferível uma criança ser adotada por um casal heterossexual, uma vez que os casais homossexuais têm relacionamentos mais instáveis e trocam mais vezes de parceiros/as.” (S4_5)	(-)		
		Orientação Sexual	“As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.” (S4_4)	(-)	
	“A orientação sexual dos pais/mães, numa família homoparental, não vai afetar a orientação sexual das crianças.” (S4_14)		(+)		
	Família e Papéis de Género	Abuso Sexual	“É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais.” (S4_7)	(-)	
			“Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.” (S2_4)	(-)	
“Tudo considerado, a vida familiar é prejudicada quando a mulher trabalha fora de casa a tempo inteiro.” (S2_19)			(-)		
“A criança é prejudicada quando o pai não participa nos cuidados aos filhos.” (S2_6)			(-)		

Figura 1.1. - Indicadores utilizados para analisar as atitudes dos jovens estudantes dos cursos de licenciatura da UBI

Capítulo 3 – Resultados

1. Caracterização sociodemográfica da população estudada

No total 163 estudantes universitários responderam ao inquérito por questionário.

A maioria dos inquiridos é do sexo feminino (68,1%), sendo que apenas 31,9% são do sexo masculino. No que diz respeito à orientação sexual 72,4% identifica-se como heterossexual, sendo a segunda opção mais selecionada a bissexualidade com uma percentagem de 13,5%, seguida pela orientação sexual gay com 7,4%.

Ao cruzar estas duas variáveis (tabela 1, anexo 2) consegue-se perceber que dos 52 inquiridos do sexo masculino 35 identificam-se como heterossexuais, 12 identificam-se como gays e apenas 3 se declaram bissexuais; 2 escolheram a opção outra orientação. A maioria das mulheres identifica-se como heterossexual (83 mulheres), sendo a bissexualidade a segunda opção mais selecionada (19 mulheres). A opção “Outro” foi selecionada por 7 mulheres e apenas uma se identificou como lésbica e outra como transsexual. Em suma, relativamente à variável orientação sexual, por sexo, verifica-se que as distribuições são diferentes em termos de frequências absolutas, no entanto, destaca-se a categoria dos bissexuais que é muito mais elevada no sexo feminino. Também a orientação homossexual é mais expressiva nos indivíduos do sexo masculino do que nos indivíduos do sexo feminino, já que apenas uma rapariga se declarou lésbica, enquanto 12 rapazes se declararam gays. Estes dados são por si próprios interessantes já que remetem para a dominação simbólica do género masculino e podem indicar uma maior dificuldade das raparigas em assumirem uma orientação não heterossexual. Como observámos noutro trabalho (Santos e Dias, 2018), a bissexualidade parece funcionar algumas vezes como forma de não assunção da homossexualidade quando para os próprios sujeitos e suas famílias é encarada como uma fase reversível associada à expectativa do regresso à «normalidade». Nestes casos não parece tratar-se de livre expressão mas antes indiciar uma estratégia identitária de ocultação ligada à repressão e discriminação de orientações e identidades de género não heterossexuais, mais forte para as raparigas do que para os rapazes. Todas estas hipóteses carecem de maior aprofundamento e pesquisa. Em termos metodológicos também é interessante discutir os efeitos da aplicação de um questionário *online*, em particular no que se refere às características da amostra e a sua influência nos resultados do estudo. Provavelmente o tema da pesquisa interessou e chamou a atenção de jovens não heterossexuais que se mostraram bastante disponíveis para responder ao

questionário. Daí termos obtido um número de participantes significativo por parte de jovens que se identificam como gays e bissexuais.

Quanto à idade, a nossa amostra é mais representativa de jovens pertencentes ao escalão etário dos 20 aos 23 anos (62,6%); 36,8% têm entre 18 e 20 anos e apenas um tem menos de 18 anos.

No que diz respeito ao curso e às áreas científicas mais representativas destacam-se “Sociologia e Psicologia” e “Medicina e Ciências Farmacêuticas”, ambas com 14,7%, seguidos por “Ciências do Desporto” (13,5%). “Economia, Gestão e Marketing” e a área de “Ciências (Física, Química, Biotecnologia) e Matemática” têm uma percentagem de 11%, respetivamente. Os estudantes de “Artes e Letras” representam 8% e “Ciências Aeroespaciais” e “Informática, Tecnologia e Sistemas de Informação” têm uma percentagem de 7,4%. Quanto aos cursos de “Arquitetura, Engenharias, Indústrias Transformadoras e Construção” a percentagem é de 6,7%. Os cursos com menos representatividade na amostra são “Ciência Política e Relações Internacionais” com 3,1% e “Ciências Biomédicas e Optometria” com 2,5%.

Quanto à variável “ano” quase 30% dos inquiridos frequenta o terceiro ano da licenciatura, 25,5% frequenta o segundo e cerca de 17% o primeiro. O “quarto ano” e seguintes (“Outro”) foram as opções menos selecionadas com uma percentagem de 14,9% e 13%, respetivamente, correspondendo aos estudantes que frequentam cursos de licenciatura com o mestrado integrado.

Quando questionados acerca da média de ingresso na universidade verificou-se que a maioria dos inquiridos selecionou a opção entre 14 e 15 valores (42,6%), seguindo-se “Entre os 12 e 13 valores” com uma percentagem de 28,4%. Cerca de 28% entraram com uma média superior a 17 valores e 1,2% “abaixo dos 11 valores”.

No que diz respeito à região de residência, podemos observar que a maioria dos alunos (40,7%) é oriundo do Centro (excluindo a zona da Covilhã e Castelo Branco), sendo que cerca de 18% pertence à região Norte (excluindo o Porto e a região do Grande Porto). As regiões menos selecionadas são a região “Sul” (1,9%) e “Ilhas” (2,5%). Das regiões mais próximas, como a Covilhã e Castelo Branco vêm 17% e 8,6% dos jovens que responderam ao questionário.

Acerca do tipo de aglomerado (rural/urbano) de origem dos estudantes, podemos observar que mais de 30% dos inquiridos vivia, ou vive ainda, numa aldeia, vila ou lugar do interior do país (33,1%), seguido por cerca de 32% provenientes de cidades do interior. Apenas um número de 10 e 9 estudantes, respetivamente, são oriundos do “Porto e da Região do Grande Porto” e de “Lisboa e Região da Grande Lisboa”.

Relativamente à vida familiar e conjugal dos jovens, do total de 163 inquiridos apenas 6 são casados enquanto 18 declaram viver em casal (“casado/a ou em coabitação conjugal

informal”) e 17 afirmam viver “Outra situação”. Do total de participantes, apenas 4 pessoas têm filhos. Estes dados são expectáveis tendo em conta a idade dos inquiridos e a tendência para o adiamento da entrada na conjugalidade e na parentalidade dos jovens portugueses, sobretudo aqueles que seguem estudos longos. Da mesma maneira, a nossa amostra reflete a tendência para uma entrada mais tardia no mercado de trabalho dos jovens universitários e a dependência económica em relação aos pais. Apenas 18,4% dos inquiridos estudam e trabalham.

A análise do capital escolar da família de origem dos estudantes revela que são as mães que tem um nível de escolaridade mais elevado, cerca de 18% possuem uma licenciatura e cerca de 35% têm o ensino secundário. Quanto à escolaridade dos pais dos jovens, 28,5% têm o ensino secundário e apenas 9,5 % possuem uma licenciatura. Existe ainda uma percentagem significativa de pais (26,6%) e mães (18%) com baixa escolaridade, isto é, com grau inferior ao 3º ciclo. Apesar dos progressos verificados na educação em Portugal nas últimas décadas persistem ainda fortes desigualdades escolares. Como mostram vários estudos (Wall et al, 2016), a maioria dos portugueses, apresenta, pelos padrões europeus, uma escolaridade baixa. Assim, as famílias dos jovens pesquisados não se distinguem, neste aspeto, da generalidade das famílias portuguesas.

Relativamente à religião a maioria dos jovens afirma ser católico não praticante (46%), seguindo-se a opção “sem religião” com uma percentagem de cerca de 32% e ainda “católico praticante” com 16%.

No que diz respeito ao posicionamento político um número significativo de jovens (38,8%) selecionou a resposta “não sei”. Os restantes posicionam-se no centro-esquerda (19,6%), no centro-direita (18,4%) e na esquerda (17,8%). Quando questionados acerca do partido político com o qual simpatizam mais, cerca de 45% afirmam não sentir simpatia por nenhum partido, seguindo-se o PS e o BE com uma percentagem idêntica (13,5%) e o PSD com cerca de 13%.

Quando questionados se têm um amigo ou familiar homossexual com quem se relacionam habitualmente, quase 75% dos jovens respondeu que sim e cerca de 25% negou ter contacto com alguém não heterossexual no seu círculo de familiares e amigos. No entanto, a maioria dos jovens, 80,4%, não tem como melhor amigo ou amiga uma pessoa não heterossexual, contra 19,6% que respondeu afirmativamente.

Quando quisemos saber se os estudantes dos vários cursos de licenciatura já tinham abordado a temática da homossexualidade e/ou das pessoas não heterossexuais e das suas famílias em alguma das cadeiras do curso, a maioria, cerca de 70%, negou ter discutido o assunto. Apenas 30,2% dos estudantes da UBI afirmou ter abordado esta temática no âmbito do seu curso. A tabela 2, em anexo, mostra que são os cursos da

área das ciências sociais, mais especificamente “Sociologia e Psicologia”, mas também “Medicina e Ciências farmacêuticas” que mais abordaram a temática, com, respetivamente, 13% e 7,4% de respostas positivas. Estes resultados estão em consonância com alguns estudos efetuados, tal como referido anteriormente (Gato e Fontaine, 2012; Costa et al, 2014).

Tabela 1 – Caracterização Sociodemográfica dos jovens estudantes da UBI

Variáveis		Frequência	Percentagem	Média
Sexo	Masculino	52	31,9	1,68
	Feminino	111	68,1	
Orientação sexual ou identidade de género	Bissexual	22	13,5	2,19
	Heterossexual	118	72,4	
	Gay	12	7,4	
	Lésbica	1	0,6	
	Transexual	1	0,6	
	Outra	9	5,5	
Idade	Menor de 18 anos	1	0,6	2,62
	18-20 anos	60	36,8	
	21-23 anos	102	62,6	
Área Científica	Ciências do Desporto	22	13,5	5,49
	Artes e Letras	13	8	
	Sociologia e Psicologia	24	14,7	
	Ciências Políticas e Relações Internacionais	5	3,1	
	Economia, Gestão e Marketing	18	11	
	Medicina e Ciências Farmacêuticas	24	14,7	
	Ciências Biomédicas e Optometria	4	2,5	
	Ciências (Física, Química, Biotecnologia) e Matemática	18	11	
	Ciências Aeroespaciais	12	7,4	
	Informática, Tecnologias e Sistemas de Informação	12	7,4	
Arquitetura, Engenharias, Indústrias Transformadoras e Construção (Engenharia Têxtil, Civil...)	11	6,7		
Ano	1º ano	27	16,8	2,82
	2º ano	41	25,5	
	3º ano	48	29,8	
	4º ano	24	14,9	
	Outro.	21	13	
Média de Entrada	Abaixo 11 valores	2	1,2	2,97
	Entre 12 e 13 valores	46	28,4	
	Entre 14 e 15 valores	69	42,6	
	Maior do que 17 valores	45	27,8	
Tipo de Aglomerado	Aldeia/vila/lugar do interior	54	33,1	2,28
	Aldeia/vila/lugar do litoral	33	20,2	
	Cidade do interior	52	31,9	
	Cidade do litoral	24	14,7	

Variáveis		Número total		Percentagem		Média			
Região de origem	Norte (região do Grande Porto)	10		6,2		3,96			
	Norte (outras regiões)	29		17,9					
	Covilhã	27		16,7					
	Castelo Branco	14		8,6					
	Centro (outras regiões)	66		40,7					
	Lisboa e Região da Grande Lisboa	9		5,6					
	Sul	3		1,9					
Estado Civil	Ilhas	4		2,5		1,04			
	Solteiro(a)	157		96,3					
Situação Conjugal	Casado(a)	6		3,7		1,99			
	Vive em casal (caso/a ou em coabitação conjugal informal)	18		11,2					
	Não vive em casal (não é casado/a nem vive em coabitação conjugal)	126		78,3					
Tem filhos?	Outra situação.	17		10,6		1,98			
	Sim.	4		2,5					
Condição perante o trabalho	Não.	158		97,5		1,18			
	Só estudante	133		81,6					
	Estuda e trabalha	30		18,4					
	Desempregado/a	0		0					
Escolaridade da mãe e do pai	Outra.	0		0		3,29			
		Mãe	Pai	Mãe	Pai			Mãe	Pai
	Inferior ao 9º ano	29	42	18	26,6			3	
	3º ciclo completo	24	27	14,9	17,1				
	Ensino Secundário	56	45	34,8	28,5				
	Curso pós-secundário	9	14	5,6	8,9				
	Licenciatura	29	15	18	9,5				
	Mestrado	8	8	5	5,1				
Doutoramento	3	4	1,9	2,5					
Não sabe/não responde	3	3	1,9	1,9					
Religião	Católico praticante	26		16		3,65			
	Católico não praticante	75		46					
	Protestante/evangélico praticante	0		0					
	Protestante/evangélico não praticante	1		0,6					
	Outra religião praticante	3		1,8					
	Outra religião não praticante	6		3,7					
	Sem religião	52		31,9					
Posicionamento Político	Esquerda	29		17,8		3,26			
	Centro-esquerda	32		19,6					
	Centro-direita	30		18,4					
	Direita	12		7,4					
	Não sei.	60		36,8					
Partido Político	CDS/PP	4		2,5		7			
	PSD	21		12,9					
	PS	22		13,5					
	Chega	2		1,2					
	PCP	3		1,8					
	BE	22		13,5					
	PAN	7		4,3					
Contacto interpersoal	Sim.	122		74,8		1,25			
	Não.	41		25,2					
Melhor amigo	Sim.	32		19,6		1,8			
	Não.	131		80,4					
Temática	Sim.	49		30,1		1,7			
	Não.	113		69,3					

2. Análise e Discussão dos Resultados

A análise dos resultados é a última etapa do processo de investigação. Antes disso procedemos à codificação das respostas e ao tratamento da informação obtida através do inquérito por questionário (Almeida e Pinto, 1975).

O tratamento dos dados foi feito através do programa IBM SPSS Statistics for Windows, Version 27.0. Para além da análise descritiva da amostra foram produzidas tabelas cruzadas de alguns indicadores com as variáveis explicativas. O teste *t* paramétrico para amostras independentes foi utilizado para apurar o nível de significância entre os grupos⁴. Dando apenas um exemplo: nas atitudes face à adoção cruzado com a variável género o teste *t* permite saber se existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas. Este teste não foi aplicado na variável explicativa posicionamento político uma vez que este contém mais do que duas categorias de resposta.

Tal como referido anteriormente, no inquérito por questionário utilizou-se a escala de Likert com as seguintes categorias: discordo totalmente, discordo, não concordo nem discordo, concordo e concordo totalmente. A cada categoria foi atribuído um código que vai do 1 (discordo totalmente) até ao 5 (concordo totalmente). Com base nesta codificação foram calculadas médias de concordância para cada item de resposta ou indicador. Na apresentação dos dados, e a fim de não complicar demasiado a sua leitura, as tabelas com as médias constam dos anexos (anexo 2). Com o intuito de tornar mais perceptível a exposição dos resultados elaborámos gráficos e tabelas a partir dos outputs do SPSS que contém as percentagens das respostas que iremos analisar. Nestes a escala aparece simplificada, mais uma vez com a intenção de facilitar a leitura e análise dos resultados. Assim, procedemos à agregação dos níveis de concordância, resultando daí três níveis: Discordo (Discordo Totalmente + Discordo); Não concordo nem discordo; e Concordo (Concordo Totalmente + Concordo). As tabelas com a escala completa obtidas diretamente através do programa SPSS foram colocadas em anexo.

Em termos de estratégia metodológica optámos por analisar, num primeiro momento, os vários indicadores selecionados para cada dimensão de análise (tabela 1.1.) em relação ao total da amostra. Num segundo momento, procedemos ao cruzamento das respostas dos participantes com as variáveis explicativas consideradas no nosso estudo (género dos inquiridos, religiosidade, posicionamento político, contato com pessoas

⁴ Através deste teste conseguimos verificar se existem diferenças significativas entre os grupos através do *p-value* que aparece nas tabelas produzidas pelo SPSS com a abreviatura “Sig.”. Quando este valor é inferior a 0,05 (nível de significância usual para este tipo de testes) rejeita-se a hipótese nula que pressupõe a igualdade das variâncias. Neste caso podemos assumir que existem diferenças significativas entre os grupos; quando o valor de *p* é superior a 0,05 apesar de poderem existir diferenças entre as variâncias estas não são significativas, logo não se rejeita a hipótese nula.

não heterossexuais, contato com a temática e escolaridade dos pais dos jovens) a fim de testar as hipóteses iniciais.

Competências Parentais

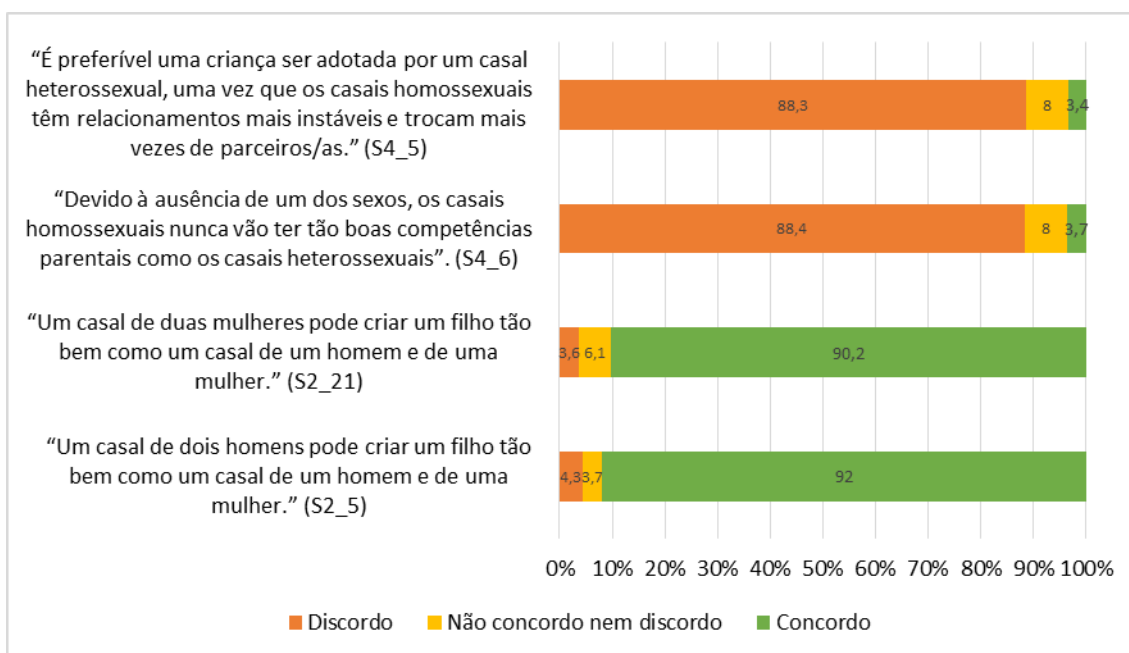


Figura 2.- Atitudes dos estudantes face às competências parentais

A figura 2 apresenta o conjunto de indicadores utilizado para medir as atitudes quanto às competências parentais dos casais do mesmo sexo. Verificamos que os jovens estudantes universitários têm um grau de discordância bastante elevado nos indicadores de atitudes negativas e um grau de concordância igualmente elevado nos indicadores de atitudes positivas. Cerca de 88% discorda tanto da frase “É preferível uma criança ser adotada por um casal heterossexual, uma vez que os casais homossexuais têm relacionamentos mais instáveis e trocam mais vezes de parceiros/as” como da frase “Devido à ausência de um dos sexos, os casais homossexuais nunca vão ter tão boas competências parentais como os casais heterossexuais”. Se os estudantes concordassem com a primeira afirmação revelariam uma atitude preconceituosa e uma visão estereotipada dos casais homossexuais, o que não acontece para a generalidade dos jovens. Quanto à falta de diferenciação sexual na sua relação com as capacidades parentais dos casais do mesmo sexo, apontada em vários estudos (Gato, Fontaine e Leme, 2014; Gato e Fontaine, 2015; Gato et al, 2015) como estando na base de uma avaliação negativa dos pais gays e das mães lésbicas, por comparação com os casais de sexo diferente, os estudantes da UBI não fazem uma distinção de sentido negativo. Mais de 90% dos jovens inquiridos concorda que um casal de dois homens ou um casal de duas mulheres “pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e de uma mulher”. No entanto, aqueles que discordam tendem

a discordar ligeiramente mais quando se trata de famílias de casais masculinos (4,3%) do que quando se trata de famílias de casais femininos (3,6%). É também curioso verificar que a posição neutra (“Não concordo nem discordo”) manifesta-se mais em relação aos casais de mulheres (6,1%) do que em relação aos casais de homens (3,7%) que parecem deixar os respondentes menos indiferentes. Os últimos atraem, ainda que com ligeiras variações, mais posições discordantes do que posições neutras (para as mães lésbicas é ao contrário), vindas de quem, aparentemente, não tem opinião ou está hesitante entre o discordo e o concordo. Apesar do nível de discordância dos estudantes ser baixo, comparado com a opinião favorável da maioria, a homoparentalidade no masculino revela ser uma questão mais fraturante do que a homoparentalidade no feminino.

Sendo a parentalidade gay uma questão que parece ser menos consensual entre os jovens decidimos cruzar este indicador com as variáveis de *background* utilizadas neste estudo.

Tabela 2.1. – Atitudes face às competências parentais de casais gays segundo o **sexo**

Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	H		M		H		M		H		M		H	M	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	5	9,6	2	1,8	4	7,7	2	1,8	43	82,7	107	96,4	4,15	4,77	0

Terão os inquiridos do sexo masculino atitudes diferentes dos inquiridos do sexo feminino em relação às competências parentais dos casais gays? Olhando para a tabela 2.1. podemos observar uma concordância superior das raparigas (96,4%) em relação aos rapazes (82,7%), cujas médias, bem como o teste *t* confirmam a existência de diferenças significativas (sig=0).

Tabela 2.2. – Atitudes face às competências parentais de casais gays segundo a **escolaridade da mãe**

Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	<9º ano		E. Superior		>9º ano		E. superior		>9º ano		E. Superior		>9º ano	E. Superior	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	0	0	0	0	0	0	0	0	29	18	29	18	4,9	4,8	0,4

A fim de avaliar o impacto do capital escolar das famílias de origem dos jovens estudantes universitários optámos por trabalhar com os dados de dois subconjuntos contrastantes da amostra, isto é, os alunos cujas mães têm baixa escolaridade (inferior ao 9º ano) e os alunos que têm mães com escolaridade elevada ou superior

(licenciatura)⁵. Ambos os subconjuntos têm um peso equivalente na amostra, respetivamente 18%. A escolha da escolaridade da mãe, em vez da escolaridade do pai, deve-se à opção de seleccionar o progenitor com escolaridade mais elevada. Como vimos na tabela 1, através da descrição da população estudada, as mães dos estudantes são mais escolarizadas que os pais.

Através da tabela 2.2. vemos que o indicador “Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher” cruzado com o nível de escolaridade das mães dos jovens não obteve respostas discordantes nem neutras. Os jovens de ambos os subconjuntos mostram uma atitude positiva em relação aos pais gays. O teste *t* não revelou diferenças significativas entre os estudantes cujas mães têm baixa escolaridade e os estudantes que têm mães com escolaridade superior.

Tabela 2.3. – Atitudes face às competências parentais de casais gays segundo a **religião**

Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	Católicos Não Pratic.		Sem Religião		Católicos Não Pratic.		Sem Religião		Católicos Não Pratic.		Sem Religião		CNP	SR	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	3	4,1	2	3,9	3	4,1	2	3,9	68	91,9	48	92,3	4,53	4,6	0,7

Tal como o capital escolar da família de origem dos jovens (medido pela escolaridade das mães), também o fator religioso parece não influenciar as atitudes dos estudantes no que concerne às famílias de casais gays. Para testar o impacto da religião contrastámos os jovens que declararam ser católicos não praticantes, que na amostra são mais de 45%, com os jovens sem religião que representam cerca de 32% dos inquiridos. O grau de concordância quer de uns quer de outros é bastante elevado, cerca de 92%, e o teste *t* indica que não há diferenças significativas.

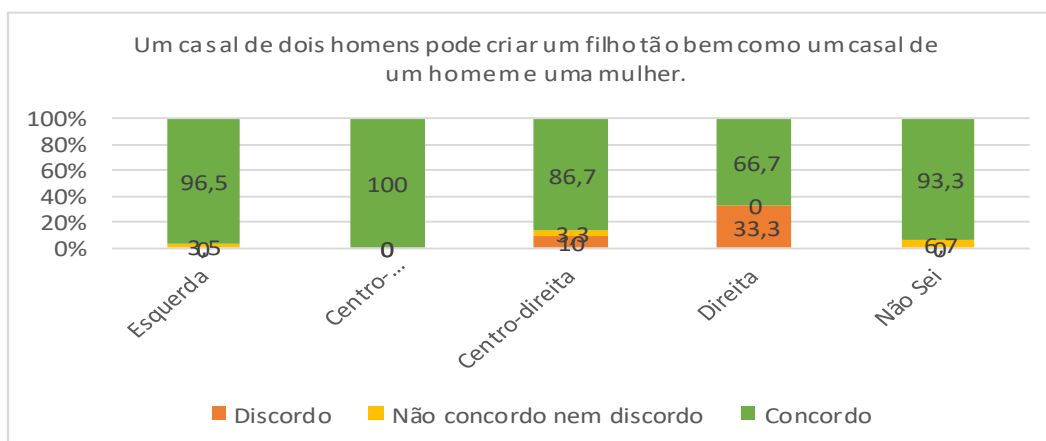


Figura 3 - Atitudes face às competências parentais de casais gays segundo o posicionamento político

⁵ A escolha destes dois subconjuntos permitiu também a aplicação do teste *t*. A utilização de todos os níveis de escolaridade na análise inviabilizava o seu uso.

As atitudes positivas face aos casais gays da generalidade dos jovens parece ser transversal aos diversos posicionamentos políticos. Mesmo os jovens que se mostram indiferentes face à política e/ou não sabem o seu posicionamento político-ideológico concordam com a afirmação. Recorde-se que estes jovens têm um peso bastante significativo na amostra com uma percentagem de cerca de 37%.

Quem não concorda nem discorda perfaz um total de 6 pessoas da amostra, sendo que quatro são jovens que não sabem definir o seu posicionamento político. Apesar do número reduzido de jovens (apenas 7) que discordam da afirmação “Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher”, todos eles se posicionam mais à direita (centro-direita e direita).

A figura 3 torna mais perceptível esta análise. À medida que se avança para o centro-direita e a direita aumenta a percentagem dos que discordam e diminuiu a percentagem dos que concordam com esta questão.

A questão de saber se o contacto interpessoal com pessoas não heterossexuais produz efeitos positivos nas atitudes face à homoparentalidade, em particular, no que diz respeito às competências parentais de casais gays, encontra suporte nos nossos dados.

*Tabela 2.4 – Atitudes face às competências parentais de casais gays segundo o **contacto interpessoal** com homossexuais*

Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	Sim		Não		Sim		Não		Sim		Não		Sim	Não	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	3	2,5	4	9,8	1	0,8	5	12,2	118	96,7	32	78	4,75	4,05	0

A tabela 2.4. mostra que a percentagem dos que concordam com a frase é superior nos jovens que responderam afirmativamente (97%) à pergunta “Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais (gays, lésbicas, etc.)?”. O teste *t* (sig.=0) confirma que existem diferenças significativas entre estes dois grupos (97% contra 78% em termos percentuais).

Analisamos de seguida as questões associadas ao bem-estar e interesse da criança.

Bem-estar e interesse da Criança

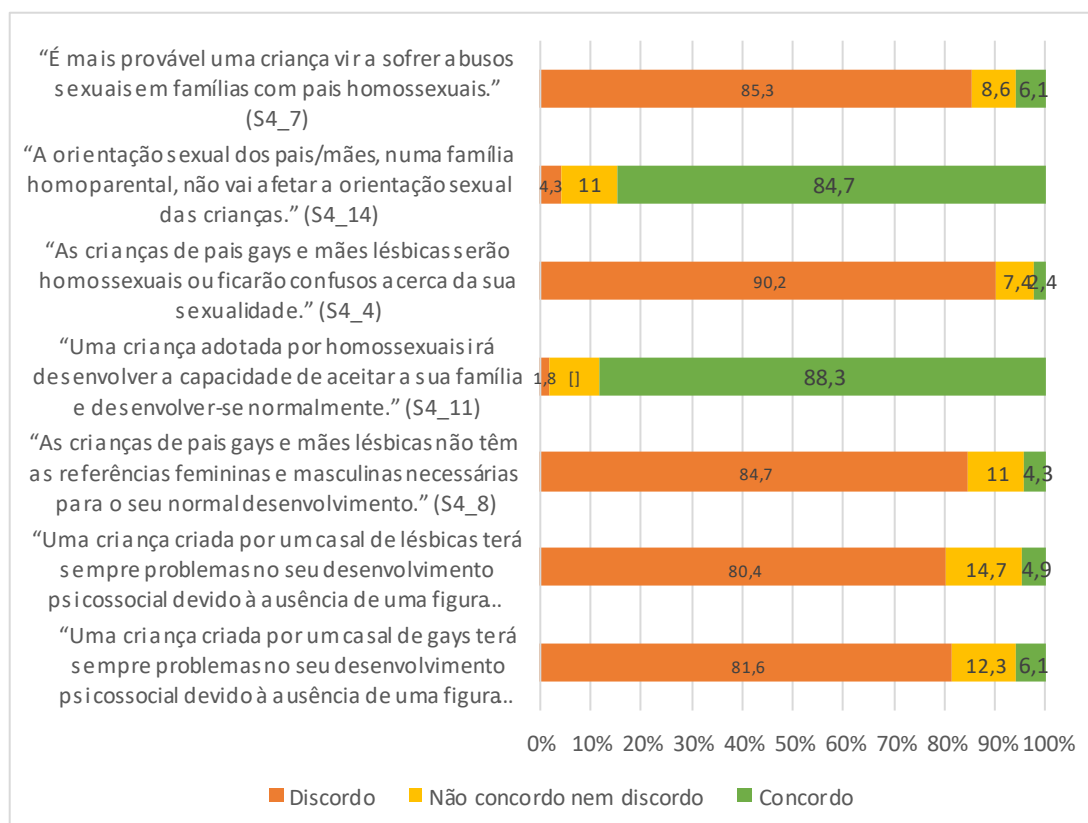


Figura 4 - Atitudes dos estudantes face ao bem-estar e interesse da criança

A figura 4 apresenta o conjunto de indicadores utilizado para medir as atitudes quanto ao bem-estar e interesse da criança nas famílias homoparentais.

No que diz respeito à ausência de um dos sexos observamos que os jovens estudantes discordam (em cerca de 80%) que essa ausência possa ter efeitos no desenvolvimento psicossocial da criança. Quer em relação à frase “Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina (...)”, quer quanto à afirmação “Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina (...)”. Contudo, é de salientar que os inquiridos concordam que a ausência do sexo feminino (6,1%) pode ter mais repercussões do que a ausência do sexo masculino (4,9%). Nota-se então que a ideia que as mães são essenciais no desenvolvimento e bem-estar dos filhos, sobretudo quando as crianças são pequenas, recolhe a simpatia de uma parte dos jovens inquiridos. Esta ideia está de acordo com a assimetria nas representações do género (Amâncio, 1994 in Santos, 2008) e mostra a força da ideologia da maternidade (Badinter, 1998; Schouten, 2011) mesmo entre os jovens. Vários estudos têm mostrado que o ideal da mulher mãe e a crença que as mulheres têm qualidades específicas para cuidar dos filhos está muito

presente na sociedade portuguesa (Ramos, Atalaia e Cunha, 2016). Aliás, um dos obstáculos para uma maior participação dos homens na vida familiar, em particular nos cuidados e educação dos filhos, está relacionada com este conjunto de ideias (Wall, Aboim e Cunha, 2010).

Esta interpretação é reforçada com base em duas observações. Em primeiro lugar, os níveis de concordância aumentam significativamente quando as proposições que indicam atitudes positivas omitem a diferenciação entre gays e lésbicas e/ou a comparação entre uns e outros. É o caso das afirmações “Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver-se normalmente” (84,7%) e “A orientação sexual dos pais/mães, numa família homoparental, não vai afetar a orientação sexual das crianças” (88,3%).

Em segundo lugar, os níveis de discordância aumentam quando os indivíduos são confrontados com os indicadores das atitudes negativas que omitem a diferenciação entre gays e lésbicas e/ou a comparação entre casais femininos e masculinos está ausente. É exemplo a questão “As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências necessárias femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento” com 85% de discordância. O consenso é quebrado por 4,3% dos inquiridos que concordam com esta ideia e por 11% que preferem manter uma posição neutra. Contudo, o posicionamento neutro é mais baixo nesta afirmação do que nas seguintes: “Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina... (12,3%)” e “Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina...”(14,7). Quer isto dizer que o posicionamento neutro é mais frequente nas afirmações que comparam gays e lésbicas do que quando a variável género está ausente. As primeiras parecem causar um certo desconforto que levam os jovens a não querer tomar posição ou mesmo a ocultar a sua opinião. Vários autores assinalam que nas sociedades contemporâneas “assistimos a uma mudança nas formas de expressão do preconceito” em direção a um preconceito subtil ou “moderno” (Gomes, 2015, p.31). Esta mudança pode ser explicada pelo facto de atualmente existirem diversas legislações que condenam a discriminação, então as pessoas “escondem” os seus preconceitos (Gato, Carneiro e Fontaine, 2011; Gouveia et al, 2012).

Estas variações subtis nas atitudes dos jovens mostram também o apego, pelo menos de uma parte dos jovens, em relação ao casal heterossexual bi-parental como norma ideal.

Os pais gays não recebem com tanta frequência o benefício da neutralidade (12,3% de respostas), em comparação com as mães lésbicas (14,7% de respostas), já que suscitam reações mais adversas por parte dos inquiridos, tal como tínhamos notado a propósito da avaliação das competências parentais.

Os dados fazem a pouco e pouco emergir a ideia que os jovens estudantes universitários não aderem a preconceitos flagrantes e demonstram atitudes positivas face à diversidade familiar, quer quando avaliam as competências de pais gays e mães lésbicas, quer quando avaliam o bem-estar dos filhos. Nesta última dimensão, a firme discordância com as frases “É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais” (85%) e “As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade” (90,2%) são exemplos relevantes. Existem, contudo, algumas diferenciações subtis que se vão tornando mais nítidas à medida que avança a análise dos dados.

O cruzamento com as variáveis explicativas na dimensão “Bem-estar da criança” faz surgir um retrato mais complexo com algumas diferenciações e clivagens sociais.

A afirmação “As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade” corresponde à frase que tem o nível de discordância mais elevado, cerca de 90%. Tendo em conta este resultado, na exposição dos dados e cruzamento das variáveis optámos por mostrar apenas os testes com este indicador.

Tabela 3.1. – Atitudes face ao bem-estar e interesse da criança segundo o **sexo**

“As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.”	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	H		M		H		M		H		M		H	M	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	39	75	108	97,3	10	19,2	2	1,8	3	5,8	1	0,9	1,8	1,2	0

São as raparigas que mais discordam com esta afirmação, comparativamente com os rapazes, com percentagens de 97% e 75% respetivamente, e são também os rapazes que adotam uma posição mais neutra. Isto é verificável através das médias de concordância, sendo no sexo feminino que a média é mais baixa, e através do valor de sig. (= 0), que mostra diferenças significativas entre os dois grupos.

De fato, ao cruzar a variável género com todos os indicadores da dimensão “Bem-estar da Criança” é possível desde já apontar algumas conclusões definitivas. A variável género é discriminante das atitudes dos jovens já que as raparigas manifestam atitudes mais favoráveis em todos os indicadores. Esta análise baseia-se nos testes efetuados

(ver tabela 51 e 52, anexo 2) mas que por uma questão de economia de espaço e facilidade de leitura dos resultados não expomos aqui. O único indicador que não apresenta diferenças significativas (*sig.* > 0,05) é o seguinte “É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais”. Este resultado mostra, mais uma vez, que os estudantes, independentemente do sexo, rejeitam os preconceitos mais vinculados face às famílias homoparentais e não aderem às atitudes negativas mais discriminatórias.

Tabela 3.2. – Atitudes face ao bem-estar e interesse da criança segundo a **escolaridade da mãe**

“As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.”	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	<9º ano		E. Superior		>9º ano		E. superior		>9º ano		E. Superior		>9º ano	E. Superior	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	29	18	29	18	0	0	0	0	0	0	0	0	1,2	1,1	

Não se verificam diferenças significativas no que diz respeito à escolaridade da mãe dos jovens estudantes universitários. Tanto os inquiridos cujas mães possuem o ensino superior como os inquiridos que têm mães com escolaridade inferior ao 9º ano discordam que “as crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade”, não existindo respostas de concordância nem neutras.

Tabela 3.3. – Atitudes face ao bem-estar e interesse da criança segundo a **religião**

“As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.”	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	Católicos Não Pratic.		Sem Religião		Católicos Não Pratic.		Sem Religião		Católicos Não Pratic.		Sem Religião		CNP	SR	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	65	87,8	48	92,3	8	10,8	3	5,8	2	2,7	1	1,9	1,6	1,3	

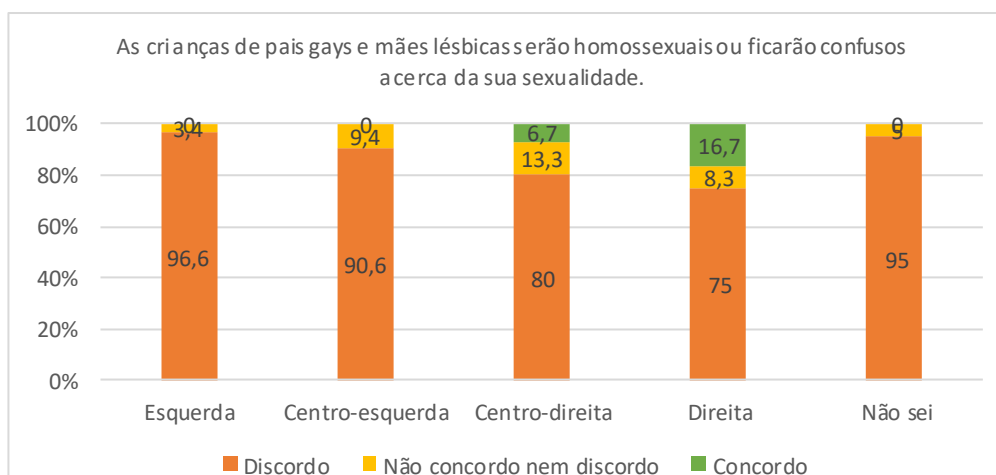


Figura 5 - Atitudes face ao bem-estar e interesse da criança segundo o posicionamento político

Os indivíduos católicos não praticantes são quem mais concorda que a sexualidade dos pais homossexuais pode influenciar a das crianças. Por outro lado, são os inquiridos que não possuem religião que discordam com a afirmação, como se pode verificar através das médias de concordância (1,3). Contudo, de acordo com o teste *t*, não existem diferenças significativas entre os jovens que se consideram católicos não praticantes e os jovens sem religião. Independentemente do seu posicionamento político a maioria dos jovens estudantes discorda que a sexualidade dos pais pode influenciar a sexualidade das crianças de famílias homoparentais. É de notar que as maiores percentagens de discordância se encontram nos inquiridos que se posicionam à esquerda e nos inquiridos que não sabem definir o seu posicionamento político ideológico, com percentagens de 96,6% e 95%, respetivamente.

Os jovens estudantes que se posicionam à direita têm a maior percentagem de concordância quanto à afirmação “as crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade” com uma percentagem de cerca de 17%.

Tabela 3.4. – Atitudes face ao bem-estar e interesse da criança segundo o **contacto interpessoal**

“As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.”	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	Sim		Não		Sim		Não		Sim		Não		Sim	Não	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	114	93,4	33	80,5	6	4,9	6	14,6	2	1,6	2	4,9	1,3	1,7	0,02

A proximidade e o contacto com pessoas não heterossexuais revela ser um importante fator que influencia as atitudes face à homoparentalidade, em especial no que diz respeito à orientação sexual das crianças. Através da tabela 3.4. podemos observar que são os inquiridos que têm amigos ou familiares homossexuais, com os quais se relacionam habitualmente, que mais discordam (93,4%). Inversamente, são os jovens que não têm contacto com pessoas homossexuais, nem na família, nem no seu círculo de amigos, que têm níveis mais altos de concordância em relação aos jovens que têm contacto (com uma média de 1,7 contra 1,3). Assim, pode-se afirmar que existem diferenças significativas entre os grupos uma vez que o valor de *p* é inferior a 0,05.

Tabela 3.5. – Atitudes face ao bem-estar e interesse da criança segundo a **proximidade à temática**

“As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.”	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	Sim		Não		Sim		Não		Sim		Não		Sim	Não	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	47	95,9	99	87,6	1	2	11	9,7	1	2	3	2,7	1,2	1,5	0,02

Podemos constatar que os estudantes que já abordaram a temática no contexto da universidade têm atitudes mais positivas e menos discriminatórias em relação à forma como avaliam o desenvolvimento da sexualidade dos filhos educados por casais homossexuais. Cerca de 96% discorda que a orientação sexual dos pais vai determinar a orientação sexual das crianças ou perturbar o desenvolvimento da sua sexualidade. Por outro lado, são os inquiridos que têm menos proximidade e contacto com a temática da homossexualidade, através do curso que frequentam, os que têm uma posição neutra e os que mais concordam com a afirmação. Contudo, é de salientar que as respostas de ambos os grupos, quer os que tiveram contacto com a temática, quer os que não tiveram, estão concentradas no “discordo totalmente” - como se pode observar através das médias de concordância. Este parece ser um assunto que não deixa ninguém indiferente e que convida os jovens a tomar posição. Podemos afirmar que existem diferenças significativas entre os dois grupos ao observar o valor de p (0,02).

Também a temática da adoção é importante quando se trata do tema da homoparentalidade. As questões incluídas na figura 6 permitem-nos perceber se os estudantes consideram que os casais homossexuais têm os mesmos direitos que os casais heterossexuais e se preferem um casal homossexual ou heterossexual quando se trata da adoção de crianças.

Adoção

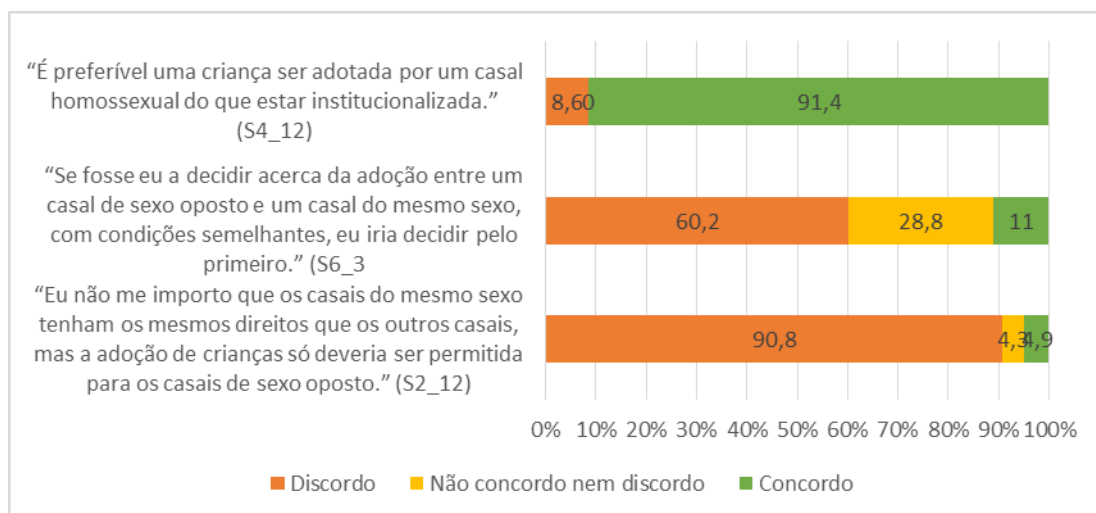


Figura 6 - Atitudes dos jovens estudantes universitários face à adoção por casais homossexuais

Quanto à afirmação “É preferível uma criança ser adotada por um casal homossexual do que estar institucionalizada” podemos verificar que a esmagadora maioria concorda, 91,4%. Contudo, 8,6% dos inquiridos discorda, sendo que nenhum inquirido tomou uma posição neutra (não concordo nem discordo).

Relativamente à frase “Se fosse eu a decidir acerca da adoção entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhante, eu iria decidir pelo primeiro” verifica-se que a maioria discorda com a frase. Contudo, quase 30% dos jovens não se posicionou quanto a esta afirmação, sendo que 11% concordou com a mesma, o que faz um total de cerca de 40% de jovens que preferem o casal heterossexual quando se trata da adoção de crianças.

Mais uma vez, a maioria dos inquiridos (90,8%) discordou com a frase “Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto”. Cerca de 4% dos indivíduos tomou uma posição neutra quanto a esta frase e quase 5% concordou que a adoção deveria ser um direito exclusivo de casais heterossexuais, num total de 9% para ambas as categorias.

Através destes resultados conseguimos perceber que apesar da maioria dos jovens admitir que uma criança pode ser adotada tanto por um casal heterossexual como por um casal homossexual, ainda existem jovens estudantes que discordam. Contudo, a grande maioria parece concordar que é preferível uma criança estar numa família homoparental do que institucionalizada.

De modo a perceber quem prefere e dá prioridade ao casal heterossexual em detrimento do casal homossexual, decidimos cruzar dois indicadores com as variáveis explicativas – “Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto” e “Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro”.

Tabela 4.1. Atitudes face à adoção segundo o **sexo**

	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	H		M		H		M		H		M		H	M	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
“Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto.”	44	84,6	102	91,9	5	9,6	2	1,8	3	5,8	5	4,5	1,62	1,26	0,02
“Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.”	23	44,2	75	67,6	21	40,4	26	23,4	8	15,4	10	9	2,48	1,84	0,001

Quanto à primeira frase verifica-se que a maioria das respostas se concentra no “discordo”. Relativamente à opção “não concordo nem discordo” são os rapazes que têm mais representatividade, por último, no nível de concordância mais elevado as raparigas aparecem em maior frequência. Através das médias de concordância conseguimos perceber que são, claramente, os rapazes que têm uma média mais elevada (1,62) em relação às raparigas (1,26). Esta diferença entre sexos é significativa, uma vez que o teste *t* nos indica que o valor de *p* é inferior a 0,05.

Relativamente à segunda afirmação, que remete para a escolha do próprio estudante entre a adoção de crianças por casais homossexuais e heterossexuais, já se verificam maiores percentagens neutras (não concordo nem discordo). Contudo, são as raparigas que mais discordam com uma média de concordância de 1,84 em relação aos rapazes (2,48). Podemos, assim, afirmar que existem diferenças significativas entre os grupos uma vez que o *sig.*=0,001.

Apesar de se verificar que são as raparigas que mais discordam que a adoção deveria ser exclusiva de casais heterossexuais, quando se coloca em questão qual seria a sua opção pessoal entre a adoção heterossexual ou homossexual tanto rapazes como raparigas optam por um nível neutro.

Tabela 4.2. Atitudes face à adoção segundo a escolaridade da mãe

“Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos ... mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto.”	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	>9º ano		E. Superior		>9º ano		E. Superior		>9º ano		E. Superior		>9º ano	E.S.	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	28	96,6	28	96,6	0	0	0	0	1	3,4	1	3,4	1,28	1,17	0,6
“Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.”	19	65,5	23	79,3	10	34,5	4	13,8	0	0	2	6,9	1,9	1,62	0,2

Relativamente à primeira afirmação as diferenças que se encontram dizem respeito às médias de concordância, uma vez que são os estudantes com mães que possuem o ensino superior os que têm médias de concordância mais baixas relativamente aos estudantes com mães de baixa escolaridade.

Já na frase “Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro” verifica-se que são os estudantes com mães que possuem um grau inferior ao 9º ano que mantêm uma posição mais neutra, sendo também este grupo que menos discorda com a afirmação. Apesar de serem os jovens com mães mais escolarizadas os que

concordam com a afirmação as médias de concordância apontam para os alunos com mães de baixa escolaridade os que têm atitudes mais negativas. É neste grupo que a média de concordância é superior, aproximando-se do nível 2 (discordo) em comparação com a média dos estudantes com mães com licenciatura (1,62).

Em ambas as afirmações, apesar de existirem diferenças estas não são significativas, uma vez que o teste *t* nos demonstra que o valor de *p* é superior a 0,05.

Tabela 4.3. Atitudes face à adoção segundo a religião

“Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto.”	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	Católicos Não Pratic.		Sem Religião		Católicos Não Pratic.		Sem Religião		Católicos Não Pratic.		Sem Religião		CNP	SR	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
“Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto.”	68	90,7	47	90,4	3	4	3	5,8	4	5,3	2	3,8	1,43	1,33	0,5
“Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.”	38	50,7	36	69,2	28	37,3	12	23,1	9	12	4	7,7	2,2	1,92	0,1

Quanto à afirmação “Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto” as percentagens de discordância são bastante elevadas, cerca de 90%. São os inquiridos católicos não praticantes que mais concordam com a frase, tendo uma média de concordância de 1,43, enquanto os estudantes sem religião têm uma média de 1,33. Contudo, não se verificam diferenças significativas entre os dois grupos.

No que diz respeito à opção dos estudantes da adoção de crianças entre um casal homossexual ou heterossexual são os católicos não praticantes que mais concordam que escolheriam um casal heterossexual. São os inquiridos sem religião que têm uma percentagem mais elevada de discordância (69,2%) em relação aos católicos não praticantes (50,7%). Também neste indicador não se verificam diferenças significativas.

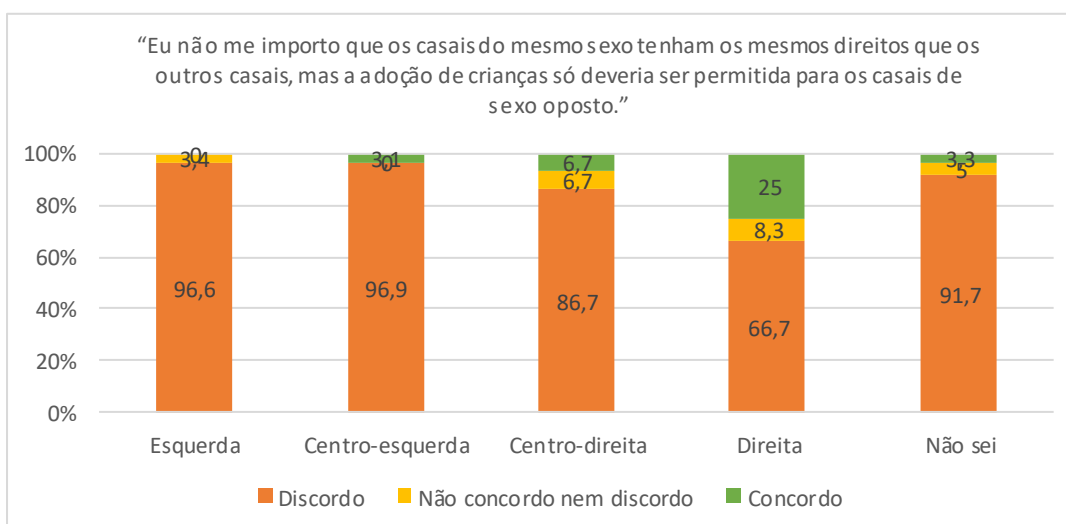


Figura 7.1. - Atitudes face à adoção segundo o posicionamento político

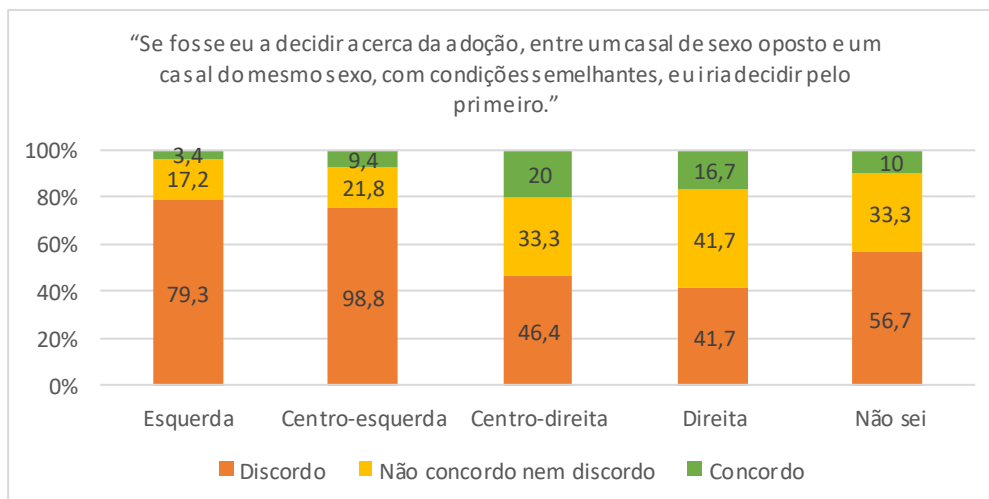


Figura 7.2. - Atitudes face à adoção segundo o **posicionamento político**

Através das figuras 7.1. e 7.2. torna-se visível a diminuição da discordância aumentando o posicionamento neutro dos estudantes. É de notar que relativamente à primeira afirmação (figura 7.1.) são os estudantes de esquerda, centro-esquerda e os que não definiram o seu posicionamento os que têm percentagens de discordância mais elevadas. Por outro lado, são os inquiridos que se posicionam à direita e centro-direita os que mais concordam que apesar dos direitos serem iguais quer para homossexuais quer para heterossexuais, a adoção só deveria ser permitida para casais do sexo oposto. Na figura 7.2. verifica-se que os indivíduos de direita, de centro-direita e os que não sabem o seu posicionamento são quem tem níveis de discordância mais baixo, tendo, por outro lado, percentagens mais elevadas de neutralidade (não concordo nem discordo). Assim, os que se posicionam à esquerda e centro-esquerda são os que mais discordam.

Tabela 4.4. Atitudes face à adoção segundo o **contacto interpessoal**

	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	Sim		Não		Sim		Não		Sim		Não		Sim	Não	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
“Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto.”	117	95,9	31	75,6	1	0,8	6	14,6	4	3,3	4	9,8	1,21	1,85	o
“Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.”	83	68	15	36,6	30	24,6	17	41,5	9	7,4	9	22	1,84	2,66	o

Quanto à primeira afirmação os inquiridos que têm contacto interpessoal com pessoas não heterossexuais são os que têm níveis de concordância mais baixos. É neste grupo que a percentagem de discordo é mais elevada (95,9%) e, por outro lado, tem uma média de concordância mais baixa (1,21) relativamente aos estudantes que não têm amigos ou familiares homossexuais nos quais a média de concordância é mais elevada (1,85). Podemos afirmar que existem diferenças significativas entre os estudantes que

têm e os que não têm contacto interpessoal com homossexuais, sendo os primeiros os que têm uma atitude mais positiva.

O aumento de respostas neutras quanto à segunda questão não é exceção nesta variável. Contudo, continuam a ser os estudantes que têm amigos ou familiares não heterossexuais os que têm uma média de concordância mais baixa. É de notar um aumento no “concordo” nos dois grupos. Também nesta frase se podem verificar diferenças significativas (*sig.=0*).

De um modo geral, quando se trata dos direitos dos homossexuais os estudantes discordam que a adoção deva ser exclusiva para heterossexuais. Contudo, quando confrontados se escolheriam entre um casal homossexual ou heterossexual os jovens já optam por manter uma posição neutra, apesar de os níveis de discordância ainda serem elevados.

A discriminação das crianças parece ser um dos receios dos jovens estudantes quanto à adoção por parte de famílias homoparentais. Deste modo, nesta dimensão de análise optámos por analisar as questões “As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola” e “A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays e lésbicas) ”.

Discriminação

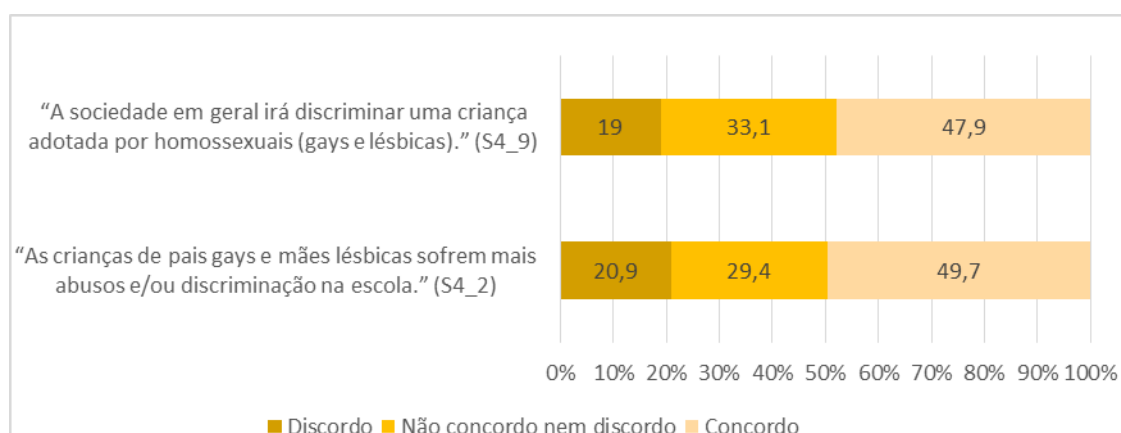


Figura 8 - Atitudes dos estudantes face à discriminação de crianças filhas de casais homossexuais

Em ambas as afirmações quase metade dos inquiridos concorda que uma criança filha de um casal homossexual pode vir a sofrer discriminação, quer na escola quer pela sociedade em geral. É de notar que existe uma maior percentagem nos jovens que não concordam nem discordam (33,1% e 29,4%) do que naqueles que concordam (cerca de 20%). A discriminação das crianças filhas de pais e mães homossexuais parece ser um assunto que deixa os jovens hesitantes e sem opinião, em comparação com o tema da adoção, talvez por este último ter sido bastante debatido e ter ganho visibilidade social aquando das mudanças legislativas.

Tabela 5.1. – Atitudes dos jovens estudantes quanto à discriminação segundo o **sexo**

“A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).”	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	H		M		H		M		H		M		H	M	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	9	17,3	22	19,8	29	55,8	25	22,5	14	26,9	64	57,7	3,02	3,4	0,02
“As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.”	10	19,2	24	21,6	17	32,7	31	27,9	25	48,1	56	50,5	3,3	3,3	0,8

No nível de concordância mais baixo – discordo – verifica-se que são as raparigas que mais discordam com as afirmações. Por outro lado, são os rapazes que mais mantêm posicionamentos neutros enquanto as raparigas voltam a ter uma maior percentagem no nível de concordância mais alto (57,7% e 50,5%) em comparação com os inquiridos do sexo masculino (26,9% e 48,1%). Observa-se um aumento da discordância e do não concordo nem discordo da primeira para a segunda frase, nomeadamente nas raparigas, o que é observável nas médias de concordância. Nos indivíduos do sexo masculino para além de aumentar o seu nível de discordância também aumenta a concordância diminuindo a sua posição neutra. Assim, verificamos que, no geral, os inquiridos consideram que existe discriminação das crianças de famílias homoparentais. Contudo, os rapazes consideram que essa discriminação vai ocorrer, principalmente, em ambiente escolar. Podemos verificar que existem diferenças significativas entre os sexos quanto à primeira afirmação “A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas)”.

Tabela 5.2. – Atitudes dos jovens estudantes quanto à discriminação segundo a **escolaridade da mãe**

“A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).”	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	>9º ano		E. Superior		>9º ano		E. Superior		>9º ano		E. Superior		>9º ano	E. Superior	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	6	20,7	4	13,8	9	31	11	37,9	14	48,3	14	48,3	3,28	3,45	0,4
“As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.”	8	27,6	5	17,2	6	20,7	9	31	15	51,7	15	51,7	3,21	3,38	0,5

Ao analisar a escolaridade das mães dos jovens estudantes com as frases acima mencionadas conseguimos perceber que são os inquiridos cujas mães têm uma

escolaridade superior que têm uma média de concordância mais elevada. De um modo geral, não existem diferenças significativas entre os dois grupos (*sig.* < 0,05).

As percentagens de concordância são iguais em ambas as frases, sendo que têm a mesma percentagem quer os inquiridos com mães licenciadas quer os estudantes com mães com grau inferior ao 9º ano. Porém, são os estudantes cujas mães têm o grau inferior ao 9º ano que mais discordam com ambas as afirmações. Por outro lado, são os inquiridos que as mães possuem uma licenciatura que têm uma percentagem mais elevada no nível “não concordo nem discordo” (37,9% e 31%), em ambas as frases, em comparação com os estudantes com mães de baixa escolaridade (31% e 20,7%).

Tabela 5.3. – Atitudes dos jovens estudantes quanto à discriminação segundo a **religião**

“A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais.	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	Católicos Não Pratic.		Sem Religião		Católicos Não Pratic.		Sem Religião		Católicos Não Pratic.		Sem Religião		CNP	SR	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	13	17,3	8	15,4	24	32	20	38,5	38	50,7	24	46,1	3,3	3,3	0,9
“As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.”	13	17,3	11	21,2	19	25,3	16	30,8	43	57,3	25	48	3,4	3,3	0,5

No que diz respeito à religião não se verificam diferenças significativas entre os católicos não praticantes e os sem religião, o que é verificável através do valor de *p*. Observam-se percentagens mais elevadas de concordância quanto à afirmação “As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola”. São os inquiridos que não possuem religião que mantêm uma posição mais neutra, tendo níveis de concordância mais baixos. Dos inquiridos católicos não praticantes cerca de 17% discorda com ambas as afirmações. Por outro lado os inquiridos sem religião aumentam os níveis de discordância quando se trata da discriminação das crianças nas escolas.

Quanto ao posicionamento político (figura 9.1.) são os inquiridos que se posicionam no centro-esquerda e esquerda aqueles que mais concordam com as afirmações com percentagens de cerca de 60% e 51,7% respetivamente, parecendo assim estar mais sensibilizados para o tema da discriminação. É nos estudantes de direita que se verifica uma percentagem mais elevada de “não concordo nem discordo”. Por outro lado, o posicionamento político não distingue aqueles que discordam- são jovens situados à esquerda, à direita e ao centro-direita.

No que diz respeito à afirmação “As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola” são os estudantes que se posicionam no centro-direita os que mais concordam. Mais uma vez o posicionamento político não distingue aqueles que discordam- nos jovens de esquerda a percentagem é de 27,6 e nos de direita é cerca de 33%.

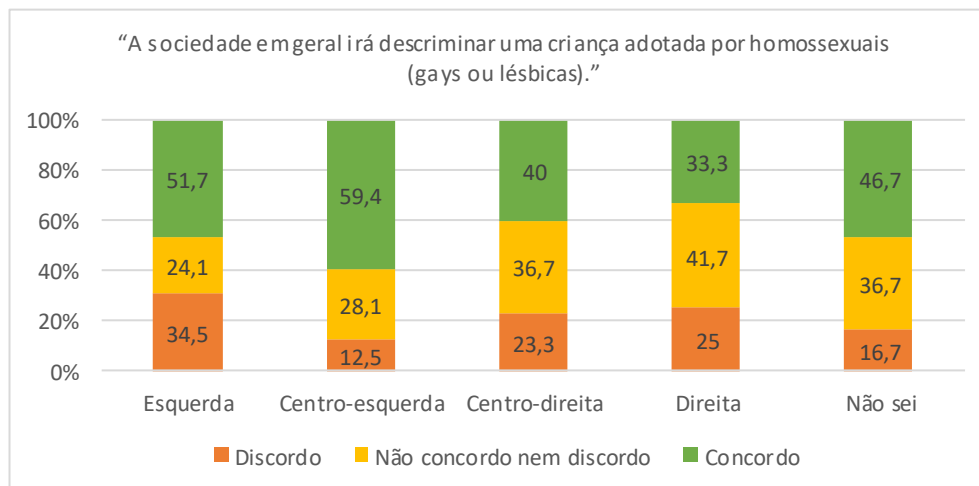


Figura 9.1. - Atitudes dos estudantes face à discriminação das crianças segundo o posicionamento político

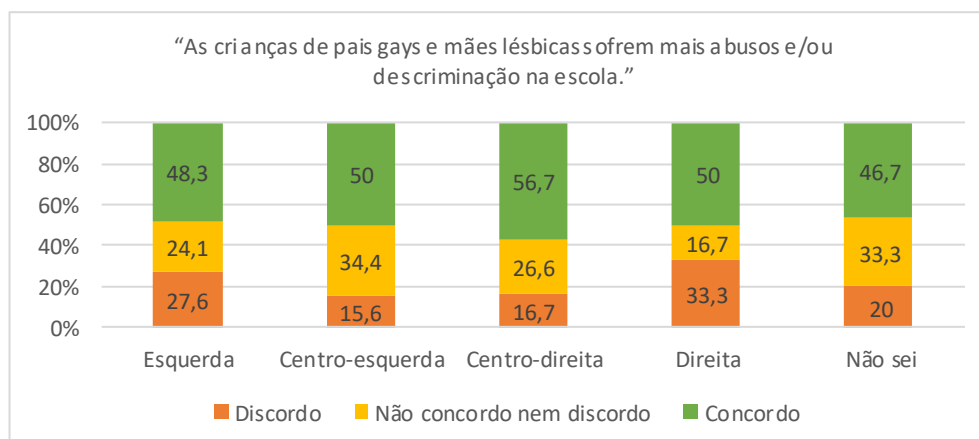


Figura 9.2. - Atitudes dos estudantes face à discriminação das crianças segundo o posicionamento político

Quanto à afirmação “A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas)” são os jovens inquiridos que não têm contacto interpessoal com homossexuais que têm percentagens mais elevadas no “não concordo nem discordo”. Por outro lado, são os indivíduos que mantêm contacto com pessoas não heterossexuais que têm uma maior percentagem de concordância (50,8%), isto pode ser verificado através das médias (3,3) em comparação com os que não têm contacto (3,2). Contudo, não é possível observar diferenças significativas entre os dois grupos.

Tabela 5.4.- Atitudes dos jovens estudantes quanto à discriminação das crianças na escola e na sociedade segundo o **contacto interpessoal**

	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	Sim		Não		Sim		Não		Sim		Não		Sim	Não	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
“A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).”	24	19,7	7	17,1	36	29,5	18	43,9	62	50,8	16	39	3,3	3,2	0,7
“As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.”	26	21,3	8	19,5	37	30,3	11	26,8	59	48,4	22	53,7	3,2	3,4	0,4

Na segunda afirmação são os jovens inquiridos que mantêm contacto interpessoal com homossexuais que têm uma percentagem mais elevada de discordância. Assim, os estudantes que não têm amigos ou familiares homossexuais têm uma percentagem de concordância mais alta, cerca de 54%. Também nesta frase não se identificam diferenças entre os estudantes que têm contacto e os que não têm (*sig.* > 0,05).

Em suma, quanto ao tema da discriminação podemos assumir que são os inquiridos do sexo feminino que parecem estar mais sensibilizados para a questão (concordam mais com as afirmações), contudo, tanto os estudantes do sexo feminino como os estudantes do sexo masculino consideram que existe mais discriminação em ambiente escolar. Não se verificam diferenças na escolaridade da mãe dos indivíduos, porém os jovens cujas mães possuem o ensino superior têm maior nível de concordância com as frases. Quer na escolaridade da mãe quer na religião não se verificam diferenças significativas. Tanto os católicos não praticantes como os sem religião concordam que existe mais discriminação na escola, assim como os indivíduos que não têm contacto interpessoal com homossexuais. Os estudantes que têm amigos ou familiares homossexuais consideram que existem mais práticas discriminatórias na sociedade em geral. Quanto ao posicionamento político são os estudantes que se posicionam à esquerda e ao centro que mais concordam que existe discriminação quer na sociedade quer na escola.

Os resultados quanto a esta dimensão estão de acordo com os estudos, uma vez que um dos receios quanto ao bem-estar da criança numa família homoparental diz respeito à discriminação que esta possa vir a sofrer (Delgado, 2013; Xavier, Alberto e Mendes, 2015; Gato e Fontaine, 2015; Reis et al, 2016). A percepção da discriminação confirma a presença da consciência da homofobia presente no nosso país (Gato e Fontaine, 2010; Gato, Leme e Leme, 2010; Gato, Fontaine e Leme, 2014). Os jovens parecem reconhecer que a orientação não heterossexual é um fator de discriminação que para

além de afetar os próprios homossexuais acaba por afetar as suas famílias, nomeadamente os seus filhos.

Família e Papéis de Género

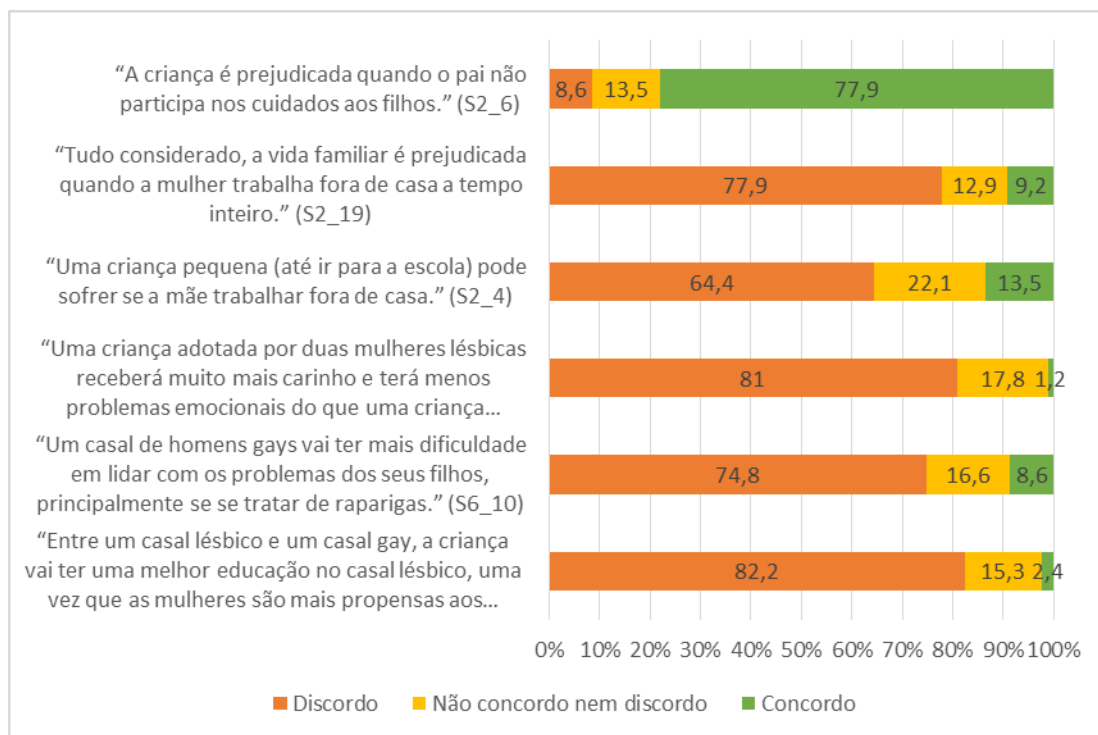


Figura 10 - Atitudes dos estudantes face à família e papéis de género

De modo a compreender se os estudantes detêm valores de cariz tradicionalista ou valores de cariz modernista face à família e aos papéis de género seleccionámos um número reduzido⁶ de indicadores que constam da primeira parte do questionário com o título "Família". Como já foi referido, os indicadores utilizados foram retirados do ISSP- *Family and Changing Gender Roles* (2014).

Parte-se do pressuposto que os posicionamentos face à homoparentalidade são afetados pela visão do que deve ser uma família, pelos estereótipos de género e pelas crenças em talentos de género diferenciados, em especial no que diz respeito às qualidades para criar e educar os filhos que se julga estarem associados ao género feminino. Por esta razão juntámos à *Figura 10* mais três indicadores com o intuito de analisar o modo como os estudantes se posicionam em relação a estas questões. Para alguns autores, as atitudes negativas em relação à parentalidade gay e lésbica estão relacionadas com a perceção rígida dos papéis de género e não tanto com a preferência sexual das mães e dos pais (Gato, Leme e Leme 2010).

⁶ As razões prendem-se mais uma vez com os limites temporais para a entrega da presente dissertação.

Ao analisar a primeira afirmação conseguimos perceber que a maioria dos jovens estudantes concorda que a ausência do pai nos cuidados vai prejudicar a criança (77,9%). É de notar, no entanto, uma percentagem considerável de indivíduos que não concordam nem discordam, cerca de 14%, aos quais se juntam 8,6 % que discordam, o que perfaz mais de 20% juntando estes dois grupos.

No que diz respeito à mãe, a maioria dos jovens estudantes discorda que “Tudo considerado, a vida familiar é prejudicada quando a mulher trabalha fora de casa a tempo inteiro” e que “Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa”. É de salientar um maior nível de concordância quanto à segunda afirmação (cerca de 14%) em comparação com a primeira (9,2%). É também na segunda frase que o nível neutro tem mais representatividade. Se juntarmos então os que não concordam nem discordam (22,1%) com os que concordam (13,6), obtemos uma percentagem relativamente elevada, cerca de 36% em relação à frase “Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa”.

Apesar da crescente adesão dos jovens à ideia da igualdade de género, tanto nos cuidados aos filhos como no trabalho profissional, vemos que as eventuais consequências para o bem-estar da criança do trabalho fora de casa da mãe são encaradas de maneira mais negativa do que a ausência do pai nos cuidados que é bastante melhor tolerada. Estes resultados não deixam de ser surpreendentes atendendo à idade jovem dos inquiridos.

Tanto a questão “Uma criança adotada por duas mulheres lésbicas receberá muito mais carinho e terá menos problemas emocionais do que uma criança adotada por dois homens gays” como a afirmação “Entre um casal lésbico e um casal gay, a criança vai ter uma melhor educação no casal lésbico, uma vez que as mulheres são mais propensas aos afetos e têm mais atenção às necessidades dos filhos” têm uma percentagem de discordância semelhante (81% e 82,2%, respetivamente). Estas frases permitem-nos identificar se os jovens, ou melhor, uma parte dos jovens, consideram que um casal lésbico tem mais competências que um casal gay e se a ausência da figura feminina vai ser mais prejudicial para o desenvolvimento psicossocial da criança. As percentagens de concordância são relativamente baixas (1,2% e 2,4%). Contudo, verifica-se uma percentagem significativa de posição neutra quanto à afirmação “Uma criança adotada por duas mulheres lésbicas receberá muito mais carinho e terá menos problemas emocionais do que uma criança adotada por dois homens gays”. Mais uma vez a posição neutra beneficia mais as mães lésbicas do que os homens gay.

Por outro lado podemos observar através da frase “Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas” que os níveis de concordância são mais elevados. Neste caso as

percentagens de concordância atingem quase 9%, verificando-se, também, uma percentagem significativa de indivíduos que não se posicionam quanto a esta questão. Porém, a maioria dos inquiridos discorda que uma rapariga, filha de um casal gay, possa ter mais problemas.

Deste modo iremos cruzar com as variáveis explicativas os seguintes indicadores “Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa” e “Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas”. Estas afirmações possuem uma conotação negativa no que diz respeito às atitudes dos estudantes face ao papel da mãe/mulher e do pai/homem.

Tabela 6.1. – Atitudes face à família e papéis de género segundo o **sexo**

	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	H		M		H		M		H		M		H	M	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
“Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa”	31	59,6	74	66,7	14	26,9	22	19,8	7	13,5	15	13,5	2,3	2,1	0,4
“Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.”	30	57,7	92	82,9	14	26,9	13	11,7	8	15,4	6	5,4	2,2	1,6	0

Como já referido anteriormente, a maioria dos inquiridos, independentemente do sexo discorda com a frase “Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa”. Contudo, na tabela 6.1. podemos verificar que a média de concordância é superior nos jovens do sexo masculino, enquanto as raparigas têm uma percentagem de discordância de 66,7%. É também nos inquiridos do sexo masculino que se observa mais respostas neutras (não concordo nem discordo), com uma percentagem de cerca de 27% em comparação com as raparigas nas quais a percentagem é de 19,8%. Porém a percentagem é igual no que toca ao nível “concordo” – 13,5%. Apesar de se verificarem diferenças entre os sexos pode-se assumir que estas não são significativas (sig.>0,05).

Quanto à afirmação “Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas” verifica-se a mesma tendência. São as raparigas que mais discordam com a afirmação, sendo, por outro lado, os rapazes que mantêm uma posição mais neutra e são, também, os que

mais concordam, esta tendência está de acordo com alguns estudos que comprovam que são os rapazes que têm atitudes mais negativas, nomeadamente quanto a casais gays (Herek, 2002; Gato e Fontaine, 2013). Esta diferença entre sexos é observável através da média de concordância que é mais elevada nos indivíduos do sexo masculino (2,2) do que nos indivíduos do sexo feminino (1,6), isto é, as respostas dos rapazes encontram-se no nível 2 (discordo) enquanto as raparigas se encontram no nível mais baixo de concordância – 1 (discordo totalmente). É possível observar que existem diferenças significativas entre os sexos.

Tabela 6.2. – Atitudes face à família e papéis de género segundo a **escolaridade da mãe**

"Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa"	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	>9º ano		E. Superior		>9º ano		E. Superior		>9º ano		E. Superior		>9º ano	E. Superior	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	22	75,9	23	79,3	3	10,3	3	10,3	4	13,8	3	10,3	2	1,8	0,4
"Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas."	26	89,7	24	82,8	1	3,4	5	17,2	2	6,9	0	0	1,5	1,6	0,6

Quanto à frase "Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas" a tendência é contrária. Ao contrário da frase anterior são os estudantes com mães com capital escolar mais baixo que têm uma percentagem de discordância mais elevada (89,7%) em relação às mães com ensino superior (82,8%). É, também, nas mães com a licenciatura completa que há uma maior percentagem de respostas neutras (não concordo nem discordo).

Em ambas as afirmações não se verificam diferenças significativas entre os dois grupos.

Tabela 6.3. – Atitudes face à família e papéis de género segundo a **religião**

"Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa"	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	Católicos Não Pratic.		Sem Religião		Católicos Não Pratic.		Sem Religião		Católicos Não Pratic.		Sem Religião		CNP	SR	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	50	66,7	30	57,7	14	18,7	13	25	11	14,6	9	17,3	2,1	2,3	0,4
"Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade ... principalmente se se tratar de raparigas."	50	66,7	41	78,8	16	21,3	6	11,5	9	12	5	9,6	1,9	1,8	0,2

Quando confrontados com a frase “Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa” os inquiridos sem religião são os que apresentam níveis de concordância mais altos. Por outro lado, os estudantes católicos não praticantes têm uma percentagem de discordância de 66,7% e uma média de 2,1 distanciando-se dos sem religião nos quais a percentagem de discordância é cerca de 58% e a média é de 2,3. Apesar de se observarem diferenças estas não podem ser consideradas significativas, uma vez que ao aplicar o teste *t* para amostras independentes observamos que o valor de *sig.* é superior a 0,05, logo assumimos os grupos têm respostas semelhantes.

Contrariamente à afirmação anterior é nos indivíduos sem religião que se observa um maior nível de discordância quanto ao facto de um casal gay poder vir a ter mais dificuldades em lidar com os problemas dos filhos. São os inquiridos católicos não praticantes que têm uma posição mais neutra (21,3%) e os que mais concordam (12%) com a questão, em comparação com os sem religião (11,5% e 9,6% respetivamente). Através do valor de *p* verificamos que não existem diferenças significativas.

Quanto ao posicionamento político podemos observar que os níveis de concordância são mais elevados nos indivíduos que se posicionam à direita. São os inquiridos que não sabem definir o seu posicionamento e nos que se posicionam à esquerda que mais discordam com a afirmação.

Neste caso verifica-se que são os estudantes de esquerda e centro-esquerda quem mais discorda que “Um casal de homens gays vai ter mais dificuldades em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas”. Excetuando os jovens que não souberam definir o seu posicionamento político são os que se posicionam no centro-direita e direita os que têm maior percentagem na opção neutra (não concordo nem discordo).

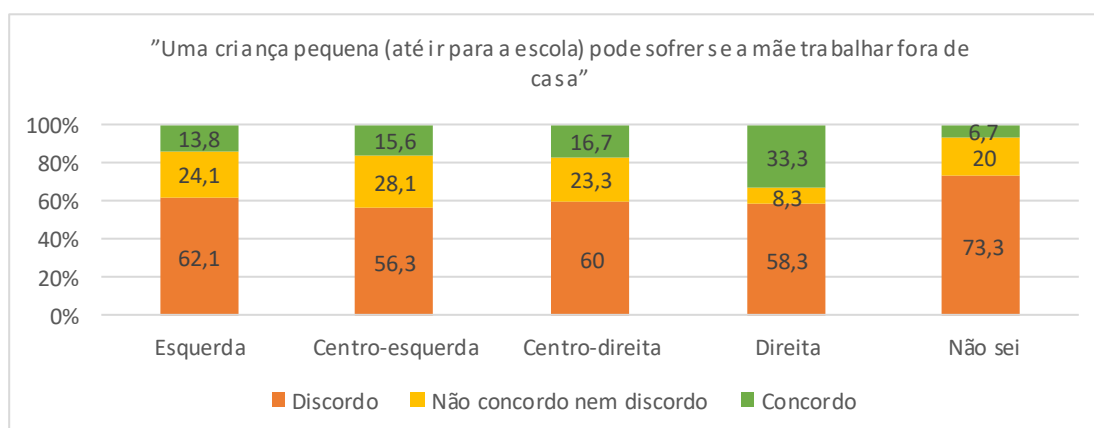


Figura 11.1. - Atitudes face à família e papéis de género segundo o **posicionamento político**

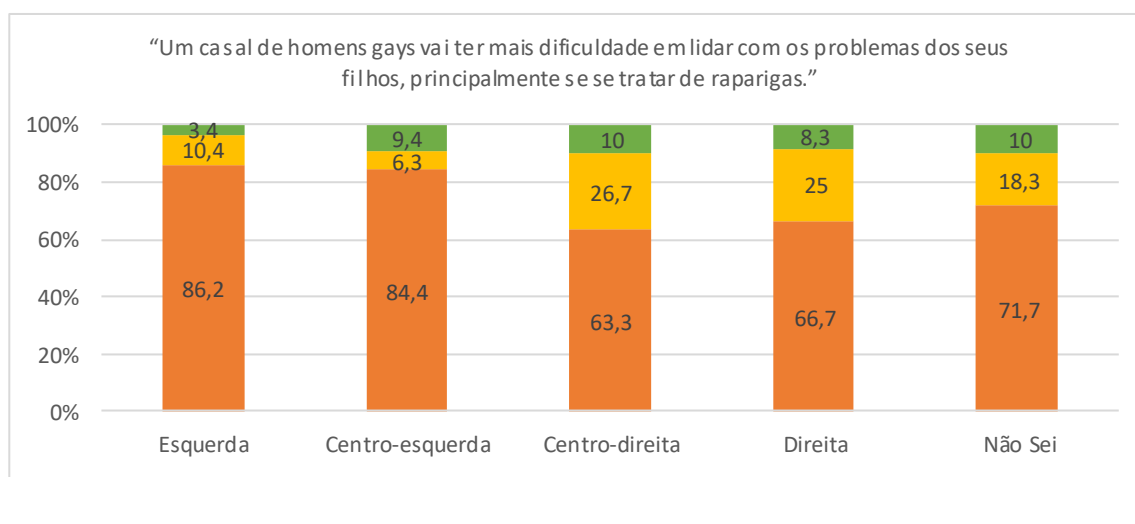


Figura 9.2. - Atitudes face à família e papéis de gênero segundo o **posicionamento político**

Tabela 6.4. – Atitudes face à família e papéis de gênero segundo o **contacto interpessoal**

”“Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.”	Discordo				NCND				Concordo				Média		Sig.
	Sim		Não		Sim		Não		Sim		Não		Sim	Não	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	98	80,3	24	58,5	16	13,1	11	26,8	8	6,6	6	14,6	1,7	2,2	0,004

Quanto à afirmação “Um casal de homens gays vai ter mais dificuldades em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas” já se verifica que é nos jovens que têm amigos ou familiares homossexuais que a média de concordância é mais baixa. Deste modo, podemos verificar que são os inquiridos que não têm contacto interpessoal que mais concordam com a afirmação comparativamente aos que têm contacto. Isto é verificável através do teste *t* no qual se observa que *sig.*=0,004, ou seja, existem diferenças significativas entre os grupos.

Os resultados quanto a estes indicadores estão de acordo com os estudos, uma vez que ainda se associa a mulher à maternidade, excluindo os homens do universo privado da família. Contudo, o aumento da participação feminina no mercado de trabalho trouxe mudanças na vida familiar, sendo a independência da mulher uma delas (Aboim, 2010, b; Santos e Dias, 2018). Apesar da maior procura de um modelo de família igualitário em que ambos os cônjuges participam ainda se associa os valores da feminilidade à maternidade e à família (Aboim, 2010, b). Contudo, tal como noutros trabalhos, também os jovens estudantes desta amostra afirmam que o papel do pai deveria incluir o convívio com os filhos, neste caso através dos cuidados (Santos, Scorsolini-Fabio e Santos, 2012; Wall, Cunha e Marinho, 2013).

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo principal a análise das atitudes dos jovens estudantes de licenciatura da Universidade da Beira Interior acerca das famílias de casais do mesmo sexo, mais especificamente, sobre a homoparentalidade.

As atitudes são, a nível concetual, elementos chave para a compreensão dos processos sociais simbólicos que estão na origem da discriminação e dos posicionamentos, negativos e positivos, face a pessoas e grupos minoritários (Vala, 1997) como é o caso das famílias constituídas por casais homossexuais.

Os resultados deste estudo, realizado junto dos estudantes da UBI, vão de encontro às grandes tendências encontradas noutras pesquisas que analisaram populações de jovens estudantes universitários (Lambert et al, 2006; Cardeira, 2012; Costa e Salinas-Quiroz, 2018).

Os jovens estudantes da UBI não aderem a preconceitos flagrantes e manifestam atitudes positivas face à diversidade familiar, quer quando avaliam as competências parentais de pais gays e mães lésbicas, quer quando avaliam o bem-estar dos filhos.

O cruzamento com as variáveis explicativas do nosso estudo, em ambas as dimensões de análise, faz surgir um retrato mais complexo com algumas diferenciações e clivagens sociais.

A proximidade e o contacto com pessoas não heterossexuais revelou ser, tal como tínhamos previsto, um fator decisivo das atitudes dos jovens face à homoparentalidade. Aqueles que têm amigos ou familiares LGBT+ não partilham, por exemplo, o receio que as crianças possam vir a tornar-se homossexuais ou a ter problemas com a sua sexualidade.

As grandes variáveis sociológicas, tais como a escolaridade da família, a religiosidade e o posicionamento político-ideológico não revelaram clivagens muito significativas. Neste caso, as nossas hipóteses apenas se confirmam parcialmente. Parece ser, de fato, o círculo de contactos e relacionamentos mais íntimos dos jovens, em especial o grupo de pares, que mais influencia as atitudes dos jovens. Em futuras pesquisas, afigura-se interessante averiguar a importância da família e dos amigos na formação e mudança das atitudes dos jovens em relação à parentalidade gay e lésbica. Será que a socialização familiar tem menos peso que a socialização exercida através das relações de convívio e de amizade juvenis? A pergunta do questionário acerca do contato interpessoal com indivíduos LGBT+ não distingue a esfera das relações familiares da esfera das relações de amizade, tornando, assim, difícil esclarecer e aprofundar esta questão.

Os resultados mostram que os estudantes, independentemente do género, manifestam consenso na rejeição de preconceitos mais vincados em relação às famílias homoparentais e não aderem a atitudes negativas mais estereotipadas ou abertamente

discriminatórias. Um exemplo diz respeito à percepção do risco de as crianças sofrerem abusos sexuais nas famílias de pais gays e mães lésbicas.

Contudo, é de salientar que os jovens veem a ausência de uma figura feminina nos casais homoparentais como tendo consequências mais negativas para o bem-estar das crianças do que a ausência de uma figura masculina. Neste sentido, as mães lésbicas são melhor aceites, em comparação com os pais gays, e suscitam atitudes mais favoráveis. Estes resultados mostram que o ideal da mulher mãe e a crença que as mulheres têm qualidades específicas para cuidar dos filhos, que os homens não têm, ou têm menos, está muito presente na sociedade portuguesa, mesmo entre os mais jovens (Ramos, Atalaia e Cunha, 2016).

Um dado surpreendente, relacionado com a temática dos valores e atitudes face à família e aos papéis de género, foi a adesão de um número significativo de inquiridos à ideia de que “Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa”. Cerca de 36% dos jovens concorda ou então não concorda nem discorda com esta ideia. Quem concorda menos são as raparigas, comparativamente com os rapazes, e os estudantes que têm mães licenciadas, ao contrário dos jovens situados politicamente à direita que concordam mais com esta afirmação.

Para alguns autores, as atitudes negativas, sobretudo em relação à parentalidade gay, estão relacionadas com valores mais institucionalistas, cúmplices de uma percepção mais rígida e estereotipada dos papéis de género e não tanto com a orientação sexual dos pais (Gato, Leme e Leme 2010). Sendo assim, seria interessante explorar, em futuras investigações, através de outros testes estatísticos multivariados, que a nossa análise não permitiu, a correlação entre valores e atitudes dos jovens.

Os resultados mostram que a variável género é discriminante das atitudes dos jovens uma vez que as raparigas manifestam maior nível de concordância com todos os indicadores de atitudes positivas, em comparação com os rapazes, e também maior nível de discordância com quase todos os indicadores que medem as atitudes negativas. O género é, claramente, um fator de clivagem entre os jovens estudantes. Vários estudos direcionados a estudantes universitários, têm, aliás, comprovado que as raparigas têm valores e atitudes mais modernistas em relação à homossexualidade e à homoparentalidade.

Enquanto em relação à avaliação das competências parentais das famílias de casais do mesmo sexo o contacto com a temática não tem impacto, já em relação à avaliação do bem-estar da criança ter ou não ter abordado o assunto durante o curso mostrou ser um fator relevante. Os direitos dos adultos como é o caso da adoção parecem produzir menos clivagens entre os estudantes, quando se introduz esta variável, do que as questões à volta do bem-estar das crianças e da preocupação com a sua orientação

sexual. Apenas cerca de 30% dos estudantes da UBI tiveram contacto com informação científica sobre a diversidade sexual e o tema da homoparentalidade, o que pode explicar, em parte, dimensões mais estereotipadas das atitudes dos estudantes que não abordaram a temática na universidade.

Foi também possível constatar, através do nosso estudo, que os assuntos que têm ou tiveram maior visibilidade social aquando das recentes alterações legislativas, como é o caso da adoção de crianças por parte de casais do mesmo sexo, são também aqueles que parecem deixar os jovens menos indiferentes. Foi curioso verificar, a propósito deste tema, que quando o foco são os direitos dos casais de gays e lésbicas existem menos respostas do tipo “Não concordo nem discordo”. Assim, a maioria dos jovens concorda com o direito à adoção dos casais homossexuais mas com algumas nuances. Por exemplo, em relação à afirmação “Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro” aumentam os níveis de concordância e, também, as respostas dos que preferem não tomar posição.

Em termos de futuras investigações, parece-nos importante explorar as atitudes dos jovens estudantes com diversas orientações e identidades de género em relação aos tópicos da homossexualidade e da homoparentalidade.

Finalmente, tendo em conta que a informação científica sobre as pessoas LGBTQ+ e as famílias com crianças de casais do mesmo sexo parece levar a atitudes positivas e menos discriminatórias, consideramos importante a introdução destas temáticas nos planos de estudo das licenciaturas da Universidade da Beira Interior.

Referências Bibliográficas

Aboim, Sofia (2003) “Evolução das Estruturas Domésticas”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº43, pp. 13-30.

Aboim, Sofia (2005, a) “A formação do casal: formas de entrada e percursos conjugais”, em Wall, Karin (org.) (2005) *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*, Imprensa de Ciências Sociais/ Instituto de Ciências Sociais, pp.86-116.

Aboim, Sofia (2005, b) “Dinâmicas de interação e tipos de conjugalidade” em Wall, Karin (org.) (2005) *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*, Imprensa de Ciências Sociais/ Instituto de Ciências Sociais, pp.231-302.

Aboim, Sofia (2010, a) “Family and gender values in contemporary Europe: The attitudinal gender gap from cross-national perspective”, *Portuguese Journal of Social Science*, vol.9, nº1, pp.33-58.

Aboim, Sofia (2010, b) “Conjugalidades no masculino: Renegociando poderes e identidades no quotidiano”, em Wall, Karin, Aboim, Sofia, e Cunha, Vanessa (coord.) (2010) *A vida familiar no masculino: Negociando velhas e novas masculinidades*, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, pp.159-223.

Aboim, Sofia (2013) *A sexualidade dos portugueses*, Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Aboim, Sofia, Vasconcelos, Pedro, e Costa, Carlos (2013) “Para além da heteronormatividade: repensando os significados da família”, em *Famílias no Plural: alargar o conceito, largar o preconceito, Atas da Conferência*, pp.99-109.

Almeida, Ana Nunes de (2003), «Família, conjugalidade e procriação: valores e papéis», em Vala, Jorge, Cabral, Manuela Villaverde, e Ramos, Alice (orgs), *Valores Sociais: Mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais/ICS, pp. 50-93.

Almeida, Angela (2009) “Abordagem societal das representações sociais”, em *Sociedade e Estado*, vol.24, nº3, pp.713-737.

Almeida, João, e Pinto, José (1975) “Teoria e investigação empírica nas ciências sociais”, em *Análise Social*, vol.11, nº42/43, pp.365-445.

Almeida, João, Brites, Rui, e Torres, Anália (2010) “Valores e Classes Sociais: diferenças e semelhanças de género em Portugal”, em *Revista da Associação Portuguesa de Sociologia On Line*, nº1

Almeida, Miguel (2004), “Cidadania Sexual Direitos Humanos, Homofobia e Orientação Sexual”, *A Comuna* 5, 50-55.

Almeida, Miguel (2009) *Homossexualidade, casamento e família*, Imprensa das Ciências Sociais.

Almeida, Miguel (2010) “O Contexto LGBT em Portugal”, em Nogueira, Conceição, e Oliveira, João (org.) *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, pp.45-92.

Almeida, Miguel (2013) “Mães como as outras, pais como os outros. Ou o fundamental da antropologia, da história e da sociologia para entender a parentalidade de lésbicas e gays”, em *Famílias no Plural: alargar o conceito, largar preconceito, Atas da Conferência*, pp. 51-58.

Alves, Regina, e Vilaça, Teresa (2013) “Atitudes dos/as estudantes universitários/as dos mestrados em ensino e em educação face à homossexualidade”, em *Atas do XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*, Braga, Universidade do Minho, pp.551- 564.

Alves, Regina (2018) “Atitudes dos/as estudantes universitários/as face à homossexualidade: tradução e validação de uma escala de medida”, em *Educar em Revista*, vol.34, nº71, pp.191-204.

Amâncio, Lúcia, e Wall, Karin (2004) “Família e Papéis de Género: Alguns dados recentes do *Family and Gender Survey* (ISSP)”, em *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Coimbra, Portugal.

Araldi, Maria Ortolan, e Serralta, Fernanda Barcellos (2016) Parentalidade em casais homossexuais: Uma revisão sistemática, *Psicologia em Pesquisa*, pp.31-39.

Arruda, Angela (2002) “Teoria das Representações Sociais e Teorias de Género”, em *Cadernos de Pesquisa*, nº117, pp.127-147.

Averett, Paige, e Hedge, Archana (2012) “School social work and early childhood student’s attitudes toward gay and lesbian families”, em *Teaching in Higher Education*, vol.17, nº5, pp.537-549.

Augusto, Amélia (2014) “Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: mais do que uma questão de preferência”, *Forum Sociológico*, Série II, nº24, pp.73-77.

cinter, Elisabeth (1998) *O amor incerto: história do amor maternal do séc.XVII ao séc.XX*, Lisboa, Relógio D’água

Baranoski, Maria Cristina Rauch (2016) *A adoção em relações homoafetivas* [online], 2º ed., Editora UEPG, Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Caldas, José e outros (2013) “Práticas Homófobas e Transfóbicas nas Escolas Portuguesas”, em *Atas do XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*, Universidade do Minho, pp.1661-1682.

Cardeira, Hélder (2012) “Atitudes Dos Estudantes Do Ensino Superior Face À Adoção de Criança Por Casais Homossexuais”, Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.

Cardeira, Hélder, Mónico, Lisete, e Castro, Paulo (2015) “Atitudes dos Estudantes Universitários Portugueses face à adoção de crianças por homossexuais”, *Enciclopédia Biosfera*, Centro Científico Conhecer, vol.11, nº20, pp.199-211.

Cerqueira-Santos, Elder, e Santana, Geovanna (2015) “Adoção Homoparental e Preconceito: Crenças de Estudantes de Direito e Serviço Social”, em *Temas em Psicologia*, vol.23, nº4, pp.873-885.

Cerqueira-Santos, Elder e outros (2017) “Contato interpessoal com homossexuais e crenças sobre a adoção homoparental”, em *Revista Subjetividade*, vol.17, n^o2, pp.87-100.

Cervi, Emerson (2009) “Métodos quantitativos nas ciências sociais: uma abordagem alternativa ao fetichismo dos números e ao debate com qualitativas”, em Bourguignon, Jussara, *Pesquisa Social: reflexões teóricas e metodológicas*, pp.125-145.

Costa, Carlos e outros (2010) “Imagens sociais das pessoas LGBT”, em Nogueira, Conceição, e Oliveira, João Manuel (org.) (2010) *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, pp.93-147.

Costa, Pedro (2012) “Homoparentalidade – Que famílias, que experiências?”, em Leal, Isabel, Pimenta, Filipa, e Marques, Marta (coord.) (2012) *Intervenção em Psicologia Clínica e da Saúde: Modelos e Práticas*, Placebo Editora, pp.115-128.

Costa, Pedro e outros (2012), “Atitudes da população portuguesa em relação à homoparentalidade”, em *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol.26, n^o4, p.790-798.

Costa, Pedro, e outros (2014) “University Students’ Attitudes Toward Same-Sex Parenting and Gay and Lesbian Rights in Portugal”, em *Journal of Homosexuality*, pp.1667-1686.

Costa, Pedro, Pereira, Henrique, e Leal, Isabel (2012) “Homoparentalidade: O estado da investigação e a procura da normalização”, em *Psicologia*, vol.26, n^o1, Edições Colibri, pp.55-69.

Costa, Pedro, e Salinas-Quiroz, Fernando (2018) “A Comparative Study of Attitudes Toward Same-Gender Parenting and Gay and Lesbian Rights in Portugal and in Mexico”, em *Journal of Homosexuality*.

Cunha, Vanessa (2005) “As funções dos filhos na família”, em Wall, Karin (org.) (2005) *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*, Imprensa de Ciências Sociais/ Instituto de Ciências Sociais, pp.465-497.

Dalfovo, Michael, Lana, Rogério, e Silveira, Amélia (2008) “Métodos Quantitativos e Qualitativos: um resgate teórico”, *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, vol.2, nº4, p.1-13.

Delgado, André (2013) “Atitudes Face à Adoção de Crianças por Casais Homossexuais: A Visão de Estudantes do Ensino Não Regular da Região Autónoma da Madeira”, Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Escola de Psicologia, Universidade do Minho.

Dias, Isabel (2007) “Família e Trabalho Feminino: O Género das Desigualdades”, em Araújo, Helena (org.) *Género, Problemáticas e Contextos Educacionais*, ex aequo, nº15, pp.149-166.

Dias, Maria Olívia (2000) “A família numa sociedade em mudança: Problemas e influências recíprocas”, em *Gestão e Desenvolvimento*, nº9, pp.81-102.

Eccel, Claudia, Saraiva, Luiz, e Carrieri, Alexandre (2015) “Masculinidade, Autoimagem e Preconceito em Representações Sociais de Homossexuais”, em *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, vol.9, nº1, pp.1-15.

Farias, Mariana (2010) “Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito relação à conjugalidade homossexual e a homoparentalidade”, em *Revista de Psicologia da UNESP*, vol.9, nº1, pp.104-115.

Fernandes, João (2016) “Estereótipos, papéis e atitudes de género em crianças de idade pré-escolar”, Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho.

Ferreira, Pedro Moura (2004) “Tendências de mudança no casamento em Portugal – uma sociografia dos últimos vinte anos”, em *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*.

Foddy, William (1996) *Como perguntar, teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*, Oeiras: Celta Editora.

Fonseca, Claudia (2008, a) “Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco”, em *Estudos Feministas*, vol.16, nº3, pp.769-783.

Fonseca, Eduardo Nuno (2008, b) “Transformações na Família: A resposta da Escola”, em *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, vol.4, nº1, pp.35-42.

Fonseca, Jaime (2008) “Os Métodos Quantitativos na Sociologia: Dificuldades de Uma Metodologia de Investigação”, em *VI Congresso Português de Sociologia – Mundos Sociais: Saberes e Práticas*, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

França, Maria (2009), “Famílias Homoafetivas”, em *Revista Brasileira de Psicodrama*, São Paulo, p.21-33.

Gato, Jorge (2013) “De que falamos quando falamos de preconceito contra homoparentalidade: Atitudes face à competência parental e ao desenvolvimento psicossocial das crianças”, em *Famílias no Plural: alargar o conceito, largar o preconceito, Atas da Conferência*, ILGA Portugal, pp.59-84.

Gato, Jorge e outros (2015) “Homofobia transatlântica: Preconceitos contra Lésbicas e Gays em Portugal e no Brasil”, em *Temas em Psicologia*, vol.23, nº3, pp. 701-713.

Gato, Jorge, Carneiro, Nuno, e Fontaine, Anne (2011) “Contributo para uma revisitação histórica e Crítica do Preconceito contra as Pessoas não Heterossexuais”, em *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*, vol.1, nº1, pp.139-167.

Gato, Jorge, e Fontaine, Anne (2010) “Desconstruindo Preconceitos sobre a Homoparentalidade”, em *LES Online*, vol.2, nº2, pp.14-21.

Gato, Jorge, e Fontaine, Anne (2011) “Impacto da orientação sexual e do género na parentalidade: Uma revisão dos estudos empíricos com famílias homoparentais”, *ex aequo*, nº23, pp.83-96.

Gato, Jorge, e Fontaine, Anne (2012) “Atitudes face à diversidade sexual no contexto psicossocial, jurídico, da saúde e educativo”, em *Exedra*, nº6, pp.81-103.

Gato, Jorge, e Fontaine, Anne (2013) “Anticipation of the sexual and gender development of children adopted by same-sex couples”, em *International Journal of Psychology*, vol.48, n^o3, pp.244-253.

Gato, Jorge, e Fontaine, Anne (2014), “Homoparentalidade no masculino: uma revisão da literatura”, em *Psicologia & Sociedade*, vol. 26, n^o2, pp. 312-322.

Gato, Jorge, e Fontaine, Anne (2015) “Attitudes toward adoption by same-sex couples: Effects of the gender participant, sexual orientation of the couple, and gender of the child”, em *Journal of LGBT Family Studies*, pp.1-22.

Gato, Jorge, Fontaine, Anne, e Carneiro, Nuno (2010) “Perceção de futuros profissionais de áreas psicossociais sobre o desenvolvimento psicológico de crianças educadas em famílias homoparentais”, em *Atas Do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, Universidade do Minho, Portugal, pp.1010-1023.

Gato, Jorge, Fontaine, Anne, e Leme, Vanessa (2014) “Validação e Adaptação Transcultural da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays”, em *Psicologia, Reflexão e Crítica*, vol.27, n^o2, pp.257-271.

Gato, Jorge, Freitas, Daniela, e Fontaine, Anne (2012) “Atitudes relativamente à homoparentalidade de futuros/as intervenientes da rede social”, em *Psicologia*, vol.XXVI, n^o1, Edições Colibri, pp.71-95.

Gato, Jorge, Leme, Vanessa, e Leme, Alessandro (2010) “Atitudes relativamente à homossexualidade em Portugal e no Brasil”, em *Fazendo Género: Diásporas, diversidades, deslocamentos*.

Ghiglione, Rodolphe & Matalon, Benjamin (1992) [1985] *O Inquérito: Teoria e Prática.*, Oeiras: Celta Editora.

Giddens, Anthony (2008) *Sociologia*, Fundação Calouste Gulbenkian, 6^a edição, pp. 172-201.

Gomes, Allyne Evellyn Freitas (2015) “Adoção homoparental: Representações sociais dos estudantes de Psicologia e de Direito”, dissertação de mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco.

Gonzaga, Luciano, Praça, Andrea, e Lannes, Denise (2014) “As representações sociais acerca do gay entre estudantes da periferia do Rio de Janeiro”, em *Revista International Interdisciplinar INTERthesis*, vol.11, nº2, pp.162-182.

Gouveia, Rita, e Moser, Liliane (2019) “Atitudes sociais face à homossexualidade em Portugal e no Brasil no virar do século XXI”, *Research Brief*, Observatório das Famílias e das Políticas de Família Instituto das Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.

Gouveia, Valdiney e outros (2012) “Valores e Motivações para Responder sem Preconceito frente a Homossexuais”, em *Psicologia em Estudo*, vol.17, nº2, pp.215-225.

Herek, Gregory (2002) “Gender Gaps in Public Opinion about Lesbians and Gay Men”, em *Public Opinon Quarterly*, vol.66, nº1, pp.41-66.

Jodelet, Denise (2001) “Representações sociais: um domínio em expansão”, em *As Representações Sociais*.

Ketele, Jean-Marie e Xavier Roegiers (1999) *Metodologia de Recolha de Dados, Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*, Lisboa: Instituto Piaget.

Lacerda, Marcos, Pereira, Cícero, e Camino, Leoncio (2002) “Um Estudo sobre as Formas de Preconceito contra Homossexuais na Perspetiva das Representações Sociais”, em *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol.15, nº1, pp. 165-178.

Lalanda, Piedade (2005) “Transições familiares e identidade das mulheres”, em Wall, Karin (org.) (2005), *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*, Imprensa de Ciências Sociais/ Instituto de Ciências Sociais, pp.363-391.

Lambert, Eric, e outros (2006) “College Students’ Views on Gay and Lesbian Issues: Does Educacion Make a Difference?”, em *Journal of Homosexuality*, vol.50, nº4.

Lauwe, Paul-Henri, e Lauwe, Marie-José Chombart (1950) “A evolução contemporânea da Família: estruturas, funções, necessidades”, em *Análise Social*, pp.475- 500.

Lakatos, Eva, e Marconi, Marina (2003) *Fundamentos de metodologia científica*, 5ª edição, São Paulo: Atlas.

Leandro, Maria EncrÁCia (2006) “Transformações da família na história do Ocidente”, em *Theologica*, nº41, pp.51-74.

Machado, Tânia (2014) “Duas mulheres (não) é igual a um homem e uma mulher”: representações de médicos e juizes acerca da maternidade lésbica e medicamente assistida”, em *Análise Social*, vol.213, nº4, pp. 794-819.

Magalhães, Manuela, e Hill, Andrew (1998) *A Construção de um Questionário, Dinâmia – Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica*.

Mann, Peter (1975) [1968] *Métodos de Investigação Sociológica*, 3ª ed, Zahar Editores, Biblioteca das Ciências Sociais.

Marinho, Sofia (2014) “Famílias Monoparentais em Portugal: linhas de continuidade e de transformação nas últimas duas décadas”, em *VIII Congresso Português de Sociologia*.

Martins-Silva, Priscilla e outros (2012) “Adolescentes e Homossexualidade: representações sociais e identidade social”, em *Cadernos de Pesquisa*, vol.42, nº146, pp.474-493.

McCutcheon, Jessica, e Morison, Melanie (2015) “The Effect of Parent Gender Roles on Students’ Attitudes Toward Lesbian, Gay, and Heterosexual Adoptive Couples”, em *Adoption Quarterly*, vol.18, nº2, pp.138-167.

Minayo, Maria, e Sanches, Odécio (1993) “Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?”, *Caderno Saúde Pública*, vol.9, nº3, pp.239-262.

Moreira, Sara (2013) “Intimidades Masculinas: Representações da Intimidade”, Dissertação de Mestrado em Sociologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.

Moz, Margarida (2006) “Diferenças de género e famílias homoparentais”, em *Actas do III Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia*.

Neves, Dulce (2016) “Normas face ao Género e à Diversidade Sexual: Mudanças inacabadas nos discursos juvenis”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº82, pp.89-102.

Oliveira, João (2010) “Orientação Sexual e Identidade de Género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer”, em Nogueira, Conceição e Oliveira, João Manuel (org.) (2010) *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, pp.19-44.

Oliveira, João e outros (2010) “Pessoas LGBT – identidades e discriminação”, em Nogueira, Conceição, e Oliveira, João (org.) *Estudos sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, pp.149-210.

Pais, José Machado (2012) *Sexualidade e Afetos Juvenis*, Imprensa das Ciências Sociais.

Parreira, Ana (2014) “Atitudes Face à Adoção Homoparental: um estudo comparativo entre estudantes do ensino superior portugueses e espanhóis”, Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, Escola de Ciências Sociais e Humanas. ISCTE-IUL.

Passos, Maria (2005) “Homoparentalidade: Uma entre outras formas de ser família”, em *Psicologia Clínica*, vol.17, nº2, pp.31-40.

Pereira, Cicero, Lima, Marcus, e Camino, Leoncio (2001) “Sistema de Valores e Atitudes Democráticas de Estudantes Universitários de João Pessoa”, em *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol.14, nº1, pp.177-190.

Pereira, Cicero e outros (2011) “Preconceito Contra Homossexuais e Representações Sociais da Homossexualidade em Seminaristas Católicos e Evangélicos”, em *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol.27, nº1, pp. 73-82.

Pereira, Cicero e outros (2013) “O Papel de Representações Sociais sobre a Natureza da Homossexualidade na Oposição ao Casamento Civil e à Adoção por Famílias Homoafetivas”, em *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol.29, nº1, pp.79-89.

Quivy, Raymond, e Campenhout, LucVan, (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.

Ramos, Marília (2013) “Métodos Quantitativos e Pesquisa em Ciências Sociais: Lógica e Utilidade do Uso da Quantificação nas Explicações dos Fenómenos Sociais”, *Dossiê – Análises Quantitativas e Indicadores Sociais*, vol.18, nº1, pp.55-65.

Ramos, Vasco, Atalaia, Susana, e Cunha, Vanessa (2016), *Vida Familiar e papéis de género: atitudes dos portugueses em 2014*, PDF consultado em <http://www.observatoriofamilias.ics.ul.pt/images/policy%20brief%202015%20ofap%20online.pdf>.

Reis, Marta e outros (2016) “A identidade de género e a influência das atitudes face à homossexualidade/homoparentalidade entre luso-brasileiros”, em *Psicologia, Saúde & Doenças*, vol.17, nº3, pp.311-325.

Rezende, Alessandro e outros (2019) “Correlatos Valorativos das Motivações para Responder sem Preconceito frente à Homoparentalidade”, *Psico – USF*, vol.24, nº1, pp.97-108.

Rios, Roger (2015) “O conceito de homofobia na perspetiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação”, em Rodrigues, Alessandro, Dallapicula, Catarina, e Ferreira, Sérgio (org.) (2015) *Transposições: Lugares e Fronteiras em Sexualidade e Educação*, Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, pp.231-268.

Rodriguez, Brunella, e Gomes, Isabel (2012) “Novas Formas de Parentalidade: do Modelo Tradicional à Homoparentalidade”, em *Boletim de Psicologia*, vol.LXII, nº136, pp.29-36.

Rodriguez, Brunella, e Paiva, Maria (2009) “Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental”, em *Revista NESME*, vol.6, nº1, pp.13-27.

Scavone, Lucila (2001) “Maternidade: transformações na família e nas relações de género”, em *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, vol.5, nº8, pp.47-59.

Santos, Cecília, e outros (2009) “Homoparentalidade e desafios ao direito: O caso Silva Mouta na justiça portuguesa e no Tribunal Europeu de Direitos Humanos”, em *Revista Crítica de Ciências Sociais*, vol.87, pp.43-68.

Santos, Filomena (2008), *Sem Cerimónia nem Papéis – um estudo sobre as uniões de facto em Portugal*, Covilhã, Universidade da Beira Interior, tese de doutoramento em Sociologia.

Santos, Filomena (2011) “Perfis de coabitação em Portugal”, *Fórum Sociológico, Série II*, nº21, CESNOVA, pp. 133-142.

Santos, Filomena, e Dias, Rita (2018) “Biographical trajectories and parenting project of same-sex couples”, em *The 6th International Virtual Conference on Advanced Scientific Results*, pp.80-85.

Santos, Filomena, e Dias, Rita (2019) “Building a Family within a Non-Heterosexual Couple: Struggles, Fears, Representations and Practices”, em *Childbearing and the Changing Nature of Parenthood: The Contexts, Actors, and Experiences of Having Children*, Emerald Publishing Limited.

Santos, José, e outros (2018) “Adoção de Crianças por Casais Homossexuais: As representações sociais”, em *Temas em Psicologia*, vol.26, nº1, pp.139-152.

Santos, Yurín, Scorsolini-Fabio, e Santos, Manoel (2012) “Homoparentalidade Masculina: Revisando a Produção Científica”, em *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol.26, nº3, pp.572-582.

Schouten, Maria Johanna (2011) *Uma Sociologia do Género*, Vila Nova de Famalicão, Húmus

Silva, Joelson, Sousa, Aline, e Fernandes-Eloi, Juliana (2017) “Homoparentalidade no Contexto da Adoção e das Práticas Parentais: Uma Revisão Sistemática”, em *Pensando Famílias*, vol.21, nº2, pp.60-75.

Tamayo, Alvaro, e Schwartz, Shalom (1993) “Estrutura Motivacional dos Valores Humanos”, em *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol.9, nº2, pp.329-348.

Tannuri, João, e Silva, Marilda (2019) “Família homoparental: enfrentando a vitalidade do patriarcado”, em *Revista Linhas*, vol.20, nº43, pp.256-271.

Tarnovski, Flávio (2013) Parentalidade e gênero em famílias homoparentais francesas, em *Cadernos pagu*, nº40, pp.67-93.

Vala, Jorge (1997) “Representações Sociais e percepções intergrupais”, em *Análise Social*, vol.31, nº140, pp.7-29.

Vala, Jorge, e Castro, Paula (2013) “Pensamento Social e Representações Sociais”, em Vala, Jorge, e Monteiro, Maria (coord.) (2013) *Pensamento Social*, Fundação Calouste Gulbenkian, pp.569-587.

Xavier, Paula, Alberto, Isabel, e Mendes, Francisco (2015) “Homoparentalidade: da abordagem científica aos normativos legais em Portugal”, em *Psicologia & Sociedade*, Associação Brasileira de Psicologia Social, vol.27, nº1, pp.179-188.

Wachelke, João, e Camargo, Brígido (2007) “Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento”, em *Interamerican Journal of Psychology*, vol.41, nº3, pp.379-390.

Wall, Karin (1993) “Elementos sobre a sociologia da família em Portugal”, em *Análise Social*, vol.XXVIII, pp.999-1009.

Wall, Karin (org.) (2005) *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.

Wall, Karin, e Guerreiro, Maria das Dores (2005) “A divisão familiar do trabalho”, em Wall, Karin (org.) (2005) *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*, Imprensa de Ciências Sociais/ Instituto de Ciências Sociais, pp.303-362.

Wall, Karin (2005, b) “Os grupos domésticos de co-residência”, em Wall, Karin (org.) (2005) *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*, Imprensa de Ciências Sociais/ Instituto de Ciências Sociais, pp.563-597.

Wall, Karin, Aboim, Sofia, e Marinho, Sofia (2010) “Perfis de paternidade no Portugal contemporâneo”, em Wall, Karin, Aboim, Sofia, e Cunha, Vanessa (coord.) (2010) *A vida familiar no masculino: Negociando velhas e novas masculinidades*, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, pp.313-332.

Wall, Karin, Aboim, Sofia, e Cunha, Vanessa (coord.) (2010) *A vida familiar no masculino: Negociando velhas e novas masculinidades*, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Wall, Karin, Cunha, Vanessa, e Marinho, Sofia (2013) “Negotiating gender equality in conjugal life and parenthood in Portugal: a case study”, *Workingpapers* nº3, Imprensa das Ciências Sociais.

Wall, Karin, Cunha, Vanessa, e Ramos, Vasco (2014) “A evolução das estruturas domésticas em Portugal, 1960-2011”, em Delgado, Anabela, e Wall, Karin (coord.), *Famílias nos Censos 2011: Diversidade e Mudança*, pp.43-63.

Wall, Karin, e outros (2016) *LIVRO BRANCO – Homens e igualdade de género*, Instituto das Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Webb, Stephanie, e Chonody, Jill (2014) “Heterossexual Attitudes Toward Same-Sex Marriage: The Influence of Attitudes Toward Same-Sex Parenting”, em *Journal of GLBT Family Studies*, vol.10, nº4, pp.404-421.

Zambrano, Elizabeth (2008) “Nós também somos família”: Estudo sobre a parentalidade homossexual, travesti e transexual”, Dissertação de Doutoramento em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Anexos

Anexo 1: Parecer da Comissão de Ética da UBI



comissaodeetica@ubi.pt
Convento de Santo António
6201-001 Covilhã | Portugal

Parecer relativo ao processo n.º CE-UBI-Pj-2021-036

Na sua reunião de 13 de abril de 2021, a Comissão de Ética apreciou a documentação científica submetida referente ao pedido de parecer do projeto “Perceções dos/as Estudantes da Universidade da Beira Interior face à Homoparentalidade” da proponente **Inês Júlio Almeida Reis**, a que atribuiu o código n.º CE-UBI-Pj-2021-036.

Na sua análise não identificou matéria que ofenda os princípios éticos e morais, sendo de parecer que o estudo em causa pode ser aprovado.

Covilhã e UBI

A Presidente da Comissão de Ética

(Professora Doutora Ana Leonor Serra Morais dos Santos)
(Professora Auxiliar)

Anexo 2: Tabelas SPSS

Tabela 1 – Cruzamento do sexo com a orientação sexual

Tabulação cruzada S1_sexo * S1_orientação_sexual

S1_sexo	Masculino	Contagem	S1_orientação_sexual						Total
			Bissexual	Heterossexual	Gay	Lésbica	Transexual	Outro	
Masculino	Contagem	3	35	12	0	0	2	52	
	% do Total	1,8%	21,5%	7,4%	0,0%	0,0%	1,2%	31,9%	
Feminino	Contagem	19	83	0	1	1	7	111	
	% do Total	11,7%	50,9%	0,0%	0,6%	0,6%	4,3%	68,1%	
Total	Contagem	22	118	12	1	1	9	163	
	% do Total	13,5%	72,4%	7,4%	0,6%	0,6%	5,5%	100,0%	

Tabela 2 – Cruzamento da variável curso com a variável proximidade à temática

Tabulação cruzada S1_curso * No curso que frequenta já abordou a temática da homossexualidade

F40 curso que frequenta já abordou a temática da homossexualidade

S1_curso	Contagem	F40 curso que frequenta já abordou a temática da homossexualidade		Total
		Sim	Não	
Ciências do Desporto	1	21	22	
Artes e Letras	6	13	19	
Sociologia e Psicologia	21	43	64	
Ciências Políticas e Relações Internacionais	3	2	5	
Ecologia, Gestão e Marketing	1	17	18	
Medicina e Ciências Farmacêuticas	12	105	117	
Ciências Biomédicas e Optometria	0	4	4	
Ciências Físicas, Química, Biologia e Matemática	1	17	18	
Ciências Agroespaciais, Agronomia e Engenharia Informática e Tecnologias da Informação e Comunicação	0	12	12	
Arquitetura, Engenharia, Industrias Transformadoras e Construção	2	9	11	
Total	49	113	162	

Tabela 3 - Cruzamento do indicador “Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher” com o sexo

Tabulação cruzada Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher. * S1_sexo

	S1_sexo	Contagem	S1_sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	discordo totalmente	3	2	5	
	% do Total	1,8%	1,2%	3,1%	
discordo	Contagem	2	0	2	
	% do Total	1,2%	0,0%	1,2%	
não concordo nem discordo	Contagem	4	2	6	
	% do Total	2,5%	1,2%	3,7%	
concordo	Contagem	18	13	31	
	% do Total	11,0%	8,0%	19,0%	
concordo totalmente	Contagem	25	94	119	
	% do Total	15,3%	57,7%	73,0%	
Total	Contagem	52	111	163	
	% do Total	31,9%	68,1%	100,0%	

Tabela 4 - Cruzamento do indicador “Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher” com a escolaridade da mãe

Tabulação cruzada Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher. * S1_escolaridade_mãe

	S1_escolaridade_mãe	Contagem	S1_escolaridade_mãe									Total
			Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 5º ano)	3º Ciclo completo (5º ano)	Ensino Secundário Completo	Curso pós-secundário (curso médio, bacharelato ou licenciatura incompleta)	Licenciatura completa	Mestrado completo	Doutoramento completo	Não sabe/dão resposta		
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	discordo totalmente	0	1	2	1	0	0	0	0	0	4	
	% do Total	0,0%	0,6%	1,2%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,5%		
discordo	Contagem	0	1	0	0	0	0	1	0	2		
	% do Total	0,0%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	1,2%			
não concordo nem discordo	Contagem	0	2	0	0	2	1	1	6			
	% do Total	0,0%	0,0%	1,2%	0,0%	1,2%	0,6%	0,6%	3,7%			
concordo	Contagem	3	4	14	3	5	2	0	31			
	% do Total	1,9%	2,5%	8,7%	1,9%	3,1%	1,2%	0,0%	19,3%			
concordo totalmente	Contagem	26	18	38	5	24	4	1	118			
	% do Total	16,1%	11,2%	23,6%	3,1%	14,9%	2,5%	0,6%	73,3%			
Total	Contagem	29	24	56	9	29	8	3	161			
	% do Total	18,0%	14,9%	34,8%	5,6%	18,0%	5,0%	1,9%	100,0%			

Tabela 5 - Cruzamento do indicador “Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher” com a religião

Tabulação cruzada Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher. * S1_religião

	S1_religião	Contagem	S1_religião						Total
			Católico praticante	Católico não praticante	Protestante/Evangélico não praticante	Outra religião (praticante)	Outra religião (não praticante)	Sem religião	
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	discordo totalmente	0	3	0	0	0	2	5	
	% do Total	0,0%	1,8%	0,0%	0,0%	0,0%	1,2%	3,1%	
discordo	Contagem	1	1	0	0	0	0	2	
	% do Total	0,6%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,2%	
não concordo nem discordo	Contagem	1	3	0	0	0	2	6	
	% do Total	0,6%	1,8%	0,0%	0,0%	0,0%	1,2%	3,7%	
concordo	Contagem	8	14	0	0	0	9	31	
	% do Total	4,9%	8,6%	0,0%	0,0%	0,0%	5,5%	19,0%	
concordo totalmente	Contagem	16	54	1	3	6	39	119	
	% do Total	9,8%	33,1%	0,6%	1,8%	3,7%	23,9%	73,0%	
Total	Contagem	26	75	1	3	6	52	163	
	% do Total	16,0%	46,0%	0,6%	1,8%	3,7%	31,9%	100,0%	

Tabela 6 - Cruzamento do indicador “Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher” com o posicionamento político

Tabulação cruzada Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher. * S1_politica

			S1_politica					
			Esquerda	Centro-esquerda	Centro-direita	Direita	Não sei	Total
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	discordo totalmente	Contagem	0	0	2	3	0	5
		% do Total	0,0%	0,0%	1,2%	1,8%	0,0%	3,1%
	discordo	Contagem	0	0	1	1	0	2
		% do Total	0,0%	0,0%	0,6%	0,6%	0,0%	1,2%
	não concordo nem discordo	Contagem	1	0	1	0	4	6
		% do Total	0,6%	0,0%	0,6%	0,0%	2,5%	3,7%
concordo	Contagem	3	6	11	1	10	31	
	% do Total	1,8%	3,7%	6,7%	0,6%	6,1%	19,0%	
concordo totalmente	Contagem	25	26	15	7	46	119	
	% do Total	15,3%	16,0%	9,2%	4,3%	28,2%	73,0%	
Total	Contagem	29	32	30	12	60	163	
	% do Total	17,8%	19,6%	18,4%	7,4%	36,8%	100,0%	

Tabela 7 - Cruzamento do indicador “Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher” com o contacto interpessoal

Tabulação cruzada Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher. * Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?

			Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?		
			Sim	Não	Total
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	discordo totalmente	Contagem	2	3	5
		% do Total	1,2%	1,8%	3,1%
	discordo	Contagem	1	1	2
		% do Total	0,6%	0,6%	1,2%
	não concordo nem discordo	Contagem	1	5	6
		% do Total	0,6%	3,1%	3,7%
concordo	Contagem	17	14	31	
	% do Total	10,4%	8,6%	19,0%	
concordo totalmente	Contagem	101	18	119	
	% do Total	62,0%	11,0%	73,0%	
Total	Contagem	122	41	163	
	% do Total	74,8%	25,2%	100,0%	

Tabela 8 - Cruzamento do indicador “As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade” com o sexo

Tabulação cruzada As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade. * S1_sexo

			S1_sexo		
			Masculino	Feminino	Total
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	discordo totalmente	Contagem	27	89	116
		% do Total	16,6%	54,6%	71,2%
	discordo	Contagem	12	19	31
		% do Total	7,4%	11,7%	19,0%
	não concordo nem discordo	Contagem	10	2	12
		% do Total	6,1%	1,2%	7,4%
concordo	Contagem	2	1	3	
	% do Total	1,2%	0,6%	1,8%	
concordo totalmente	Contagem	1	0	1	
	% do Total	0,6%	0,0%	0,6%	
Total	Contagem	52	111	163	
	% do Total	31,9%	68,1%	100,0%	

Tabela 9 - Cruzamento do indicador “As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade” com a escolaridade da mãe

Tabulação cruzada As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade. * S1_escolaridade_mãe

			S1_escolaridade_mãe									
			Grau inferior até 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	3º Ciclo completo (9º ano)	Ensino Secundário Completo	Curso pós-secundário (curso médio, bacharelado ou licenciatura incompleta)	Licenciatura completa	Mestrado completo	Doutoramento completo	Não sabem responder	Total	
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	discordo totalmente	Contagem	23	19	35	6	25	5	1	1	115	
		% do Total	14,3%	11,8%	21,7%	3,7%	15,5%	3,1%	0,6%	0,6%	71,4%	
	discordo	Contagem	6	3	14	2	4	1	0	0	1	31
		% do Total	3,7%	1,9%	8,7%	1,2%	2,5%	0,6%	0,0%	0,0%	0,6%	19,3%
	não concordo nem discordo	Contagem	0	1	6	1	0	2	1	1	1	12
		% do Total	0,0%	0,6%	3,7%	0,6%	0,0%	1,2%	0,6%	0,6%	0,6%	7,5%
concordo	Contagem	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2	
	% do Total	0,0%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,2%	
concordo totalmente	Contagem	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	
	% do Total	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	
Total	Contagem	29	24	56	9	29	8	3	3	3	161	
	% do Total	18,0%	14,9%	34,8%	5,6%	18,0%	5,0%	1,9%	1,9%	1,9%	100,0%	

Tabela 10 - Cruzamento do indicador “As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade” com a religião

Tabulação cruzada As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade. * S1_religião

		S1_religião					Sem religião	Total	
		Católico praticante	Católico não praticante	Protestante/Evangélico não praticante	Outra religião (praticante)	Outra religião (não praticante)			
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	discordo totalmente	Contagem	20	46	1	3	5	41	116
		% do Total	12,3%	28,2%	0,6%	1,8%	3,1%	25,2%	71,2%
	discordo	Contagem	5	19	0	0	0	7	31
		% do Total	3,1%	11,7%	0,0%	0,0%	0,0%	4,3%	19,0%
	não concordo nem discordo	Contagem	0	8	0	0	1	3	12
		% do Total	0,0%	4,9%	0,0%	0,0%	0,6%	1,8%	7,4%
	concordo	Contagem	1	2	0	0	0	0	3
		% do Total	0,6%	1,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,8%
	concordo totalmente	Contagem	0	0	0	0	0	1	1
		% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	0,6%
	Total	Contagem	26	75	1	3	6	52	163
		% do Total	16,0%	46,0%	0,6%	1,8%	3,7%	31,9%	100,0%

Tabela 11 - Cruzamento do indicador “As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade” com o posicionamento político

Tabulação cruzada As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade. * S1_politica

		S1_politica					Total	
		Esquerda	Centro-esquerda	Centro-direita	Direita	Não sei		
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	discordo totalmente	Contagem	26	27	14	7	42	116
		% do Total	16,0%	16,6%	8,6%	4,3%	25,8%	71,2%
	discordo	Contagem	2	2	10	2	15	31
		% do Total	1,2%	1,2%	6,1%	1,2%	9,2%	19,0%
	não concordo nem discordo	Contagem	1	3	4	1	3	12
		% do Total	0,6%	1,8%	2,5%	0,6%	1,8%	7,4%
	concordo	Contagem	0	0	2	1	0	3
		% do Total	0,0%	0,0%	1,2%	0,6%	0,0%	1,8%
	concordo totalmente	Contagem	0	0	0	1	0	1
		% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,6%
	Total	Contagem	29	32	30	12	60	163
		% do Total	17,8%	19,6%	18,4%	7,4%	36,8%	100,0%

Tabela 12 - Cruzamento do indicador “As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade” com o contacto interpessoal

Tabulação cruzada As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade. * Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?

		Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?		Total	
		Sim	Não		
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	discordo totalmente	Contagem	93	23	116
		% do Total	57,1%	14,1%	71,2%
	discordo	Contagem	21	10	31
		% do Total	12,9%	6,1%	19,0%
	não concordo nem discordo	Contagem	6	6	12
		% do Total	3,7%	3,7%	7,4%
	concordo	Contagem	1	2	3
		% do Total	0,6%	1,2%	1,8%
	concordo totalmente	Contagem	1	0	1
		% do Total	0,6%	0,0%	0,6%
	Total	Contagem	122	41	163
		% do Total	74,8%	25,2%	100,0%

Tabela 13 – Cruzamento do indicador “Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa” com o sexo

Tabulação cruzada Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa. * S1_sexo

		S1_sexo			
		Masculino	Feminino	Total	
Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.	discordo totalmente	Contagem	15	40	55
		% do Total	9,2%	24,5%	33,7%
	discordo	Contagem	16	34	50
		% do Total	9,8%	20,9%	30,7%
	não concordo nem discordo	Contagem	14	22	36
		% do Total	8,6%	13,5%	22,1%
concordo	Contagem	6	13	19	
	% do Total	3,7%	8,0%	11,7%	
concordo totalmente	Contagem	1	2	3	
	% do Total	0,6%	1,2%	1,8%	
Total	Contagem	52	111	163	
	% do Total	31,9%	68,1%	100,0%	

Tabela 14 - Cruzamento do indicador “Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa” com a escolaridade da mãe

Tabulação cruzada Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa. * S1_escolaridade_mãe

		S1_escolaridade_mãe								Total	
		Grau inferior ao 3º ano (grau inferior ao 3º ano)	3º Ciclo completo (3º ano)	Ensino Secundário Completo	Curso pós-secundário (curso médio, licenciatura ou licenciatura incompleta)	Licenciatura completa	Mestrado completo	Doutoramento completo	Não sabe/ não responde		
Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.	discordo totalmente	Contagem	12	8	13	0	17	2	1	1	54
		% do Total	7,5%	5,0%	8,1%	0,0%	10,6%	1,2%	0,6%	0,6%	33,5%
	discordo	Contagem	19	7	18	4	8	4	0	0	49
		% do Total	6,2%	4,2%	11,2%	2,5%	3,7%	2,5%	0,0%	0,0%	30,4%
	não concordo nem discordo	Contagem	3	5	17	4	3	1	2	1	36
		% do Total	1,9%	3,1%	10,6%	2,5%	1,9%	0,6%	1,2%	0,6%	22,4%
concordo	Contagem	3	4	7	1	2	1	0	1	19	
	% do Total	1,9%	2,5%	4,3%	0,6%	1,2%	0,6%	0,0%	0,6%	11,8%	
concordo totalmente	Contagem	1	0	1	0	1	0	0	0	3	
	% do Total	0,6%	0,0%	0,6%	0,0%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%	
Total	Contagem	29	24	56	9	29	8	3	3	161	
	% do Total	18,0%	14,9%	34,8%	5,6%	18,0%	5,0%	1,9%	1,9%	100,0%	

Tabela 15 - Cruzamento do indicador “Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa” com a religião

Tabulação cruzada Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa. * S1_religião

		S1_religião						Total	
		Católico praticante	Católico não praticante	Protestante/Evangélico não praticante	Outra religião (praticante)	Outra religião (não praticante)	Sem religião		
Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.	discordo totalmente	Contagem	9	26	0	1	2	17	55
		% do Total	5,5%	16,0%	0,0%	0,6%	1,2%	10,4%	33,7%
	discordo	Contagem	11	24	1	1	0	13	50
		% do Total	6,7%	14,7%	0,6%	0,6%	0,0%	8,0%	30,7%
	não concordo nem discordo	Contagem	5	14	0	1	3	13	36
		% do Total	3,1%	8,6%	0,0%	0,6%	1,8%	8,0%	22,1%
concordo	Contagem	1	10	0	0	1	7	19	
	% do Total	0,6%	6,1%	0,0%	0,0%	0,6%	4,3%	11,7%	
concordo totalmente	Contagem	0	1	0	0	0	2	3	
	% do Total	0,0%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	1,2%	1,8%	
Total	Contagem	26	75	1	3	6	52	163	
	% do Total	16,0%	46,0%	0,6%	1,8%	3,7%	31,9%	100,0%	

Tabela 16 - Cruzamento do indicador “Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa” com o posicionamento político

Tabulação cruzada Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa. * S1_politica

		S1_politica					Total	
		Esquerda	Centro-esquerda	Centro-direita	Direita	Não sei		
Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.	discordo totalmente	Contagem	10	11	6	5	23	55
		% do Total	6,1%	6,7%	3,7%	3,1%	14,1%	33,7%
	discordo	Contagem	8	7	12	2	21	50
		% do Total	4,9%	4,3%	7,4%	1,2%	12,9%	30,7%
	não concordo nem discordo	Contagem	7	9	7	1	12	36
		% do Total	4,3%	5,5%	4,3%	0,6%	7,4%	22,1%
concordo	Contagem	4	5	4	2	4	19	
	% do Total	2,5%	3,1%	2,5%	1,2%	2,5%	11,7%	
concordo totalmente	Contagem	0	0	1	2	0	3	
	% do Total	0,0%	0,0%	0,6%	1,2%	0,0%	1,8%	
Total	Contagem	29	32	30	12	60	163	
	% do Total	17,8%	19,6%	18,4%	7,4%	36,8%	100,0%	

Tabela 17 - Cruzamento do indicador “Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas” com o sexo

Tabulação cruzada Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas. * S1_sexo

		S1_sexo		Total	
		Masculino	Feminino		
Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.	discordo totalmente	Contagem	19	65	84
		% do Total	11,7%	39,9%	51,5%
	discordo	Contagem	11	27	38
		% do Total	6,7%	16,6%	23,3%
	não concordo nem discordo	Contagem	14	13	27
		% do Total	8,6%	8,0%	16,6%
concordo	Contagem	7	6	13	
	% do Total	4,3%	3,7%	8,0%	
concordo totalmente	Contagem	1	0	1	
	% do Total	0,6%	0,0%	0,6%	
Total	Contagem	52	111	163	
	% do Total	31,9%	68,1%	100,0%	

Tabela 18 - Cruzamento do indicador “Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas” com a escolaridade da mãe

Tabulação cruzada Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas. * S1_escolaridade_mãe

		S1_escolaridade_mãe								Total	
		Grau inferior ao 3º ciclo (ou grau inferior ao abal 9º ano)	3º Ciclo completo (9º ano)	Ensino Secundário Completo	Curso pós-secundário (curso médio, bacharelado ou licenciatura incompleta)	Licenciatura completa	Mestrado completo	Doutoramento completo	Não sabe/não responde		
Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.	discordo totalmente	Contagem	19	12	30	0	16	4	1	1	83
		% do Total	11,8%	7,5%	18,6%	0,0%	9,9%	2,5%	0,6%	0,6%	51,6%
	discordo	Contagem	7	8	9	5	8	1	0	0	38
		% do Total	4,3%	5,0%	5,6%	3,1%	5,0%	0,6%	0,0%	0,0%	23,6%
	não concordo nem discordo	Contagem	1	2	10	4	5	2	1	2	27
		% do Total	0,6%	1,2%	6,2%	2,5%	3,1%	1,2%	0,6%	1,2%	16,8%
concordo	Contagem	2	2	6	0	0	1	1	0	12	
	% do Total	1,2%	1,2%	3,7%	0,0%	0,0%	0,6%	0,6%	0,0%	7,5%	
concordo totalmente	Contagem	0	0	1	0	0	0	0	0	1	
	% do Total	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	
Total	Contagem	29	24	66	9	29	8	3	3	161	
	% do Total	18,0%	14,9%	34,6%	5,6%	18,0%	5,0%	1,9%	1,9%	100,0%	

Tabela 19 - Cruzamento do indicador “Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas” com a religião

Tabulação cruzada Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas. * S1_religião

		S1_religião						Total	
		Católico praticante	Católico não praticante	Protestante/Evangélico não praticante	Outra religião (praticante)	Outra religião (não praticante)	Sem religião		
Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.	discordo totalmente	Contagem	12	35	0	2	5	30	84
		% do Total	7,4%	21,5%	0,0%	1,2%	3,1%	18,4%	51,5%
	discordo	Contagem	10	15	0	1	1	11	38
		% do Total	6,1%	9,2%	0,0%	0,6%	0,6%	6,7%	23,3%
	não concordo nem discordo	Contagem	4	16	0	1	0	6	27
		% do Total	2,5%	9,8%	0,0%	0,6%	0,0%	3,7%	16,6%
concordo	Contagem	0	9	0	0	0	4	13	
	% do Total	0,0%	5,5%	0,0%	0,0%	0,0%	2,5%	8,0%	
concordo totalmente	Contagem	0	0	0	0	0	1	1	
	% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	0,6%	
Total	Contagem	26	75	1	3	6	52	163	
	% do Total	16,0%	46,0%	0,6%	1,8%	3,7%	31,9%	100,0%	

Tabela 20 - Cruzamento do indicador “Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas” com o posicionamento político

Tabulação cruzada Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas. * S1_política

		S1_política					Total	
		Esquerda	Centro-esquerda	Centro-direita	Direita	Não sei		
Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.	discordo totalmente	Contagem	19	18	8	8	31	84
		% do Total	11,7%	11,0%	4,9%	4,9%	19,0%	51,5%
	discordo	Contagem	6	9	11	0	12	38
		% do Total	3,7%	5,5%	6,7%	0,0%	7,4%	23,3%
	não concordo nem discordo	Contagem	3	2	8	3	11	27
		% do Total	1,8%	1,2%	4,9%	1,8%	6,7%	16,6%
concordo	Contagem	1	3	3	0	6	13	
	% do Total	0,6%	1,8%	1,8%	0,0%	3,7%	8,0%	
concordo totalmente	Contagem	0	0	0	1	0	1	
	% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,6%	
Total	Contagem	29	32	30	12	60	163	
	% do Total	17,8%	19,6%	18,4%	7,4%	36,8%	100,0%	

Tabela 21 - Cruzamento do indicador “Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas” com o contacto interpessoal

Tabulação cruzada Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas. * Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?

			Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?		Total
			Sim	Não	
Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.	discordo totalmente	Contagem	70	14	84
		% do Total	42,9%	8,6%	51,5%
	discordo	Contagem	28	10	38
		% do Total	17,2%	6,1%	23,3%
	não concordo nem discordo	Contagem	16	11	27
		% do Total	9,8%	6,7%	16,6%
	concordo	Contagem	7	6	13
		% do Total	4,3%	3,7%	8,0%
concordo totalmente	Contagem	1	0	1	
	% do Total	0,6%	0,0%	0,6%	
Total	Contagem	122	41	163	
	% do Total	74,8%	25,2%	100,0%	

Tabela 22 - Cruzamento do indicador “Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.” Com o sexo

Tabulação cruzada Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro. * S1_sexo

			S1_sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.	discordo totalmente	Contagem	14	65	79
		% do Total	8,6%	39,9%	48,5%
	discordo	Contagem	9	10	19
		% do Total	5,5%	6,1%	11,7%
	não concordo nem discordo	Contagem	21	26	47
		% do Total	12,9%	16,0%	28,8%
	concordo	Contagem	6	9	15
		% do Total	3,7%	5,5%	9,2%
concordo totalmente	Contagem	2	1	3	
	% do Total	1,2%	0,6%	1,8%	
Total	Contagem	52	111	163	
	% do Total	31,9%	68,1%	100,0%	

Tabela 23 - Cruzamento do indicador “Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro” com a escolaridade da mãe

Tabulação cruzada Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro. * S1_escolaridade_mãe

			S1_escolaridade_mãe							Total		
			Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	3º Ciclo completo (9º ano)	Ensino Secundário Completo	Curso pós-secundário (curso médio, bacharelato ou licenciatura incompleta)	Licenciatura completa	Mestrado completo	Doutoramento completo		Não sabe/não responde	
Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.	discordo totalmente	Contagem	13	12	28	2	19	3	1	1	79	
		% do Total	8,1%	7,5%	17,4%	1,2%	11,8%	1,9%	0,6%	0,6%	48,1%	
	discordo	Contagem	6	2	6	1	4	0	0	0	0	19
		% do Total	3,7%	1,2%	3,7%	0,6%	2,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	11,6%
	não concordo nem discordo	Contagem	10	8	16	4	4	1	1	1	2	46
		% do Total	6,2%	5,0%	9,8%	2,5%	2,5%	0,6%	0,6%	0,6%	1,2%	28,6%
	concordo	Contagem	0	2	4	2	2	4	1	1	0	15
		% do Total	0,0%	1,2%	2,5%	1,2%	1,2%	2,5%	0,6%	0,6%	0,0%	9,3%
	concordo totalmente	Contagem	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
		% do Total	0,0%	0,0%	1,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,2%
	Total	Contagem	29	24	56	9	29	8	3	3	3	161
		% do Total	18,0%	14,9%	34,8%	5,6%	18,0%	5,0%	1,9%	1,9%	1,9%	100,0%

Tabela 24 - Cruzamento do indicador “Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro” com a religião

Tabulação cruzada Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.* S1_religião

		S1_religião						Total	
		Católico praticante	Católico não praticante	Protestante/Evangélico não praticante	Outra religião (praticante)	Outra religião (não praticante)	Sem religião		
Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.	discordo totalmente	Contagem	12	33	1	3	5	25	79
		% do Total	7,4%	20,2%	0,6%	1,8%	3,1%	15,3%	48,5%
	discordo	Contagem	2	5	0	0	1	11	19
		% do Total	1,2%	3,1%	0,0%	0,0%	0,6%	6,7%	11,7%
	não concordo nem discordo	Contagem	7	28	0	0	0	12	47
		% do Total	4,3%	17,2%	0,0%	0,0%	0,0%	7,4%	28,8%
	concordo	Contagem	5	7	0	0	0	3	15
		% do Total	3,1%	4,3%	0,0%	0,0%	0,0%	1,8%	9,2%
	concordo totalmente	Contagem	0	2	0	0	0	1	3
		% do Total	0,0%	1,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	1,8%
Total	Contagem	26	75	1	3	6	52	163	
	% do Total	16,0%	46,0%	0,6%	1,8%	3,7%	31,9%	100,0%	

Tabela 25 - Cruzamento do indicador “Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro” com o posicionamento político

Tabulação cruzada Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.* S1_política

		S1_política						Total
		Esquerda	Centro-esquerda	Centro-direita	Direita	Não sei		
Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.	discordo totalmente	Contagem	20	15	11	5	28	79
		% do Total	12,3%	9,2%	6,7%	3,1%	17,2%	48,5%
	discordo	Contagem	3	7	3	0	6	19
		% do Total	1,8%	4,3%	1,8%	0,0%	3,7%	11,7%
	não concordo nem discordo	Contagem	5	7	10	5	20	47
		% do Total	3,1%	4,3%	6,1%	3,1%	12,3%	28,8%
	concordo	Contagem	1	3	4	1	6	15
		% do Total	0,6%	1,8%	2,5%	0,6%	3,7%	9,2%
	concordo totalmente	Contagem	0	0	2	1	0	3
		% do Total	0,0%	0,0%	1,2%	0,6%	0,0%	1,8%
Total	Contagem	29	32	30	12	60	163	
	% do Total	17,8%	19,6%	18,4%	7,4%	36,8%	100,0%	

Tabela 26 - Cruzamento do indicador “Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro” com o contacto interpessoal

Tabulação cruzada Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.* Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?

		Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?			Total
		Sim	Não		
Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.	discordo totalmente	Contagem	69	10	79
		% do Total	42,3%	6,1%	48,5%
	discordo	Contagem	14	5	19
		% do Total	8,6%	3,1%	11,7%
	não concordo nem discordo	Contagem	30	17	47
		% do Total	18,4%	10,4%	28,8%
	concordo	Contagem	8	7	15
		% do Total	4,9%	4,3%	9,2%
	concordo totalmente	Contagem	1	2	3
		% do Total	0,6%	1,2%	1,8%
Total	Contagem	122	41	163	
	% do Total	74,8%	25,2%	100,0%	

Tabela 27 - Cruzamento do indicador “Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto” com o sexo

Tabulação cruzada Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto. * S1_sexo

		S1_sexo		Total	
		Masculino	Feminino		
Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto.	discordo totalmente	Contagem	32	98	130
		% do Total	19,6%	60,1%	79,8%
	discordo	Contagem	12	6	18
		% do Total	7,4%	3,7%	11,0%
	não concordo nem discordo	Contagem	5	2	7
		% do Total	3,1%	1,2%	4,3%
concordo	Contagem	2	1	3	
	% do Total	1,2%	0,6%	1,8%	
concordo totalmente	Contagem	1	4	5	
	% do Total	0,6%	2,5%	3,1%	
Total	Contagem	52	111	163	
	% do Total	31,9%	68,1%	100,0%	

Tabela 28 - Cruzamento do indicador “Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto” com a escolaridade da mãe

Tabulação cruzada Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto. * S1_escolaridade_mãe

		S1_escolaridade_mãe							Total			
		Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	3º Ciclo completo (9º ano)	Ensino Secundário Completo	Curso pós-secundário (curso médio, bacharelado ou licenciatura incompleta)	Licenciatura completa	Mestrado completo	Doutoramento completo		Não sabe/ não responde		
Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto.	discordo totalmente	Contagem	24	20	44	6	27	5	1	2	129	
		% do Total	14,9%	12,4%	27,3%	3,7%	16,8%	3,1%	0,6%	1,2%	80,1%	
	discordo	Contagem	4	4	8	1	1	0	0	0	0	18
		% do Total	2,5%	2,5%	5,0%	0,6%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	11,2%
	não concordo nem discordo	Contagem	0	0	2	1	0	2	1	1	1	7
		% do Total	0,0%	0,0%	1,2%	0,6%	0,0%	1,2%	0,6%	0,6%	0,6%	4,3%
concordo	Contagem	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2	
	% do Total	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	1,2%	
concordo totalmente	Contagem	1	0	1	1	1	1	0	0	0	5	
	% do Total	0,6%	0,0%	0,6%	0,6%	0,6%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	3,1%	
Total	Contagem	29	24	56	9	29	8	3	3	3	161	
	% do Total	18,0%	14,9%	34,8%	5,6%	18,0%	5,0%	1,9%	1,9%	100,0%		

Tabela 29 - Cruzamento do indicador “Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto” com a religião

Tabulação cruzada Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto. * S1_religião

		S1_religião						Total	
		Católico praticante	Católico não praticante	Protestante/Evangélico não praticante	Outra religião (praticante)	Outra religião (não praticante)	Sem religião		
Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto.	discordo totalmente	Contagem	20	56	1	3	6	44	130
		% do Total	12,3%	34,4%	0,6%	1,8%	3,7%	27,0%	79,8%
	discordo	Contagem	3	12	0	0	0	3	18
		% do Total	1,8%	7,4%	0,0%	0,0%	0,0%	1,8%	11,0%
	não concordo nem discordo	Contagem	1	3	0	0	0	3	7
		% do Total	0,6%	1,8%	0,0%	0,0%	0,0%	1,8%	4,3%
concordo	Contagem	1	2	0	0	0	0	3	
	% do Total	0,6%	1,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,8%	
concordo totalmente	Contagem	1	2	0	0	0	2	5	
	% do Total	0,6%	1,2%	0,0%	0,0%	0,0%	1,2%	3,1%	
Total	Contagem	26	75	1	3	6	52	163	
	% do Total	16,0%	46,0%	0,6%	1,8%	3,7%	31,9%	100,0%	

Tabela 30 - Cruzamento do indicador “Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto” com o posicionamento político

Tabulação cruzada Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto. * S1_politica

		S1_politica					Total	
		Esquerda	Centro-esquerda	Centro-direita	Direita	Não sei		
Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto.	discordo totalmente	Contagem	26	28	19	8	49	130
		% do Total	16,0%	17,2%	11,7%	4,9%	30,1%	79,8%
	discordo	Contagem	2	3	7	0	6	18
		% do Total	1,2%	1,8%	4,3%	0,0%	3,7%	11,0%
	não concordo nem discordo	Contagem	1	0	2	1	3	7
		% do Total	0,6%	0,0%	1,2%	0,6%	1,8%	4,3%
	concordo	Contagem	0	0	2	1	0	3
		% do Total	0,0%	0,0%	1,2%	0,6%	0,0%	1,8%
	concordo totalmente	Contagem	0	1	0	2	2	5
		% do Total	0,0%	0,6%	0,0%	1,2%	1,2%	3,1%
	Total	Contagem	29	32	30	12	60	163
		% do Total	17,8%	19,6%	18,4%	7,4%	36,8%	100,0%

Tabela 31 - Cruzamento do indicador “Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto” com o contacto interpessoal

Tabulação cruzada Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto. * Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?

		Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?		Total	
		Sim	Não		
Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto.	discordo totalmente	Contagem	109	21	130
		% do Total	66,9%	12,9%	79,8%
	discordo	Contagem	8	10	18
		% do Total	4,9%	6,1%	11,0%
	não concordo nem discordo	Contagem	1	6	7
		% do Total	0,6%	3,7%	4,3%
	concordo	Contagem	0	3	3
		% do Total	0,0%	1,8%	1,8%
	concordo totalmente	Contagem	4	1	5
		% do Total	2,5%	0,6%	3,1%
	Total	Contagem	122	41	163
		% do Total	74,8%	25,2%	100,0%

Tabela 32 - Cruzamento do indicador “A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas)” com o sexo

Tabulação cruzada A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas). * S1_sexo

		S1_sexo		Total	
		Masculino	Feminino		
A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).	discordo totalmente	Contagem	5	8	13
		% do Total	3,1%	4,9%	8,0%
	discordo	Contagem	4	14	18
		% do Total	2,5%	8,6%	11,0%
	não concordo nem discordo	Contagem	29	25	54
		% do Total	17,8%	15,3%	33,1%
	concordo	Contagem	13	53	66
		% do Total	8,0%	32,5%	40,5%
	concordo totalmente	Contagem	1	11	12
		% do Total	0,6%	6,7%	7,4%
	Total	Contagem	52	111	163
		% do Total	31,9%	68,1%	100,0%

Tabela 33 - Cruzamento do indicador “A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas)” com a escolaridade da mãe

Tabulação cruzada A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas). * S1_escolaridade_mãe

		S1_escolaridade_mãe									
			Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 2º ano)	3º Ciclo completo (9º ano)	Ensino Secundário Completo	Curso pós-secundário (curso médio, bacharelato ou licenciatura incompleta)	Licenciatura completa	Mestrado completo	Doutoramento completo	Não sabe/não responde	Total
A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).	discordo totalmente	Contagem	2	4	6	0	0	1	0	0	13
		% do Total	1,2%	2,5%	3,7%	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,0%	8,1%
	discordo	Contagem	4	4	4	2	4	0	0	0	18
		% do Total	2,5%	2,5%	2,5%	1,2%	2,5%	0,0%	0,0%	0,0%	11,2%
	não concordo nem discordo	Contagem	9	3	19	4	11	4	1	2	53
		% do Total	5,6%	1,5%	11,8%	2,5%	6,8%	2,5%	0,6%	1,2%	32,9%
	concordo	Contagem	12	13	22	3	11	3	1	0	65
		% do Total	7,5%	8,1%	13,7%	1,9%	6,8%	1,9%	0,6%	0,0%	40,4%
	concordo totalmente	Contagem	2	0	5	0	3	0	1	1	12
		% do Total	1,2%	0,0%	3,1%	0,0%	1,9%	0,0%	0,6%	0,6%	7,5%
	Total	Contagem	29	24	56	9	29	8	3	3	161
		% do Total	18,0%	14,9%	34,8%	5,6%	18,0%	5,0%	1,9%	1,9%	100,0%

Tabela 34 - Cruzamento do indicador “A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas)” com a religião

Tabulação cruzada A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas). * S1_religião

		S1_religião							
			Católico praticante	Católico não praticante	Protestante/Evangélico não praticante	Outra religião (praticante)	Outra religião (não praticante)	Sem religião	Total
A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).	discordo totalmente	Contagem	5	5	0	0	0	3	13
		% do Total	3,1%	3,1%	0,0%	0,0%	0,0%	1,8%	8,0%
	discordo	Contagem	4	8	0	0	1	5	18
		% do Total	2,5%	4,9%	0,0%	0,0%	0,6%	3,1%	11,0%
	não concordo nem discordo	Contagem	7	24	1	1	1	20	54
		% do Total	4,3%	14,7%	0,6%	0,6%	0,6%	12,3%	33,1%
	concordo	Contagem	9	33	0	1	3	20	66
		% do Total	5,5%	20,2%	0,0%	0,6%	1,8%	12,3%	40,5%
	concordo totalmente	Contagem	1	5	0	1	1	4	12
		% do Total	0,6%	3,1%	0,0%	0,6%	0,6%	2,5%	7,4%
	Total	Contagem	26	75	1	3	6	52	163
		% do Total	16,0%	46,0%	0,6%	1,8%	3,7%	31,9%	100,0%

Tabela 35 - Cruzamento do indicador “A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas)” com o posicionamento político

Tabulação cruzada A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas). *

		S1_politica						
			Esquerda	Centro-esquerda	Centro-direita	Direita	Não sei	Total
A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).	discordo totalmente	Contagem	3	3	0	2	5	13
		% do Total	1,8%	1,8%	0,0%	1,2%	3,1%	8,0%
	discordo	Contagem	4	1	7	1	5	18
		% do Total	2,5%	0,6%	4,3%	0,6%	3,1%	11,0%
	não concordo nem discordo	Contagem	7	9	11	5	22	54
		% do Total	4,3%	5,5%	6,7%	3,1%	13,5%	33,1%
	concordo	Contagem	12	18	10	3	23	66
		% do Total	7,4%	11,0%	6,1%	1,8%	14,1%	40,5%
	concordo totalmente	Contagem	3	1	2	1	5	12
		% do Total	1,8%	0,6%	1,2%	0,6%	3,1%	7,4%
	Total	Contagem	29	32	30	12	60	163
		% do Total	17,8%	19,6%	18,4%	7,4%	36,8%	100,0%

Tabela 36 - Cruzamento do indicador “A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas)” com o contacto interpessoal

Tabulação cruzada A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas). * Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?

			Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?		Total
			Sim	Não	
A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).	discordo totalmente	Contagem	11	2	13
		% do Total	6,7%	1,2%	8,0%
	discordo	Contagem	13	5	18
		% do Total	8,0%	3,1%	11,0%
	não concordo nem discordo	Contagem	36	18	54
		% do Total	22,1%	11,0%	33,1%
	concordo	Contagem	53	13	66
		% do Total	32,5%	8,0%	40,5%
	concordo totalmente	Contagem	9	3	12
		% do Total	5,5%	1,8%	7,4%
Total	Contagem	122	41	163	
	% do Total	74,8%	25,2%	100,0%	

Tabela 37 - Cruzamento do indicador “As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola” com o sexo

Tabulação cruzada As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola. * S1_sexo

			S1_sexo		Total
			Masculino	Feminino	
As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	discordo totalmente	Contagem	5	14	19
		% do Total	3,1%	8,6%	11,7%
	discordo	Contagem	5	10	15
		% do Total	3,1%	6,1%	9,2%
	não concordo nem discordo	Contagem	17	31	48
		% do Total	10,4%	19,0%	29,4%
	concordo	Contagem	22	43	65
		% do Total	13,5%	26,4%	39,9%
	concordo totalmente	Contagem	3	13	16
		% do Total	1,8%	8,0%	9,8%
Total	Contagem	52	111	163	
	% do Total	31,9%	68,1%	100,0%	

Tabela 38 - Cruzamento do indicador “As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola” com a escolaridade da mãe

Tabulação cruzada As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola. * S1_escolaridade_mãe

			S1_escolaridade_mãe								Total
			Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	3º Ciclo completo (9º ano)	Ensino Secundário Completo	Curso pós-secundário (curso médio, bacharelato ou licenciatura incompleta)	Licenciatura completa	Mestrado completo	Doutoramento completo	Não sabe/não responde	
As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	discordo totalmente	Contagem	3	4	5	1	4	2	0	0	19
		% do Total	1,9%	2,5%	3,1%	0,6%	2,5%	1,2%	0,0%	0,0%	11,8%
	discordo	Contagem	5	2	5	1	1	0	1	0	15
		% do Total	3,1%	1,2%	3,1%	0,6%	0,6%	0,0%	0,6%	0,0%	9,3%
	não concordo nem discordo	Contagem	6	5	14	6	9	4	2	1	47
		% do Total	3,7%	3,1%	8,7%	3,7%	5,6%	2,5%	1,2%	0,6%	29,2%
	concordo	Contagem	13	11	28	1	10	0	0	1	64
		% do Total	8,1%	6,8%	17,4%	0,6%	6,2%	0,0%	0,0%	0,6%	39,8%
	concordo totalmente	Contagem	2	2	4	0	5	2	0	1	16
		% do Total	1,2%	1,2%	2,5%	0,0%	3,1%	1,2%	0,0%	0,6%	9,9%
	Total	Contagem	29	24	56	9	29	8	3	3	161
		% do Total	18,0%	14,9%	34,8%	5,6%	18,0%	5,0%	1,9%	1,9%	100,0%

Tabela 39 - Cruzamento do indicador “As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola” com a religião

Tabulação cruzada As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola. * S1_religião

		S1_religião						Total	
		Católico praticante	Católico não praticante	Protestante/Evangélico não praticante	Outra religião (praticante)	Outra religião (não praticante)	Sem religião		
As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	discordo totalmente	Contagem	5	7	0	1	0	6	19
		% do Total	3,1%	4,3%	0,0%	0,6%	0,0%	3,7%	11,7%
	discordo	Contagem	4	6	0	0	0	5	15
		% do Total	2,5%	3,7%	0,0%	0,0%	0,0%	3,1%	9,2%
	não concordo nem discordo	Contagem	11	19	0	1	1	16	48
		% do Total	6,7%	11,7%	0,0%	0,6%	0,6%	9,8%	29,4%
	concordo	Contagem	6	37	1	0	2	19	65
		% do Total	3,7%	22,7%	0,6%	0,0%	1,2%	11,7%	39,9%
	concordo totalmente	Contagem	0	6	0	1	3	6	16
		% do Total	0,0%	3,7%	0,0%	0,6%	1,8%	3,7%	9,8%
	Total	Contagem	26	75	1	3	6	52	163
		% do Total	16,0%	46,0%	0,6%	1,8%	3,7%	31,9%	100,0%

Tabela 40 - Cruzamento do indicador “As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola” com o posicionamento político

Tabulação cruzada As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola. * S1_política

		S1_política					Total	
		Esquerda	Centro-esquerda	Centro-direita	Direita	Não sei		
As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	discordo totalmente	Contagem	4	5	1	2	7	19
		% do Total	2,5%	3,1%	0,6%	1,2%	4,3%	11,7%
	discordo	Contagem	4	0	4	2	5	15
		% do Total	2,5%	0,0%	2,5%	1,2%	3,1%	9,2%
	não concordo nem discordo	Contagem	7	11	8	2	20	48
		% do Total	4,3%	6,7%	4,9%	1,2%	12,3%	29,4%
	concordo	Contagem	12	13	15	4	21	65
		% do Total	7,4%	8,0%	9,2%	2,5%	12,9%	39,9%
	concordo totalmente	Contagem	2	3	2	2	7	16
		% do Total	1,2%	1,8%	1,2%	1,2%	4,3%	9,8%
	Total	Contagem	29	32	30	12	60	163
		% do Total	17,8%	19,6%	18,4%	7,4%	36,8%	100,0%

Tabela 41 - Cruzamento do indicador “As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola” com o contacto interpessoal

Tabulação cruzada As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola. * Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?

		Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?			Total
		Sim	Não		
As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	discordo totalmente	Contagem	17	2	19
		% do Total	10,4%	1,2%	11,7%
	discordo	Contagem	9	6	15
		% do Total	5,5%	3,7%	9,2%
	não concordo nem discordo	Contagem	37	11	48
		% do Total	22,7%	6,7%	29,4%
	concordo	Contagem	47	18	65
		% do Total	28,8%	11,0%	39,9%
	concordo totalmente	Contagem	12	4	16
		% do Total	7,4%	2,5%	9,8%
	Total	Contagem	122	41	163
		% do Total	74,8%	25,2%	100,0%

Tabela 42 e 43 - Teste *t* para amostras independentes do sexo

Estatísticas de grupo

	S1_sexo	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	Masculino	52	4,1538	1,10940	,15385
	Feminino	111	4,7748	,65622	,06229
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Masculino	52	1,8077	1,01050	,14013
	Feminino	111	1,2342	,52145	,04949
Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.	Masculino	52	2,2692	1,06854	,14818
	Feminino	111	2,1261	1,08809	,10328
Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.	Masculino	52	2,2308	1,14815	,15922
	Feminino	111	1,6396	,89232	,08470
Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.	Masculino	52	2,4808	1,12877	,15653
	Feminino	111	1,8378	1,09992	,10440
A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).	Masculino	52	3,0192	,89641	,12431
	Feminino	111	3,4054	1,06497	,10108
As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	Masculino	52	3,2500	1,04553	,14499
	Feminino	111	3,2793	1,17683	,11170

Teste de amostras independentes

	Teste de Levene para igualdade de variâncias	teste-t para Igualdade de Médias								
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	Variâncias iguais assumidas	17,875	,000	-4,467	161	,000	-,62093	,13899	-,89541	-,34645
	Variâncias iguais não assumidas			-3,741	68,239	,000	-,62093	,16598	-,95211	-,28975
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Variâncias iguais assumidas	41,115	,000	4,782	161	,000	,57346	,11992	,33664	,81028
	Variâncias iguais não assumidas			3,859	64,056	,000	,57346	,14862	,27657	,87035
Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.	Variâncias iguais assumidas	,008	,929	,787	161	,432	,14310	,18182	-,21595	,50216
	Variâncias iguais não assumidas			,792	101,481	,430	,14310	,18062	-,21518	,50139
Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.	Variâncias iguais assumidas	8,582	,004	3,587	161	,000	,59113	,16479	,26570	,91655
	Variâncias iguais não assumidas			3,278	80,940	,002	,59113	,18034	,23230	,94996
Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.	Variâncias iguais assumidas	,041	,840	3,449	161	,001	,64293	,18639	,27485	1,01101
	Variâncias iguais não assumidas			3,417	97,517	,001	,64293	,18815	,26952	1,01634
A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).	Variâncias iguais assumidas	9,208	,003	-2,265	161	,025	-,38617	,17050	-,72288	-,04947
	Variâncias iguais não assumidas			-2,410	117,021	,017	-,38617	,16022	-,70348	-,06887
As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	Variâncias iguais assumidas	1,287	,258	-,153	161	,878	-,02928	,19105	-,40657	,34801
	Variâncias iguais não assumidas			-,160	111,323	,873	-,02928	,18303	-,39195	,33339

Tabela 44 e 45 - Teste *t* para amostras independentes da escolaridade da mãe

Estatísticas de grupo

	S1_escolaridade_mãe	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	29	4,8966	,30993	,05755
	Licenciatura completa	29	4,8276	,38443	,07139
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	29	1,2069	,41225	,07655
	Licenciatura completa	29	1,1379	,35093	,06517
Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.	Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	29	2,0000	1,13389	,21056
	Licenciatura completa	29	1,7586	1,12298	,20853
Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.	Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	29	1,5172	,87099	,16174
	Licenciatura completa	29	1,6207	,77523	,14396
Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.	Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	29	1,8966	,90019	,16716
	Licenciatura completa	29	1,6207	,97884	,18177
A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).	Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	29	3,2759	1,03152	,19155
	Licenciatura completa	29	3,4483	,86957	,16148
As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	29	3,2069	1,14578	,21277
	Licenciatura completa	29	3,3793	1,23675	,22966

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para igualdade de Médias						
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	Variâncias iguais assumidas	2,336	,132	,752	56	,455	,06897	,09170	-,11473	,25266
	Variâncias iguais não assumidas			,752	53,589	,455	,06897	,09170	-,11491	,25284
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Variâncias iguais assumidas	1,926	,171	,686	56	,496	,06897	,10053	-,13243	,27036
	Variâncias iguais não assumidas			,686	54,608	,496	,06897	,10053	-,13254	,27047
Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.	Variâncias iguais assumidas	,109	,743	,815	56	,419	,24138	,26635	-,35227	,83503
	Variâncias iguais não assumidas			,815	55,995	,419	,24138	,26635	-,35227	,83503
Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.	Variâncias iguais assumidas	,004	,952	-,478	56	,635	-,10345	,21652	-,53720	,33030
	Variâncias iguais não assumidas			-,478	55,257	,635	-,10345	,21652	-,53733	,33043
Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.	Variâncias iguais assumidas	,006	,937	1,117	56	,269	,27586	,24694	-,21883	,77055
	Variâncias iguais não assumidas			1,117	55,612	,269	,27586	,24694	-,21890	,77063
A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).	Variâncias iguais assumidas	,522	,473	-,688	56	,494	-,17241	,25053	-,67429	,32946
	Variâncias iguais não assumidas			-,688	54,442	,494	-,17241	,25053	-,67460	,32978
As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	Variâncias iguais assumidas	,027	,871	-,551	56	,584	-,17241	,31307	-,79957	,45474
	Variâncias iguais não assumidas			-,551	55,676	,584	-,17241	,31307	-,79965	,45482

Tabela 46 e 47 - Teste t para amostras independentes quanto à religião

Estatísticas de grupo

	S1_religião	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	Católico não praticante	75	4,5333	,94916	,10960
	Sem religião	52	4,5962	,89134	,12361
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Católico não praticante	75	1,5467	,79344	,09162
	Sem religião	52	1,3269	,75980	,10537
Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.	Católico não praticante	75	2,1467	1,08669	,12548
	Sem religião	52	2,3077	1,18054	,16371
Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.	Católico não praticante	75	1,9867	1,08420	,12519
	Sem religião	52	1,7500	1,06412	,14757
Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.	Católico não praticante	75	2,2000	1,18550	,13689
	Sem religião	52	1,9231	1,06359	,14749
A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).	Católico não praticante	75	3,3333	,99095	,11443
	Sem religião	52	3,3269	,96449	,13375
As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	Católico não praticante	75	3,3867	1,06407	,12287
	Sem religião	52	3,2692	1,15666	,16040

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	Variâncias iguais assumidas	,310	,578	-.376	125	,708	-.06282	,16710	-.39354	,26790
	Variâncias iguais não assumidas			-.380	114,107	,704	-.06282	,16520	-.39008	,26443
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Variâncias iguais assumidas	3,240	,074	1,561	125	,121	,21974	,14074	-.05879	,49828
	Variâncias iguais não assumidas			1,574	112,824	,118	,21974	,13963	-.05689	,49638
Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.	Variâncias iguais assumidas	1,194	,277	-.793	125	,430	-.16103	,20318	-.56314	,24109
	Variâncias iguais não assumidas			-.781	103,828	,437	-.16103	,20627	-.57007	,24802
Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.	Variâncias iguais assumidas	,280	,597	1,219	125	,225	,23667	,19418	-.14784	,62097
	Variâncias iguais não assumidas			1,223	111,151	,224	,23667	,19352	-.14680	,62013
Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.	Variâncias iguais assumidas	4,452	,037	1,349	125	,180	,27692	,20524	-.12927	,68312
	Variâncias iguais não assumidas			1,376	116,916	,171	,27692	,20123	-.12160	,67545
A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).	Variâncias iguais assumidas	,110	,741	,036	125	,871	,00641	,17689	-.34368	,35650
	Variâncias iguais não assumidas			,036	111,726	,871	,00641	,17602	-.34236	,35518
As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	Variâncias iguais assumidas	,372	,543	,590	125	,556	,11744	,19900	-.27642	,51129
	Variâncias iguais não assumidas			,581	103,784	,562	,11744	,20205	-.28325	,51812

Tabela 48 e 49 - Teste *t* para amostras independentes quanto ao contacto interpessoal

Estatísticas de grupo

	Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	Sim	122	4,7541	,67188	,06083
	Não	41	4,0488	1,16084	,18129
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Sim	122	1,3279	,68566	,06208
	Não	41	1,6829	,90662	,14159
Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.	Sim	122	2,1721	1,11853	,10127
	Não	41	2,1707	,97217	,15183
Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.	Sim	122	1,6967	,96114	,08702
	Não	41	2,2195	1,08426	,16933
Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.	Sim	122	1,8361	1,06298	,09624
	Não	41	2,6585	1,17494	,18350
A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).	Sim	122	3,2951	1,05774	,09576
	Não	41	3,2439	,94288	,14725
As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	Sim	122	3,2295	1,16978	,10591
	Não	41	3,3902	1,02172	,15957

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para igualdade de Médias						
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	Variâncias iguais assumidas	15,165	,000	4,759	161	,000	,70532	,14821	,41263	,99800
	Variâncias iguais não assumidas			3,688	49,307	,001	,70532	,19123	,32109	1,08954
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Variâncias iguais assumidas	9,954	,002	-2,634	161	,009	-,35506	,13479	-,62124	-,08887
	Variâncias iguais não assumidas			-2,297	56,169	,025	-,35506	,15460	-,66474	-,04538
Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.	Variâncias iguais assumidas	2,452	,119	,007	161	,994	,00140	,19569	-,38504	,38784
	Variâncias iguais não assumidas			,008	78,378	,994	,00140	,18250	-,36191	,36470
Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.	Variâncias iguais assumidas	2,184	,141	-2,916	161	,004	-,52279	,17928	-,87684	-,16874
	Variâncias iguais não assumidas			-2,746	62,476	,008	-,52279	,19038	-,90330	-,14228
Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.	Variâncias iguais assumidas	,064	,801	-4,173	161	,000	-,82247	,19710	-1,21171	-,43323
	Variâncias iguais não assumidas			-3,969	63,445	,000	-,82247	,20720	-1,23647	-,40847
A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).	Variâncias iguais assumidas	1,395	,239	,275	161	,784	,05118	,18601	-,31615	,41851
	Variâncias iguais não assumidas			,291	76,468	,772	,05118	,17565	-,29863	,40099
As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	Variâncias iguais assumidas	,608	,437	-,785	161	,434	-,16074	,20485	-,56528	,24381
	Variâncias iguais não assumidas			-,839	78,001	,404	-,16074	,19151	-,54201	,22054

Tabela 50- teste *t* paramétrico independente cruzamento dos indicadores com a variável abordagem à temática

		Teste de amostras independentes				teste-t para Igualdade de Médias				
		Teste de Levene para igualdade de variâncias						95% Intervalo de Confiança da Diferença		
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	Inferior	Superior
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	Variâncias iguais assumidas	3,059	,082	1,345	160	,181	,20101	,14950	-,09424	,49626
	Variâncias iguais não assumidas			1,373	95,901	,173	,20101	,14638	-,08955	,49158
Um casal de duas mulheres pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	Variâncias iguais assumidas	2,119	,147	1,053	160	,294	,15135	,14373	-,13250	,43519
	Variâncias iguais não assumidas			1,101	101,527	,273	,15135	,13743	-,12126	,42395
Devido à ausência de um dos sexos, os casais homossexuais nunca vão ter tão boas competências parentais como os casais heterossexuais.	Variâncias iguais assumidas	7,414	,007	-1,572	160	,118	-,22413	,14260	-,50575	,05749
	Variâncias iguais não assumidas			-1,696	109,721	,093	-,22413	,13214	-,48601	,03775
É preferível uma criança ser adotada por um casal heterossexual, uma vez que os casais homossexuais têm relacionamentos mais instáveis e tocam mais vezes de parceiras/os.	Variâncias iguais assumidas	1,342	,248	-,872	160	,385	-,12209	,14004	-,39865	,15447
	Variâncias iguais não assumidas			-,865	89,621	,389	-,12209	,14118	-,40259	,15841
Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigas do casal, avós ou outras figuras femininas.	Variâncias iguais assumidas	,408	,524	-,641	160	,523	-,10385	,16208	-,42394	,21625
	Variâncias iguais não assumidas			-,636	89,912	,526	-,10385	,16317	-,42802	,22032
Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras masculinas.	Variâncias iguais assumidas	,537	,465	-,777	160	,438	-,12426	,15986	-,43995	,19144
	Variâncias iguais não assumidas			-,776	90,801	,440	-,12426	,16016	-,44240	,19389
As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento.	Variâncias iguais assumidas	4,607	,033	-1,529	160	,128	-,23442	,15327	-,53712	,06827
	Variâncias iguais não assumidas			-1,617	104,274	,109	-,23442	,14497	-,52189	,05305
Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver-se normalmente.	Variâncias iguais assumidas	,518	,473	1,305	160	,194	,17248	,13212	-,08845	,43340
	Variâncias iguais não assumidas			1,248	82,668	,216	,17248	,13820	-,10242	,44737
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusas acerca da sua sexualidade.	Variâncias iguais assumidas	13,118	,000	-2,339	160	,021	-,30034	,12843	-,55399	-,04670
	Variâncias iguais não assumidas			-2,475	104,518	,015	-,30034	,12136	-,54100	-,05969
A orientação sexual dos pais/mães, numa família homoparental, não vai afetar a orientação sexual das crianças.	Variâncias iguais assumidas	4,580	,034	1,201	160	,232	,18747	,15609	-,12080	,49573
	Variâncias iguais não assumidas			1,300	110,628	,196	,18747	,14417	-,09823	,47316
E mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais.	Variâncias iguais assumidas	1,584	,210	-1,009	160	,315	-,15749	,15616	-,46588	,15091
	Variâncias iguais não assumidas			-1,001	89,703	,320	-,15749	,15737	-,47014	,15516
Entre um casal lésbico e um casal gay, a criança vai ter melhor educação no casal lésbico, uma vez que as mulheres são mais propensas aos afetos e têm mais atenção às necessidades dos filhos.	Variâncias iguais assumidas	,828	,364	-1,264	160	,208	-,18548	,14673	-,47526	,10430
	Variâncias iguais não assumidas			-1,297	96,959	,198	-,18548	,14301	-,46931	,09835
Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos, principalmente se se tratar de raparigas.	Variâncias iguais assumidas	,616	,434	-,844	160	,521	-,11215	,17426	-,45631	,23200
	Variâncias iguais não assumidas			-,854	94,749	,515	-,11215	,17150	-,45264	,22833
Uma criança adotada por duas mulheres lésbicas receberá muito mais carinho e terá menos problemas emocionais do que uma criança adotada por dois homens gays.	Variâncias iguais assumidas	1,466	,228	-1,584	160	,115	-,22088	,13946	-,49630	,05455
	Variâncias iguais não assumidas			-1,608	94,621	,111	-,22088	,13733	-,49353	,05177
Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.	Variâncias iguais assumidas	9,346	,003	1,038	160	,301	,18837	,18139	-,16986	,54659
	Variâncias iguais não assumidas			,936	73,464	,352	,18837	,20131	-,21279	,58953
A criança é prejudicada quando o pai não participa nos cuidados aos filhos.	Variâncias iguais assumidas	4,192	,042	-,407	160	,684	-,07007	,17201	-,40978	,26963
	Variâncias iguais não assumidas			-,373	75,894	,710	-,07007	,18767	-,44387	,30372
Tudo considerado, a vida familiar é prejudicada quando a mulher trabalha fora de casa a tempo inteiro.	Variâncias iguais assumidas	,330	,567	-1,622	160	,107	-,28228	,17399	-,82590	,08134
	Variâncias iguais não assumidas			-1,544	81,883	,126	-,28228	,18283	-,84600	,08143
Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto.	Variâncias iguais assumidas	7,709	,006	-1,616	160	,108	-,24725	,15296	-,54932	,05483
	Variâncias iguais não assumidas			-1,823	122,501	,071	-,24725	,13566	-,51578	,02129
Se fosse eu a decidir acerca da adoção, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo, com condições semelhantes, eu iria decidir pelo primeiro.	Variâncias iguais assumidas	3,758	,054	-1,621	160	,107	-,31642	,19519	-,70190	,06907
	Variâncias iguais não assumidas			-1,676	98,813	,097	-,31642	,18874	-,69092	,05809
É preferível uma criança ser adotada por um casal homossexual do que estar institucionalizada.	Variâncias iguais assumidas	1,475	,226	-,497	160	,620	-,05761	,11597	-,28664	,17142
	Variâncias iguais não assumidas			-,446	73,005	,657	-,05761	,12914	-,31498	,19976
As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	Variâncias iguais assumidas	5,391	,021	-,847	160	,398	-,16417	,19389	-,54708	,21874
	Variâncias iguais não assumidas			-,775	75,698	,441	-,16417	,21182	-,58608	,25774
A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).	Variâncias iguais assumidas	2,033	,156	-,535	160	,593	-,09409	,17583	-,44133	,25314
	Variâncias iguais não assumidas			-,503	79,779	,616	-,09409	,18709	-,46644	,27825

Tabelas 51 e 52 – Teste *t* paramétrico cruzamento dos indicadores bem-estar da criança com a variável sexo

Estatísticas de grupo

	S1_sexo	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigas do casal, avós ou outras figuras femininas.	Masculino	52	1,9231	1,06359	,14749
	Feminino	111	1,4775	,85117	,08079
Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras masculinas.	Masculino	52	2,0192	1,05701	,14658
	Feminino	111	1,4234	,80396	,07631
As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento.	Masculino	52	1,9615	1,04715	,14521
	Feminino	111	1,3243	,74054	,07029
Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver-se normalmente.	Masculino	52	4,0577	,91638	,12708
	Feminino	111	4,7297	,58692	,05571
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Masculino	52	1,8077	1,01050	,14013
	Feminino	111	1,2342	,52145	,04949
A orientação sexual dos pais/mães, numa família homoparental, não vai afetar a orientação sexual das crianças.	Masculino	52	3,9808	1,16300	,16128
	Feminino	111	4,7027	,68871	,06347
É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais.	Masculino	52	1,6154	,97325	,13497
	Feminino	111	1,3784	,87443	,08300

Teste de amostras independentes

	Varianças	Teste de Levene para igualdade de variâncias				teste- <i>t</i> para igualdade de Médias		95% Intervalo de Confiança da Diferença		
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2-tendentes)	Diferença média	Erro padrão de diferença	Inferior	Superior
Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigas do casal, avós ou outras figuras femininas.	Varianças iguais assumidas	3,505	,063	2,870	161	,005	,44560	,15523	,13904	,75216
	Varianças iguais não assumidas			2,850	82,741	,010	,44560	,16817	,11110	,78010
Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras masculinas.	Varianças iguais assumidas	7,621	,006	3,975	161	,000	,59581	,14988	,39981	,89180
	Varianças iguais não assumidas			3,805	79,876	,001	,59581	,16525	,26692	,92469
As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento.	Varianças iguais assumidas	13,090	,000	4,462	161	,000	,63721	,14279	,35522	,91920
	Varianças iguais não assumidas			3,950	75,769	,000	,63721	,16133	,31588	,95855
Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver-se normalmente.	Varianças iguais assumidas	10,809	,001	-5,648	161	,000	-,67204	,11899	-,88702	-,43706
	Varianças iguais não assumidas			-4,843	71,265	,000	-,67204	,13875	-,94868	-,39539
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Varianças iguais assumidas	41,115	,000	4,782	161	,000	,57346	,11992	,33664	,81028
	Varianças iguais não assumidas			3,859	64,856	,000	,57346	,14882	,27657	,87035
A orientação sexual dos pais/mães, numa família homoparental, não vai afetar a orientação sexual das crianças.	Varianças iguais assumidas	27,858	,000	-5,014	161	,000	-,72193	,14397	-1,08625	-,43762
	Varianças iguais não assumidas			-4,165	67,273	,000	-,72193	,17332	-1,08785	-,37601
É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais.	Varianças iguais assumidas	2,539	,113	1,555	161	,122	,23701	,15240	-,06396	,53787
	Varianças iguais não assumidas			1,496	90,843	,138	,23701	,15844	-,07773	,55174

Tabelas 53 e 54 – Teste *t* paramétrico cruzamento dos indicadores bem-estar da criança com a variável escolaridade da mãe

Estadísticas de grupo

	S1_escolaridade_mãe	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigas do casal, avós ou outras figuras femininas.	Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	29	1,4138	,82450	,15311
	Licenciatura completa	29	1,2759	,52757	,09797
Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras masculinas.	Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	29	1,3103	,66027	,12261
	Licenciatura completa	29	1,2759	,59140	,10982
As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento.	Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	29	1,2414	,51096	,09488
	Licenciatura completa	29	1,2759	,59140	,10982
Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver-se normalmente.	Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	29	4,7241	,59140	,10982
	Licenciatura completa	29	4,7586	,43549	,08087
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	29	1,2069	,41225	,07655
	Licenciatura completa	29	1,1379	,35093	,06517
A orientação sexual dos pais/mães, numa família homoparental, não vai afetar a orientação sexual das crianças.	Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	29	4,7241	,59140	,10982
	Licenciatura completa	29	4,7586	,68947	,12803
É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais.	Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	29	1,4483	,90972	,16893
	Licenciatura completa	29	1,1379	,44111	,08191

Teste de amostras independentes

	Teste de Levene para igualdade de variâncias	teste-t para igualdade de Médias									
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 embunidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença		
Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigas do casal, avós ou outras figuras femininas.	Variancias iguais assumidas	2,341	,132	,759	56	,451	,13793	,16177	-2,2619	,50295	
	Variancias iguais não assumidas			,759	47,636	,452	,13793	,16177	-2,2761	,50347	
Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras masculinas.	Variancias iguais assumidas	,890	,765	,209	56	,835	,03448	,16460	-2,9525	,36422	
	Variancias iguais não assumidas			,209	55,334	,835	,03448	,16460	-2,9534	,36431	
As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento.	Variancias iguais assumidas	,333	,566	-,238	56	,813	-,03448	,14513	-,32522	,25625	
	Variancias iguais não assumidas			-,238	54,844	,813	-,03448	,14513	-,32535	,25639	
Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver-se normalmente.	Variancias iguais assumidas	,730	,397	-,253	56	,801	-,03448	,13638	-,30769	,23873	
	Variancias iguais não assumidas			-,253	51,466	,801	-,03448	,13638	-,30822	,23926	
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Variancias iguais assumidas	1,926	,171	,686	56	,496	,06897	,10053	-,13243	,27036	
	Variancias iguais não assumidas			,686	54,608	,496	,06897	,10053	-,13254	,27047	
A orientação sexual dos pais/mães, numa família homoparental, não vai afetar a orientação sexual das crianças.	Variancias iguais assumidas	,830	,884	-,204	56	,839	-,03448	,16868	-,37239	,30342	
	Variancias iguais não assumidas			-,204	54,732	,839	-,03448	,16868	-,37256	,30359	
É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais.	Variancias iguais assumidas	11,325	,001	1,653	56	,104	,31034	,16774	-,06575	,68644	
	Variancias iguais não assumidas			1,653	40,477	,106	,31034	,16774	-,06896	,68665	

Tabelas 56 e 56 – Teste *t* paramétrico cruzamento dos indicadores bem-estar da criança com a variável religião

Estadísticas de grupo

	S1_religião	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras femininas.	Católico não praticante	75	1,7600	1,03767	,11982
	Sem religião	52	1,5192	,87426	,12124
Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras masculinas.	Católico não praticante	75	1,6933	1,01307	,11698
	Sem religião	52	1,6154	,91080	,12631
As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento.	Católico não praticante	75	1,6267	,98328	,11354
	Sem religião	52	1,5192	,91802	,12731
Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver-se normalmente.	Católico não praticante	75	4,4400	,80940	,09346
	Sem religião	52	4,5385	,80346	,11142
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Católico não praticante	75	1,5467	,79344	,09162
	Sem religião	52	1,3269	,75980	,10537
A orientação sexual dos pais/mães, numa família homoparental, não vai afetar a orientação sexual das crianças.	Católico não praticante	75	4,3733	,99693	,11512
	Sem religião	52	4,5385	,91740	,12722
É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais.	Católico não praticante	75	1,5600	,93346	,10779
	Sem religião	52	1,3654	,95031	,13178

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para igualdade de Médias						
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2-treudados)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras femininas.	Variancias iguais assumidas	4,957	,028	1,389	125	,173	,24077	,17582	-,10720	,58874
	Variancias iguais não assumidas			1,412	120,231	,160	,24077	,17046	-,09672	,57825
Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras masculinas.	Variancias iguais assumidas	1,503	,222	,444	125	,658	,07795	,17552	-,26942	42532
	Variancias iguais não assumidas			,453	116,793	,652	,07795	,17215	-,26300	41890
As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento.	Variancias iguais assumidas	,674	,413	,622	125	,535	,10744	,17273	-,23442	44929
	Variancias iguais não assumidas			,630	114,481	,530	,10744	,17058	-,23047	44534
Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver-se normalmente.	Variancias iguais assumidas	,637	,426	-,676	125	,500	-,09846	,14562	-,38667	18975
	Variancias iguais não assumidas			-,577	110,363	,500	-,09846	,14543	-,38666	18973
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Variancias iguais assumidas	3,240	,074	1,561	125	,121	,21974	,14074	-,05879	49828
	Variancias iguais não assumidas			1,574	112,824	,118	,21974	,13963	-,05689	49638
A orientação sexual dos pais/mães, numa família homoparental, não vai afetar a orientação sexual das crianças.	Variancias iguais assumidas	1,402	,239	-,948	125	,345	-,16513	,17419	-,50987	17961
	Variancias iguais não assumidas			-,962	115,390	,338	-,16513	,17157	-,50497	17471
É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais.	Variancias iguais assumidas	2,114	,148	1,147	125	,254	,19462	,16970	-,14123	53046
	Variancias iguais não assumidas			1,143	108,572	,256	,19462	,17025	-,14283	53206

Tabelas 57 e 58 – Teste *t* paramétrico cruzamento dos indicadores bem-estar da criança com a variável contacto interpessoal

Estatísticas de grupo

	Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais?	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras femininas.	Sim	122	1,5000	,87434	,07916
	Não	41	1,9756	1,06037	,16560
Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras masculinas.	Sim	122	1,4672	,85459	,07737
	Não	41	2,0488	1,02350	,15984
As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento.	Sim	122	1,3770	,77489	,07016
	Não	41	1,9756	1,08369	,16924
Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver-se normalmente.	Sim	122	4,6557	,65265	,05909
	Não	41	4,0976	,94353	,14735
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Sim	122	1,3279	,68566	,06208
	Não	41	1,6829	,90662	,14159
A orientação sexual dos pais/mães, numa família homoparental, não vai afetar a orientação sexual das crianças.	Sim	122	4,6557	,74712	,06764
	Não	41	3,9288	1,14870	,17940
É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais.	Sim	122	1,3443	,86024	,07788
	Não	41	1,7805	,98773	,15426

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para igualdade de Médias						
		Z	Sig.	t	df	Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras femininas.	Variâncias iguais assumidas	2,623	,107	-2,851	161	,005	-4,7561	,16681	-.80503	-.14619
	Variâncias iguais não assumidas			-2,591	59,343	,012	-4,7561	,18355	-.94285	-.10837
Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras masculinas.	Variâncias iguais assumidas	3,159	,077	-3,582	161	,000	-.58157	,16238	-.90224	-.26090
	Variâncias iguais não assumidas			-3,275	59,853	,002	-.58157	,17759	-.93681	-.22633
As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento.	Variâncias iguais assumidas	7,969	,005	-3,847	161	,000	-.59856	,15561	-.90586	-.29126
	Variâncias iguais não assumidas			-3,267	54,396	,002	-.59856	,19321	-.96581	-.23131
Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver-se normalmente.	Variâncias iguais assumidas	13,575	,000	4,203	161	,000	,55818	,13281	,29589	,82046
	Variâncias iguais não assumidas			3,516	53,441	,001	,55818	,15876	,23981	,87655
As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	Variâncias iguais assumidas	9,954	,002	-2,834	161	,009	-.35506	,13479	-.62124	-.08887
	Variâncias iguais não assumidas			-2,297	56,169	,025	-.35506	,16480	-.66474	-.04538
A orientação sexual dos pais/mães, numa família homoparental, não vai afetar a orientação sexual das crianças.	Variâncias iguais assumidas	14,954	,000	4,671	161	,000	,72891	,15606	,42073	1,03709
	Variâncias iguais não assumidas			3,802	51,835	,000	,72891	,19173	,34415	1,11366
É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais.	Variâncias iguais assumidas	5,710	,018	-2,704	161	,008	-.43623	,16131	-.75479	-.11786
	Variâncias iguais não assumidas			-2,524	61,667	,014	-.43623	,17280	-.78169	-.09076

Tabela 59 – Cruzamento do indicador de bem-estar da criança “Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigas do casal, avós ou outras figuras femininas” com a variável posicionamento político

Tabulação cruzada Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigas do casal, avós ou outras figuras femininas. * S1_politica

		S1_politica					Total	
		Esquerda	Centro-esquerda	Centro-direita	Direita	Não sei		
Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigas do casal, avós ou outras figuras femininas.	discordo totalmente	Contagem	22	20	14	7	40	103
		% do Total	13,5%	12,3%	8,6%	4,3%	24,5%	63,2%
	discordo	Contagem	5	8	7	1	9	30
		% do Total	3,1%	4,9%	4,3%	0,6%	5,5%	18,4%
	não concordo nem discordo	Contagem	2	3	4	2	9	20
		% do Total	1,2%	1,8%	2,5%	1,2%	5,5%	12,3%
	concordo	Contagem	0	1	5	1	2	9
		% do Total	0,0%	0,6%	3,1%	0,6%	1,2%	5,5%
	concordo totalmente	Contagem	0	0	0	1	0	1
		% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,6%
	Total	Contagem	29	32	30	12	60	163
		% do Total	17,8%	19,6%	18,4%	7,4%	36,8%	100,0%

Tabela 60 – Cruzamento do indicador de bem-estar da criança “Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras masculinas” com a variável posicionamento político

Tabulação cruzada Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras masculinas. * S1_politica

		S1_politica					Total	
		Esquerda	Centro-esquerda	Centro-direita	Direita	Não sei		
Uma criança criada por um casal de lésbicas terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura masculina, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigos do casal, avós ou outras figuras masculinas.	discordo totalmente	Contagem	24	19	13	7	41	104
		% do Total	14,7%	11,7%	8,0%	4,3%	25,2%	63,8%
	discordo	Contagem	2	9	6	1	9	27
		% do Total	1,2%	5,5%	3,7%	0,6%	5,5%	16,6%
	não concordo nem discordo	Contagem	3	3	8	2	8	24
		% do Total	1,8%	1,8%	4,9%	1,2%	4,9%	14,7%
	concordo	Contagem	0	1	3	1	2	7
		% do Total	0,0%	0,6%	1,8%	0,6%	1,2%	4,3%
	concordo totalmente	Contagem	0	0	0	1	0	1
		% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,6%
	Total	Contagem	29	32	30	12	60	163
		% do Total	17,8%	19,6%	18,4%	7,4%	36,8%	100,0%

Tabela 61 – Cruzamento do indicador de bem-estar da criança “as crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências necessárias para o seu normal desenvolvimento” com a variável posicionamento político

Tabulação cruzada As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento. * S1_politica

		S1_politica					Total	
		Esquerda	Centro-esquerda	Centro-direita	Direita	Não sei		
As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento.	discordo totalmente	Contagem	25	26	14	6	40	111
		% do Total	15,3%	16,0%	8,6%	3,7%	24,5%	68,1%
	discordo	Contagem	3	5	6	0	13	27
		% do Total	1,8%	3,1%	3,7%	0,0%	8,0%	16,6%
	não concordo nem discordo	Contagem	1	1	6	4	6	18
		% do Total	0,6%	0,6%	3,7%	2,5%	3,7%	11,0%
	concordo	Contagem	0	0	3	1	1	5
		% do Total	0,0%	0,0%	1,8%	0,6%	0,6%	3,1%
	concordo totalmente	Contagem	0	0	1	1	0	2
		% do Total	0,0%	0,0%	0,6%	0,6%	0,0%	1,2%
	Total	Contagem	29	32	30	12	60	163
		% do Total	17,8%	19,6%	18,4%	7,4%	36,8%	100,0%

Tabela 62 – Cruzamento do indicador de bem-estar da criança “Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver-se normalmente” com a variável posicionamento político

Tabulação cruzada Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver-se normalmente. * S1_politica

			S1_politica					
			Esquerda	Centro-esquerda	Centro-direita	Direita	Não sei	Total
Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver-se normalmente.	discordo totalmente	Contagem	0	0	0	1	0	1
		% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,6%
	discordo	Contagem	0	0	2	0	0	2
		% do Total	0,0%	0,0%	1,2%	0,0%	0,0%	1,2%
	não concordo nem discordo	Contagem	1	2	5	2	6	16
		% do Total	0,6%	1,2%	3,1%	1,2%	3,7%	9,8%
	concordo	Contagem	4	3	9	2	19	37
		% do Total	2,5%	1,8%	5,5%	1,2%	11,7%	22,7%
	concordo totalmente	Contagem	24	27	14	7	35	107
		% do Total	14,7%	16,6%	8,6%	4,3%	21,5%	65,6%
Total	Contagem	29	32	30	12	60	163	
	% do Total	17,8%	19,6%	18,4%	7,4%	36,8%	100,0%	

Tabela 63 – Cruzamento do indicador de bem-estar da criança “A orientação sexual dos pais/mães não vai afetar a orientação sexual das crianças” com a variável posicionamento político

Tabulação cruzada A orientação sexual dos pais/mães, numa família homoparental, não vai afetar a orientação sexual das crianças. * S1_politica

			S1_politica					
			Esquerda	Centro-esquerda	Centro-direita	Direita	Não sei	Total
A orientação sexual dos pais/mães, numa família homoparental, não vai afetar a orientação sexual das crianças.	discordo totalmente	Contagem	0	0	2	1	0	3
		% do Total	0,0%	0,0%	1,2%	0,6%	0,0%	1,8%
	discordo	Contagem	0	0	3	1	0	4
		% do Total	0,0%	0,0%	1,8%	0,6%	0,0%	2,5%
	não concordo nem discordo	Contagem	2	1	5	3	7	18
		% do Total	1,2%	0,6%	3,1%	1,8%	4,3%	11,0%
	concordo	Contagem	3	4	5	1	13	26
		% do Total	1,8%	2,5%	3,1%	0,6%	8,0%	16,0%
	concordo totalmente	Contagem	24	27	15	6	40	112
		% do Total	14,7%	16,6%	9,2%	3,7%	24,5%	68,7%
Total	Contagem	29	32	30	12	60	163	
	% do Total	17,8%	19,6%	18,4%	7,4%	36,8%	100,0%	

Tabela 64 – Cruzamento do indicador de bem-estar da criança “É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais” com a variável posicionamento político

Tabulação cruzada É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais. * S1_politica

			S1_politica					
			Esquerda	Centro-esquerda	Centro-direita	Direita	Não sei	Total
É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais.	discordo totalmente	Contagem	26	28	21	7	42	124
		% do Total	16,0%	17,2%	12,9%	4,3%	25,8%	76,1%
	discordo	Contagem	2	2	5	2	4	15
		% do Total	1,2%	1,2%	3,1%	1,2%	2,5%	9,2%
	não concordo nem discordo	Contagem	1	1	4	1	7	14
		% do Total	0,6%	0,6%	2,5%	0,6%	4,3%	8,6%
	concordo	Contagem	0	1	0	1	7	9
		% do Total	0,0%	0,6%	0,0%	0,6%	4,3%	5,5%
	concordo totalmente	Contagem	0	0	0	1	0	1
		% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,6%
Total	Contagem	29	32	30	12	60	163	
	% do Total	17,8%	19,6%	18,4%	7,4%	36,8%	100,0%	

Anexo 3: O Inquérito por Questionário⁷

Perceções dos/as Estudantes da Universidade da Beira Interior face à homoparentalidade

Caro(a) participante,

Antes de iniciar o preenchimento deste questionário leia, com atenção, o seguinte:

O meu nome é Inês Reis e estou, neste momento, a desenvolver uma investigação cujo objetivo principal é compreender as atitudes dos jovens estudantes universitários em relação às pessoas não-heterossexuais e suas famílias, em particular, pessoas gays e lésbicas. Este estudo faz parte da minha dissertação de Mestrado em Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais, na Universidade da Beira Interior, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Filomena Santos e coorientação da Prof.^a Dr.^a Sandra Ferreira, ambas docentes nesta universidade. Relativamente aos dados recolhidos apenas as autoras referidas vão ter acesso aos mesmos.

O QUESTIONÁRIO DESTINA-SE EXCLUSIVAMENTE A ESTUDANTES PORTUGUESES QUE ESTEJAM A FREQUENTAR UMA LICENCIATURA COM IDADE MÁXIMA DE 23 ANOS. SE É ESTUDANTE ESTRANGEIRO (NACIONALIDADE NÃO PORTUGUESA) E/OU TEM MAIS DE 23 ANOS, AGRADEÇO QUE NÃO RESPONDA.

A resposta a este questionário é ANÓNIMA, CONFIDENCIAL e VOLUNTÁRIA e os dados recolhidos através deste serão apenas utilizados no âmbito deste estudo, não existindo registo dos dados de identificação direta ou indireta dos participantes. É de notar que não existem quaisquer riscos, fontes de financiamento ou proveitos para além dos científicos nem conflitos de interesse. Os dados vão ser tratados através da plataforma SPSS (Statistical Package for the Social Sciences).

Pensamos que os/as estudantes que vão participar neste estudo possam vir a sentir-se gratificados/as por contribuírem para o avanço científico e para o conhecimento desta área da vida social.

Os resultados deste estudo dependem do rigor das suas respostas e da sinceridade com que responde. Estima-se que o questionário demore cerca de 10/15 minutos a ser respondido. Responda de forma sequencial e sem interrupções. Responda, por favor, a todas as questões e ao seu próprio ritmo. Não volte atrás para ver as respostas que já deu, nem reveja no final as suas respostas, uma vez que pretendemos respostas espontâneas. Lembramos que não existem respostas certas ou erradas!

Caso queira alguma informação complementar, envie, por favor, e-mail para:

ines.reis@ubi.pt

*Obrigatório

⁷ A possível desformatação deve-se ao facto do inquérito ter sido convertido de um ficheiro PDF para um ficheiro Word.

1. Compreendi a explicação facultada sobre este questionário e, caso tenha sido necessário, solicitei e recebi todas as informações de que necessitava para esclarecer as minhas dúvidas. Fui informado de que todos os dados recolhidos estarão sob anonimato e serão confidenciais. Fui informado da possibilidade de livremente recusar ou abandonar, a qualquer momento, a participação neste estudo, sem que disso resulte qualquer prejuízo. **CONSINTO EM PARTICIPAR NESTE ESTUDO E NA GUARDA DOS DADOS RECOLHIDOS NOS TERMOS PROPOSTOS. ***

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Caracterização Sociodemográfica

2. 1. Indique o seu sexo. *

Marcar apenas uma oval.

Masculino

Feminino

3. 2. Autoidentificação: Como se define a si próprio/a quanto à orientação sexual e identidade de género? *

Marcar apenas uma oval.

Bissexual

Heterossexual

Gay

Lésbica

Transexual

Outra

4. 3. Qual a sua idade? *

Marcar apenas uma oval.

Menor de 18 anos

18-20 anos

21-23 anos

5. 4. Qual a área científica do seu curso?

** Marcar apenas uma oval.*

Ciências do Desporto

Artes e Letras

Sociologia e Psicologia

Ciências Políticas e Relações Internacionais

Economia, Gestão e Marketing

Medicina e Ciências Farmacêuticas

Ciências Biomédicas e Optometria

Ciências (Física, Química, Biotecnologia) e Matemática

Ciências Aeroespaciais

Informática, Tecnologias e Sistemas de Informação

Arquitetura, Engenharias, Indústrias Transformadoras e Construção (Engenharia Têxtil, Civil...)

6. 5. Em que ano estuda?

Considere o ano curricular.

Marcar apenas uma oval.

1º ano

2º ano

3º ano

4º ano

Outro.

7. 6. Qual a média de entrada na universidade?

Marcar apenas uma oval.

- Abaixo de 11 valores
- Entre 12 e 13 valores
- Entre 14 a 15 valores
- Maior do que 17 valores

8. 7. Qual a sua região de origem/residência antes de vir estudar para a UBI?
(escolha apenas uma resposta, no caso de não ser residente na Covilhã)

Marcar apenas uma oval.

- Norte (região do Grande Porto)
- Norte (outras regiões)
- Covilhã
- Castelo Branco
- Centro (outras regiões)
- Lisboa e Região da Grande Lisboa
- Sul
- Ilhas

9. 8. Em que tipo de aglomerado vivia (ou vive ainda) antes de vir estudar para a UBI? (escolha apenas uma resposta) *

Marcar apenas uma oval.

- Aldeia/ lugar/ vila do interior
- Aldeia/ lugar/ vila do litoral
- Cidade do interior
- Cidade do litoral

10. 9. Qual o seu estado civil?

Marcar apenas uma oval.

Solteira(o)

Casada(o)

11. 10. Qual a sua situação conjugal?

Marcar apenas uma oval.

Vive em casal (casado/a ou em coabitação conjugal informal)

Não vive em casal (não é casado/a nem vive em coabitação conjugal)

Outra situação.

12. 11. Tem filhos?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

13. 12. Qual a sua condição perante o

trabalho? *Marcar apenas uma oval.*

Só estudante

Estuda e trabalha

Desempregado/a

Outra.

13. Indique quais as habilitações escolares da sua mãe e do seu pai. Caso não tenha vivido com ambos os pais, ou com nenhum dos seus progenitores (nem com a mãe, nem com o pai) passe para a pergunta 13.2.

14. 13.1. Qual o grau de escolaridade da sua mãe e do seu pai?

Marque todas que se aplicam.

	Mãe	Pai
Grau inferior ao 3º ciclo (grau inferior ao atual 9º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3º Ciclo Completo (9º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Secundário Completo (12º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Curso pós-secundário (curso médio,, bacharelato ou licenciatura incompleta e cursos de especialização tecnológica não superior)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Licenciatura Completa (ensino superior universitário ou politécnico)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mestrado Completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Doutoramento Completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sabe/não responde	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

15. 13.2. Responda no caso de não ter vivido com ambos os pais ou com nenhum dos seus progenitores (nem com a mãe, nem com o pai).

13.2.1. Qual o laço de parentesco entre si e a pessoa que é para si a sua figura parental principal (a pessoa que o criou e educou)?

Marcar apenas uma oval.

Avôs/ Avós

Tios/ Tias

Outro.

16. 13.2.2. Qual o grau de escolaridade do seu educador/figura parental principal (feminina ou masculina)? (Se estiver indeciso entre duas pessoas, considere a pessoa/educador(a) com o grau de escolaridade mais elevado).

Marcar apenas uma oval.

- Não sabe ler nem escrever
- 3º ciclo (até ao 9º ano)
- Ensino Secundário Completo (12º ano)
- Licenciatura Completa (ensino superior universitário/politécnico)
- Mestrado
- Doutoramento
- Não sabe/não responde

17. 14. Do ponto de vista religioso considera-se... *

Marcar apenas uma oval.

- Católico praticante
- Católico não praticante
- Protestante/ Evangélico praticante
- Protestante/ Evangélico não praticante
- Outra religião (praticante)
- Outra religião (não praticante)
- Sem religião

18. 15. No que diz respeito à política considera-se uma pessoa de...

** Marcar apenas uma oval.*

- Esquerda
- Centro-Esquerda
- Centro-Direita
- Direita
- Não sei

19. 16. Dos seguintes partidos ou coligações, indique aquele pelo qual sente mais simpatia. *

Marcar apenas uma oval.

- CDS/PP (Partido Popular)
- PSD (Partido Social Democrático)
- PS (Partido Socialista)
- Chega
- PCP (Partido Comunista Português)
- BE (Bloco de Esquerda)
- PAN (Pessoas, Animais e Natureza)
- LIVRE
- Partido Ecologista Os Verdes
- Não sente simpatia por nenhum partido
- Outro.

20. 17. Tem amigos ou familiares, com quem se relaciona habitualmente, que são pessoas não heterossexuais (gays, lésbicas, etc.)? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

21. 18. A sua melhor amiga ou o seu melhor amigo é uma pessoa não heterossexual (gay, lésbica, etc.)? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

22. 19. No curso que atualmente frequenta, a temática da homossexualidade e/ou das pessoas não-heterossexuais e das suas famílias já foi abordada e/ou discutida em alguma das suas cadeiras? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Família

23. Diga, por favor, em que medida concorda com as seguintes afirmações. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não concorda nem discorda	Concorda	Concorda Totalmente
1. Interrupção voluntária da Gravidez até às 10 semanas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Compete ao homem ganhar dinheiro e à mulher cuidar da casa e da família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Para ser feliz é sempre melhor viver em conjugalidade (em casal).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Uma criança pequena (até ir para a escola) pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. A criança é prejudicada quando o pai não participa nos cuidados aos filhos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Não faz mal duas pessoas viverem juntas sem tencionarem casar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Eu não me importo que os	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais,, mas o casamento só deveria ser possível para os casais de sexo oposto.

9. Um pai sozinho ou uma mãe sozinha podem criar um filho tão bem como os dois juntos.

10. As pessoas que querem ter filhos devem casar.

11. O pai é tão capaz como a mãe de tomar conta de um bebé com menos de um ano.

12. Eu não me importo que os casais do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os outros casais,, mas a adoção de crianças só deveria ser permitida para os casais de sexo oposto.

13. Quando o casal não consegue resolver os problemas do seu casamento,, o divórcio é a melhor solução.

14. Num casal,, o homem e a mulher devem dividir de forma igualitária as tarefas domésticas e os cuidados aos filhos.

15. Para se ser feliz é necessário um casamento ou uma relação estável.

16. A família formada por um casal,, seja heterossexual ou homossexual,, é a situação ideal para criar e educar as crianças.

17. Cabe mais ao pai impor o respeito.

18. Um casal é sempre preferível a uma pessoa sozinha para educar e criar uma criança.

19. Tudo considerado,, a vida familiar é prejudicada quando a mulher trabalha fora de casa a tempo inteiro.

20. Cabe mais à mãe acompanhar a educação dos filhos.

21. Um casal de duas mulheres pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher.

Homossexualidade

24. De acordo com as seguintes afirmações refira o grau de concordância. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. As causas da homossexualidade estão relacionadas com o papel dos pais na orientação sexual dos filhos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. As causas da homossexualidade estão relacionadas com disfunções hormonais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. As causas da homossexualidade já nascem com o próprio indivíduo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. As causas da homossexualidade não podem ser especificadas pois a sexualidade faz parte da identidade do sujeito.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. As causas da homossexualidade estão relacionadas com problemas hereditários.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. As causas da homossexualidade dizem respeito à escolha que cada um faz de um estilo de vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. As causas da homossexualidade estão relacionadas com as	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

aprendizagens no seio da família e no grupo de pares.

8. As causas da homossexualidade estão relacionadas com a falta de fé religiosa e/ou a falta de cumprimento da palavra de Deus.

9. As causas da homossexualidade estão relacionadas com situações traumáticas vividas na infância.

10. As causas da homossexualidade não possuem uma natureza específica pois a homossexualidade é uma orientação sexual como outra qualquer.

11. As causas da homossexualidade dizem respeito à opção que cada pessoa faz.

Pais, Mães e Crianças

25. Indique o nível de concordância face às seguintes afirmações *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Os homens gays e as mulheres lésbicas não deviam ter filhos porque é pecado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. As crianças de pais gays e mães lésbicas sofrem mais abusos e/ou discriminação na escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Os homens gays e as mulheres lésbicas quando pensam ter filhos não estão a pensar no melhor interesse da criança.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. As crianças de pais gays e mães lésbicas serão homossexuais ou ficarão confusos acerca da sua sexualidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. É preferível uma criança ser adotada por um casal heterossexual,, uma vez que os casais homossexuais têm relacionamentos mais instáveis e trocam mais vezes de parceiros/as.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Devido à ausência de um dos sexos,, os casais homossexuais nunca vão ter tão boas competências	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

parentais como os casais heterossexuais.

7. É mais provável uma criança vir a sofrer abusos sexuais em famílias com pais homossexuais.

8. As crianças de pais gays e mães lésbicas não têm as referências femininas e masculinas necessárias para o seu normal desenvolvimento.

9. A sociedade em geral irá discriminar uma criança adotada por homossexuais (gays ou lésbicas).

10. Na criação dos filhos o amor e a atenção é mais importante que a orientação sexual dos pais.

11. Uma criança adotada por homossexuais irá desenvolver a capacidade de aceitar a sua família e desenvolver -se

normalmente.

12. É preferível uma criança ser adotada por um casal homossexual do que estar

institucionalizada.

13. Se os casais

homossexuais
tiverem boas
condições
financeiras e
emocionais a criança
irá desenvolver-se
normalmente.

14. A orientação
sexual dos
pais/mães,, numa
família
homoparental,, não
vai afetar a
orientação sexual
das crianças.

Proximidade/ Intimidade

26. Diga o quão constrangido se sente ou se sentiria nas situações a seguir descritas. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nada Constrangido	Pouco Constrangido	Não sabe se ficaria ou não constrangido	Muito Constrangido	Muitíssimo Constrangido
1. Ter um amigo ou uma amiga homossexual assumido/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Ter um homossexual,, com as competências adequadas,, como chefe.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Ter um homossexual como colega de trabalho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Ter um filho ou uma filha homossexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Ver um casal de duas mulheres aos beijos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Se um filho seu ou uma filha sua tivesse amizades com homossexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Morar com homossexuais assumidos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Ver um casal de dois homens aos beijos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Parentalidade

27. Diga o grau de concordância com cada uma das afirmações. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Os homens gays e as mulheres lésbicas não deveriam ter filhos porque é algo que não é natural.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. A homossexualidade não é moralmente aceite.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Se fosse eu a decidir acerca da adoção,, entre um casal de sexo oposto e um casal do mesmo sexo,, com condições semelhantes,, eu iria decidir pelo primeiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. As principais dificuldades dos pais gays e das mães lésbicas devem-se aos preconceitos da sociedade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Os filhos e filhas de pais gays e mães lésbicas recebem uma educação mais direcionada para respeitar os outros e para aceitar melhor as diferenças.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Os casais homossexuais dão mais atenção e afeto às crianças do que os heterossexuais,, uma vez que tiveram	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

que ultrapassar mais obstáculos para serem pais.

7. Uma criança criada por um casal de gays terá sempre problemas no seu desenvolvimento psicossocial devido à ausência de uma figura feminina,, ainda que esta ausência possa ser compensada por amigas do casal,, avós ou outras figuras femininas.

8. As dificuldades que os pais gays e as mães lésbicas enfrentam prepara-os para serem bons pais.

9. Uma criança adotada por duas mulheres lésbicas receberá muito mais carinho e terá menos problemas emocionais do que uma criança adotada por dois homens gays.

10. Um casal de homens gays vai ter mais dificuldade em lidar com os problemas dos seus filhos,, principalmente se se tratar de raparigas.

11. Entre um casal lésbico e um casal gay,, a criança vai ter uma melhor educação no casal lésbico,, uma vez que

**as mulheres são
mais propensas aos
afetos e têm mais
atenção às
necessidades dos
filhos.**

**12. Uma criança
criada por um casal
de lésbicas terá
sempre problemas no
seu desenvolvimento
psicossocial devido à
ausência de uma
figura masculina,,
ainda que esta
ausência possa ser
compensada por
amigos do casal,,
avôs ou outras
figuras masculinas.**

Pular para a pergunta 28

Relações Familiares

28. Diga, por favor, em que medida concorda com as seguintes afirmações. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
<p>1. No geral,, é mais fácil para os pais tornarem-se avós e conviverem bem com uma filha lésbica,, com a sua companheira e a criança adotada por ambas,, do que com um filho gay na mesma situação.</p>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
<p>2. É mais fácil para os pais assumirem perante os amigos e familiares que têm uma filha lésbica a viver em conjugalidade/em casal após a chegada de uma criança (adotada).</p>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
<p>3. As crianças dos casais homossexuais vão ser prejudicadas pois vão ter menos contatos com os avós e receber menos ajudas/ apoio afetivo destes e de outros familiares.</p>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
<p>4. É mais fácil para os pais assumirem perante os amigos e familiares que têm uma filha lésbica a viver em conjugalidade/em casal após a realização do</p>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

casamento (entre pessoas do mesmo sexo).

5. Um casal do mesmo sexo que quer ter filhos deve casar.

6. Um casal de gays ou lésbicas com uma boa rede de familiares e amigos tem ótimas condições para adotar uma criança,, da mesma maneira que um casal heterossexual com uma boa rede familiar e social.

7. É mais fácil para os pais assumirem perante os amigos e familiares que têm um filho gay a viver em conjugalidade/em casal após a realização do casamento (entre pessoas do mesmo sexo).

8. Se fosse eu a decidir acerca da adoção,, eu não me importava com a orientação sexual dos futuros pais (homossexual ou heterossexual) e escolheria o casal que tem boas condições e uma boa rede de familiares e amigos.

